

RELATÓRIO DE VIOLÊNCIAS CONTRA PESSOAS LGBTQIA+

Pesquisa da 23ª Parada do Orgulho de Belo Horizonte

Marcelo
Maciel Ramos

Pedro Augusto
Gravatá Nicoli

Júlia Bielskis

Gabriela Alkmin



Desde 2016, o Diverso UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero coordena a Pesquisa da Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte, em parceria com o CELLOS/MG – Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais e com a Prefeitura de Belo Horizonte.

A Pesquisa tem o objetivo de traçar o perfil socioeconômico da população que frequenta o evento, com informações a respeito de identidade de gênero, orientação sexual, raça e outras características; de coletar dados sobre violências perpetradas contra pessoas LGBTQIA+ e sobre percepções e demandas políticas dessa população; além de oferecer informações específicas sobre o perfil e as características das violências vivenciadas pela população trans e travesti.

Após dois anos de hiato em razão das políticas de distanciamento social da pandemia de COVID-19, a 23ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte ocorreu no dia 06 de novembro de 2022, com o tema "Orgulho de ser. Resistir para vencer". Com o retorno do evento, uma nova Pesquisa foi realizada, com a aplicação de 400 questionários entre o público participante. Este Relatório de Violências contra Pessoas LGBTQIA+ expõe os resultados dessa coleta e dá prosseguimento à série histórica iniciada em 2016.

 **diverso**
UFMG

RELATÓRIO DE VIOLÊNCIAS CONTRA PESSOAS LGBTQIA+ Pesquisa da 23ª Parada do Orgulho de Belo Horizonte

 **diverso**
UFMG

UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

MARCELO MACIEL RAMOS
PEDRO AUGUSTO GRAVATÁ NICOLI
JÚLIA BIELSKIS
GABRIELA ALKMIN

**RELATÓRIO DE VIOLÊNCIAS
CONTRA PESSOAS LGBTQIA+**

Pesquisa da 23ª Parada do
Orgulho de Belo Horizonte

2023

DIVERSO UFMG

NÚCLEO JURÍDICO DE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO
OBSERVATÓRIO DE VIOLÊNCIAS CONTRA PESSOAS LGBTQIA+

COORDENAÇÃO DIVERSO UFMG

Marcelo Maciel Ramos

Pedro Augusto Gravatá Nicoli

COORDENAÇÃO DA PESQUISA

Caio Benevides Pedra

Gabriela Campos Alkmin

AUTORES RELATÓRIO FINAL

Marcelo Maciel Ramos

Pedro Augusto Gravatá Nicoli

Júlia Bielskis

Gabriela Alkmin

EQUIPE TÉCNICA

Júlia Bielskis

Aline Lopes

Anna Luísa Braz Rodrigues

Breno Lucas de Carvalho Ribeiro

Enrico Martins Poletti Jorge

Klinsman Matheus Weissmann

Tiffany Rafaela Cruz Santos

DIAGRAMAÇÃO E ARTE

Marina Cupertino Xavier

R382 Relatório de violências contra pessoas LGBTQIA+ [Recurso eletrônico] :
pesquisa da 23ª Parada do Orgulho de Belo Horizonte / Marcelo
Maciel Ramos ... [et al.]. – Belo Horizonte : DIVERSO UFMG, 2023.
1 recursos online (125 p.: il.) : epub.

ISBN: 978-65-88506-10-3.

Inclui bibliografia

1. Direitos humanos. 2. Parada do Orgulho Gay - Belo Horizonte
3. Pessoas LGBTQ+ 4. Orientação Sexual. 5. Homofobia. 6. Transfobia.
7. Violência (Direito). 8. Identidade de gênero. 9. Entrevistas. I. Ramos,
Marcelo Maciel. II. Título.

CDU: 347.628-055.3

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Meire Queiroz - CRB-6/2233.

Introdução

**O Relatório de Violências
contra Pessoas LGBTQIA+
expõe os dados coletados
por meio de entrevistas
estruturadas realizadas no
dia 06 de novembro de
2022, com participantes
da 23ª Parada do Orgulho
LGBT de Belo Horizonte.**

O tema do evento foi "Orgulho de ser. Resistir para vencer", e essa foi a primeira Parada do Orgulho realizada em Belo Horizonte após os dois anos de paralisação em decorrência da Crise da COVID/19.

Este relatório apresenta um vasto banco de dados que reúne informações sobre o perfil socioeconômico, os posicionamentos e as demandas políticas, bem como as violências sofridas e/ou presenciadas pelas pessoas LGBTQIA+ participantes da Parada de Orgulho LGBT de Belo Horizonte.

Para tanto, o relatório se divide em quatro partes. A primeira exhibe **dados socioeconômicos** dos(as) participantes, reunindo informações sobre identidade de gênero, orientação sexual, raça, cor, etnia, idade, origem, renda familiar, escolaridade e trabalho. A segunda parte apresenta **dados sobre percepções e demandas políticas**, reunindo informações sobre filiações política e religiosa, posicionamentos e expectativas políticas. A terceira parte reúne informações sobre violências sofridas e/ou testemunhadas, de modo a arquitetar um acervo de **dados sobre violências contra pessoas LGBTQIA+** no âmbito familiar, escolar e de trabalho, nos espaços públicos e de atendimento à saúde, bem como na relação com agentes da polícia. A quarta e última parte é dedicada a apresentar os **dados específicos sobre o perfil e as violências sofridas pela população transexual e travesti**.

O Relatório é resultado de um trabalho coletivo que compreende um intenso processo de elaboração e discussão dos questionários, treinamento de aplicadores, entrevistas, tabulação, sistematização e análise dos dados. Ele é fruto de uma longa e frutífera parceria entre o DIVERSO UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero, a Prefeitura de Belo Horizonte, a Belotur – Empresa Municipal de Turismo e o CELLOS/MG – Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais.

Vale dizer que os dados aqui apresentados compõem um corpo mais amplo de informações acerca das vivências de pessoas LGBTQIA+ na Região Metropolitana de Belo Horizonte, incluídas em duas outras publicações: *Dados da Violência contra Pessoas LGBTQIA+ na Região Metropolitana de Belo Horizonte* e *Relatos da Violência contra Pessoas LGBTQIA+ na Região Metropolitana de Belo Horizonte*.

A primeira reúne os dados coletados a partir de aplicação de questionário virtual, respondido por 484 pessoas LGBTQIA+ residentes em Belo Horizonte e sua Região Metropolitana, composto pelas mesmas perguntas realizadas na pesquisa da Parada do Orgulho de Belo Horizonte, a qual deu origem ao presente Relatório.

A segunda apresenta uma análise qualitativa de entrevistas em profundidade, realizadas com parte dos respondentes da primeira, de modo a fornecer dados mais abrangentes, detalhados e complexos sobre as experiências de violência vividas por pessoas LGBTQIA+ na RMBH, a partir dos relatos de seus participantes.

As três pesquisas foram produzidas no contexto do *Observatório de Violências contra Pessoas LGBT+*, um Projeto de Extensão conduzido pelo Programa de Extensão Universitária Diverso UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero. Todas estão disponíveis gratuitamente no site do Diverso, www.diversoufmg.com, e fornecem um conjunto significativo e relevante de informações sobre violências contra pessoas LGBTQIA+.

Objetivos e Metodologia

O conjunto de dados aqui apresentados tem como objetivo constituir um banco de dados sobre o perfil e as violências sofridas e/ou presenciadas pela população LGBTQIA+ da Região Metropolitana de Belo Horizonte. O intuito foi o de fazer frente à escassez de dados confiáveis e sistemáticos sobre essa população, bem como o de oferecer um ponto de partida sólido para a discussão de políticas públicas e direitos para essas pessoas.

Em levantamento realizado pelo Diverso UFMG em maio de 2020 sobre estudos disponíveis no Brasil e no mundo acerca da violência contra pessoas LGBTQIA+¹⁻², apenas doze dos sessenta relatórios encontrados foram iniciativas nacionais capitaneadas por órgãos estatais. Dois desses estudos são do Brasil, utilizando dados do Disque 100, sendo que o último deles, de 2019, consiste em um compilado de informações extraídas da plataforma sem uma análise desagregada dos dados relacionados à população LGBTQIA+³.

Esse levantamento apontou que a maior parte dos estudos encontrados sobre o tema no mundo se utiliza de dados não oficiais, sobretudo com a aplicação de *surveys* (em especial on-line e por telefone), entrevistas semi-estruturadas com o público-alvo e ativistas do movimento LGBTQIA+, além de informações obtidas em jornais, revistas e demais canais da mídia. Embora essas metodologias muitas vezes sejam as únicas possíveis diante do desinteresse generalizado de quem tem a estrutura (material e técnica) de recensear a população, o que temos hoje são pesquisas empíricas carentes de representatividade em suas amostras. Isso tem impacto muito concreto na vida das pessoas LGBTQIA+, já que os vieses amostrais diminuem o fôlego de nossas análises e impedem o desenho preciso de políticas públicas voltadas a esse público.

Os relatórios de abrangência mundial ou regional que levantamos, inclusive aqueles coordenados por organizações supranacionais, também não são representativos, uma vez que costumam condensar os dados nacionais, regionais e continentais já marcados por vieses.

¹ O levantamento foi realizado pelos extensionistas Aline Lopes, João Zini e Samantha Nagle. A pesquisa foi feita pelo mecanismo de busca do Google, dividida por regiões geográficas, e usando palavras-chave.

² Essa amostra seguramente não é representativa de todos os estudos existentes sobre o tema, tanto em razão do viés do algoritmo de ranqueamento do Google quanto das limitações de proficiência linguística da equipe, que só pôde analisar relatórios em língua portuguesa, espanhola, inglesa ou francesa.

³ Notadamente, este relatório comete erros terminológicos básicos, incluindo orientações sexuais na categoria "identidades de gênero", como se fossem conceitos sinônimos. Em diversos momentos, os dados referentes à população LGBT foram agregados com os dados de outros grupos vulneráveis, dificultando a extração de informações mais precisas sobre violências propriamente LGBTfóbicas.

⁴ CIDH. Corte Interamericana de Derechos Humanos. Violencia contra Personas Lesbianas, Gay, Bisexuales, Trans e Intersex em América. Novembro 2015. Disponível em: <https://www.oas.org/es/cidh/informes/pdfs/ViolenciaPersonasLGBTI.pdf>.

⁵ CIDH. Corte Interamericana de Derechos Humanos. Avances y desafíos hacia el reconocimiento de los derechos de las personas LGBTI em Las Américas. Dezembro 2018. Disponível em: <http://www.oas.org/es/cidh/informes/pdfs/LGBTI-ReconocimientoDerechos2019.pdf>.

No contexto da América Latina, a própria Comissão Interamericana de Direitos Humanos já reconheceu, em duas oportunidades (2015; 2018)⁴, que a subnotificação (motivada pelo medo de represálias e pela desconfiança no sistema de justiça criminal), além da limitação dos mecanismos oficiais de coleta (sem desagregação dos dados relativos às pessoas pertencentes à sigla LGBTI e sem consideração das variadas vulnerabilidades a que estão sujeitas), levam a uma ausência de dados quantitativos/qualitativos confiáveis sobre violência LGBTfóbica na região.

No caso do Brasil, especificamente, a Comissão (2018, p. 36)⁵ alertou que no país "ou nenhuma informação é coletada ou, quando a informação é coletada, ela não é devidamente desagregada" (tradução nossa). A Secretária Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+, Symmy Larrat, após assumir esse novíssimo cargo da administração pública federal, confirmou esse "cenário de terra arrasada", em suas palavras: "A gente não tem muita informação, porque a gente foi apagada do cenário" (LISBOA, 2023)⁶.

Nesse contexto, o Diverso UFMG constituiu o *Observatório de Violência contra Pessoas LGBTQ+* com a finalidade de coletar e sistematizar dados sobre a população LGBTQIA+ no Brasil. Não se tem a pretensão de produzir dados de caráter censitário, o que entendemos ser papel do Estado brasileiro, por meio de suas agências e forças de segurança. O objetivo, aqui, é o de constituir, a partir de uma ampla discussão metodológica, mecanismos de coleta de dados sobre a população LGBTQIA+, que possam ser facilmente replicados por outros grupos, em qualquer parte do Brasil, de modo a fomentar um mosaico de informações sobre o perfil, as posições e as violências sofridas por esse grupo.

Em um primeiro momento, o que fizemos foi coletar, desde 2016, dados dos participantes das Paradas do Orgulho LGBTQ+ de Belo Horizonte. O conjunto de dados apresentado neste Relatório é resultado, portanto, da 5ª coleta que fizemos

⁶ LISBOA, Vinícius. "A gente foi defenestrada da política pública", diz secretária LGBTQIA. Terra, 16 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/a-gente-foi-defenestrada-da-politica-publica-diz-secretaria-lgbtqia,dcdc6c80026b38b620180a0110c5e9f2w1k2xy4n.html>.

por ocasião das Paradas do Orgulho da cidade, todas elas publicadas na forma de Relatórios no site do Diverso UFMG. Estes 5 Relatórios passam a constituir uma importante série histórica que nos permite analisar variações em relação não só ao público da Parada, mas à maneira como a população LGBTQIA+ de Belo Horizonte e Região Metropolitana percebe sua identidade sexual e de gênero e a violência a que é submetida nos variados espaços da vida. Em um segundo momento, o objetivo foi o de ampliar os lugares de coleta de dados para a internet e para outras Paradas do Orgulho de Minas Gerais. Essa ampliação foi realizada em uma primeira coleta virtual no ano de 2022 e publicada no livro *Dados da Violência contra Pessoas LGBTQIA+ na Região Metropolitana de Belo Horizonte*. A ampliação para outras para outras cidades mineiras ficou, por enquanto, frustrada, em razão da Pandemia de Covid/19 que limitou a mobilidade e os recursos de nossa equipe.

Cabe ressaltar que a realização de entrevistas na Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte aproveita a grande concentração de pessoas LGBTQIA+ presentes, bem como a diversidade do público, de modo a garantir uma amostra de dados bastante rica e variada para a pesquisa.

Em 2022, coletamos, a partir da aplicação de questionários fechados aos participantes da parada, informações sobre identidade de gênero, orientação sexual, raça, cor, etnia, idade, origem, renda familiar, escolaridade e trabalho, filiações política e religiosa, expectativas políticas, bem como dados sobre a experiência de violência sofrida por pessoas LGBTQIA+ em razão de sexualidade ou identidade de gênero nos espaços da família, da escola, do trabalho, dos serviços de saúde e de segurança pública.

Para o público estimado de 150 mil pessoas⁷, foram aplicados 400 questionários no dia 06 de novembro de 2022, durante a realização da Parada. Trata-se de uma amostragem significativa, que garante um grau de confiabilidade míni-

⁷ Informação coletada no link: <https://www.otempo.com.br/cidades/parada-do-orgulho-lgbtqiareune-milhares-de-pessoas-no-centro-de-bh-1.2762197>. Vale observar que houve uma diminuição de 100 mil pessoas no público estimado quando comparado com a 22ª edição, que ocorreu em 2019. Isso pode se dever ao fato de a Parada ter ocorrido em mês diferente das edições anteriores (em geral, os encontros são em julho, e em 2022 a manifestação ocorreu em novembro), ou a um desengajamento posterior à paralisação causada pela Pandemia de Covid-19.

mo de 95%, admitindo um erro padrão de 5% para fins estatísticos não só para fins de consideração do público da Parada, mas também, com maior viés, em razão das especificidades do público participante, da população LGBTQIA+ de Belo Horizonte e região.

A coleta de informações foi feita através de entrevistas estruturadas na forma de questionários padronizados, o que permite obter dados quantitativos estatisticamente analisáveis. A utilização de um questionário previamente elaborado possibilita a coleta consistente de dados, garantindo que todos os participantes sejam expostos às mesmas perguntas e opções de resposta, o que contribui para a obtenção de resultados comparáveis e confiáveis.

A amostragem deste estudo é de tipo aleatório simples e voluntário. Isso significa que qualquer participante da 23ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte tem a mesma chance de ser selecionado(as) para participar da pesquisa. No entanto, é importante ressaltar que a participação voluntária dos indivíduos na pesquisa pode gerar viés de seleção, uma vez que as pessoas que optam por responder ao questionário podem ter características diferentes daquelas que escolhem não participar. Além disso, as respostas fornecidas pelos participantes podem estar sujeitas a vieses de memória, interpretação ou desejo de agradar o(a) entrevistador(a).

A coleta de dados da Pesquisa da Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte foi realizada por meio de parceria firmada entre o Diverso UFMG e a Belotur – Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte, com a atuação de empresa especializada na aplicação de questionários para órgãos públicos – Consulting do Brasil. A coordenação da Pesquisa foi feita por Caio Pedra e Gabriela Alkmin, membros do Diverso UFMG, e a equipe de 13 aplicadores contou com 5 extensionistas do Diverso: Anna Luísa Braz Rodrigues, Breno Lucas de Carvalho Ribeiro, Enrico Martins Poletti Jorge, Klinsman Matheus Weissmann e Tiffany Rafaela Cruz Santos. Todas as ações da equipe foram supervisionadas pelos professores Marcelo Maciel Ramos e Pedro Augusto Gravatá Nicoli, docentes na Faculdade de Direito e coordenadores do Diverso UFMG.

Antes da Parada, reuniões de preparação e reavaliação da Pesquisa foram realizadas pelo Diverso e a Belotur, de modo a acertar a dinâmica de aplicações, a extensão dos questionários e o conteúdo das perguntas, respeitando-se a série histórica de Pesquisas conduzidas pelo Diverso UFMG.

No dia da Parada, a equipe utilizou o aplicativo *GDS Desenvolvimento* para a aplicação dos questionários, com acesso fornecido pela Consulting do Brasil. Cada aplicação durava entre 10 e 15 minutos. No total, 411 pessoas foram entrevistadas pela equipe, tendo sido 11 questionários descartados em razão de preenchimento equivocado ou desistência de participação, chegando-se à amostra de 400 respondentes. Ao final do evento, as 400 entrevistas aprovadas para utilização foram compiladas e gerou-se uma planilha com a totalidade dos dados obtidos. A partir disso, os dados foram tratados e utilizados para a formulação dos gráficos e das análises que se apresentam neste documento.

Introdução

Objetivos e Metodologia

Dados Socioeconômicos

**Dados Sobre Percepções
e Demandas Políticas**

**Dados Sobre Violências
Contra Pessoas Lgbtqia+**

**Dados Sobre Violência Contra
Pessoas Trans e Travesti**

Conclusão

04

08

30

36

52

90

118

Dados Socioeconômicos

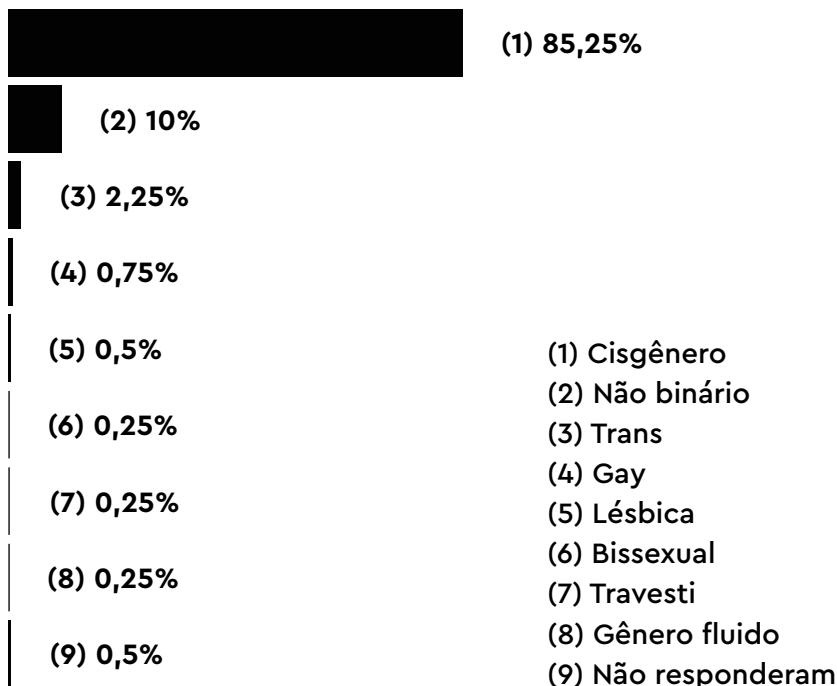
IDENTIDADE DE GÊNERO

Durante a 23ª Parada do Orgulho LGBT, realizada em Belo Horizonte no ano de 2022, foi possível notar que, entre os(as) entrevistados(as) 85,25% declararam-se cisgênero (identificam-se com o gênero igual ao sexo de nascimento). Enquanto isso, 2,25% declararam-se transgênero, 0,25% travesti, 10% não binário, 0,25% gênero fluido. Por fim, 1,5% responderam com base na sua orientação sexual, e 0,5% preferiram não responder.

Na 22ª Parada do Orgulho LGBT, que ocorreu em 2019⁸, 89,2% identificavam-se como cisgênero, enquanto 5% se identificavam como transgênero, 4% não binário, 0,8% travesti, 0,5% gay, 0,3% intersexo e 0,3% demigênero.

⁸ Importante notar que a Parada do Orgulho LGBT de 2022 foi a primeira parada posterior a crise da COVID-19. Sendo assim, a comparação dos dados aqui coletados com a última edição antes da pandemia, em 2019, se faz elementar para que seja possível uma análise sobre os impactos que a pandemia acarretou na população LGBTQIA+.

GRÁFICO 1 IDENTIDADE DE GÊNERO(%) 2022



Fonte

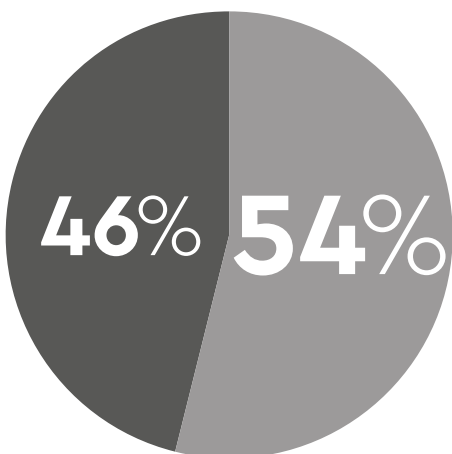
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Entre aqueles que se declararam **cisgênero**, aproximadamente **46,04% identificaram-se com o gênero masculino e 53,95% com o gênero feminino.**

Em 2019, esses números foram de 49,4% do gênero feminino e 49,4% do gênero masculino.

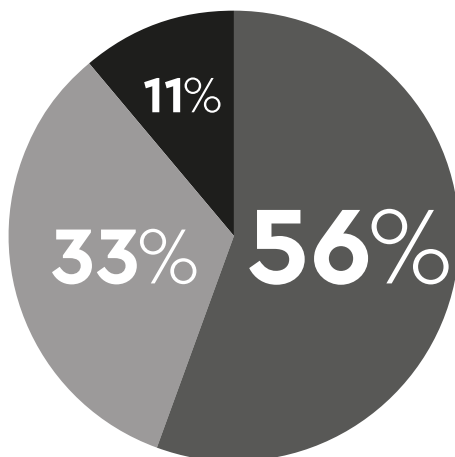
**GRÁFICO 2
CISGÊNERO(%) 2022**

- Masculino
- Feminino



**GRÁFICO 3
TRANSGÊNERO(%) 2022**

- Masculino
- Feminino
- Agênero



Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFGM – 2022

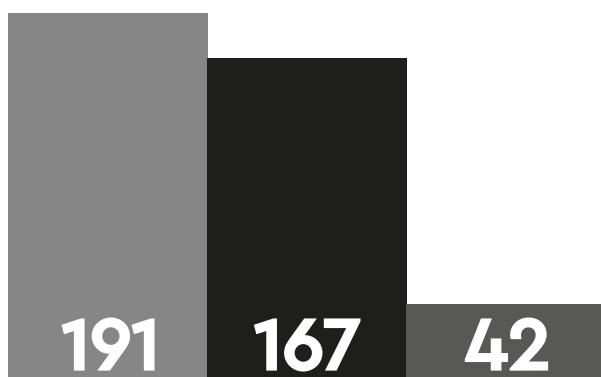
Com relação aos que responderam que se identificavam como **transgênero**, **11,11% identificavam-se como agênero**, **33,33% como pertencentes ao gênero feminino** e **55,55% como do gênero masculino**.

Na última edição esses dados eram de 31,6% de pessoas se identificando como do gênero feminino e 63,2%, como do gênero masculino.

Com o intuito de finalizar a seção referente a **identidade de gênero**, o gráfico a seguir demonstra a relação entre os(as) entrevistados(as) com aspectos de gênero. Observa-se que **191 dos(as) entrevistados(as) se consideravam como do gênero feminino**, **167 do gênero masculino**, e **42 como agênero, gênero fluido, não binário e outros**.

GRÁFICO 4 RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COM OS ASPECTOS DE GÊNERO 2022

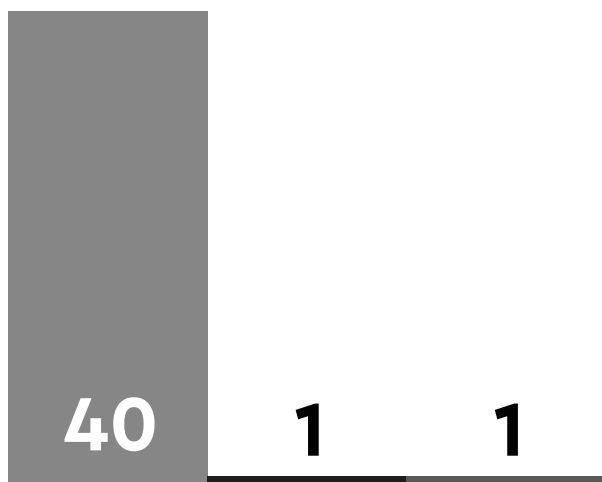
- Feminino
- Masculino
- Agênero, gênero fluido, não binário e outros



Dentro da categoria de pessoas agênero, gênero fluido, não binário e outros, foi possível observar que **40 entrevistados(as) se identificavam como não binários, 1 como trans e 1 como outros.**

GRÁFICO 5 RELAÇÃO NA CATEGORIA AGÊNERO, GÊNERO FLUIDO, NÃO BINÁRIO E OUTROS 2022

- Não binário
- Trans
- Outros



20

Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG - 2022

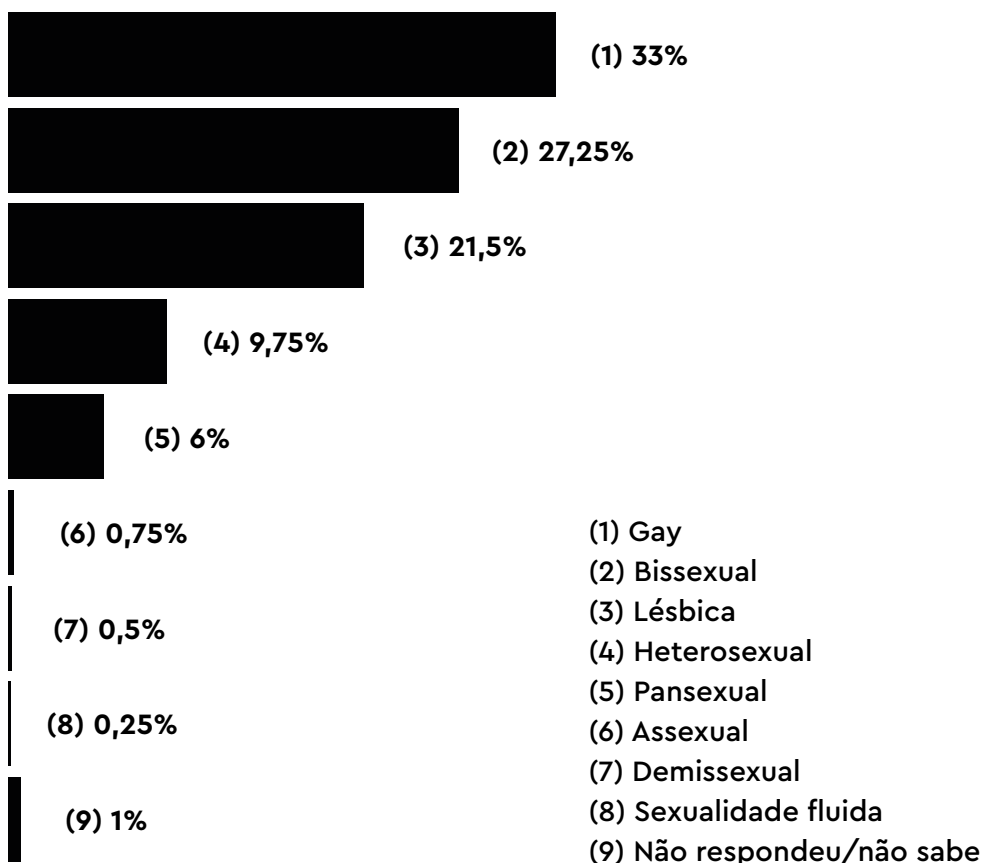
ORIENTAÇÃO SEXUAL

Ao serem questionadas sobre sua orientação sexual, 33% das pessoas identificaram-se como gays, 27,25% como bissexuais, 21,5% como lésbicas, 6% como pansexuais, 0,75% como assexuais, 0,5% como demissexuais, 0,25% como tendo uma sexualidade fluida. Nesse contexto, ainda, 1% dos(as) entrevistado(as) não responderam ou responderam que não sabem.

Com isso, nota-se que a maioria do(as) participantes, **89,25%, declarou-se como não-heterossexual**, enquanto 9,75% declarou ser heterossexual.

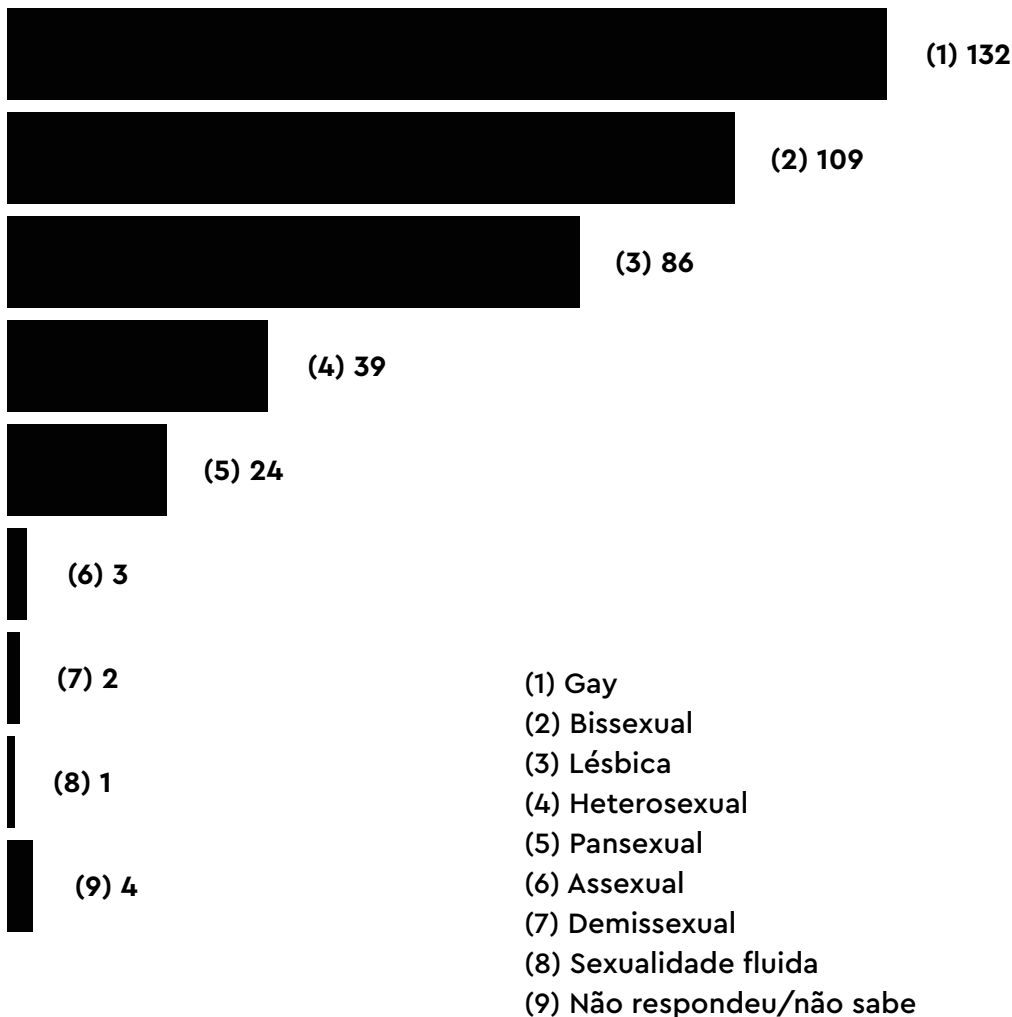
Na Parada de 2019, entre os(as) entrevistados(as), 17,4% identificavam-se como heterossexuais, pelo que se constata uma diminuição no número de participantes heterossexuais na edição. Além disso, é possível identificar um aumento na participação daqueles(as) que se declaram bissexuais, já que em 2019 eles(as) representavam 19,9%.

GRÁFICO 6 ORIENTAÇÃO SEXUAL(%) 2022



O gráfico abaixo retrata a quantidade numérica dos(as) entrevistados(as) com relação à orientação sexual.

GRÁFICO 7
ORIENTAÇÃO SEXUAL EM
QUANTIDADE DE PESSOAS 2022

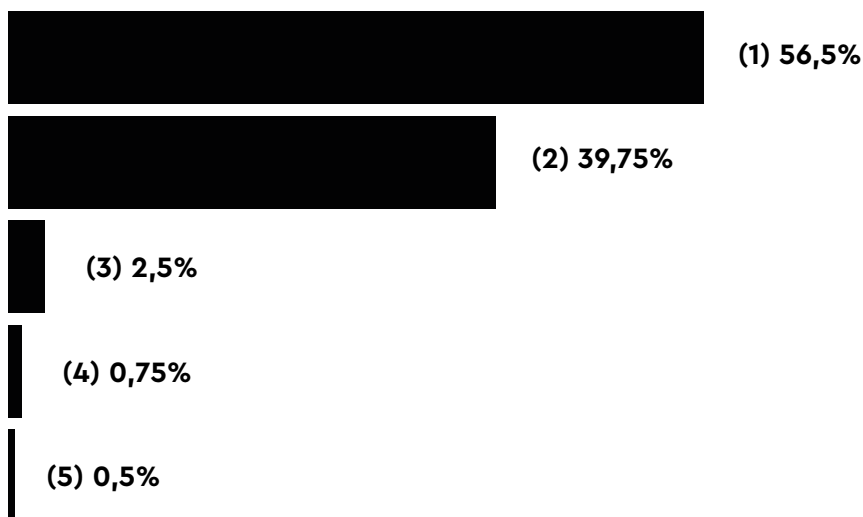


RAÇA, COR E ETNIA

A maioria dos(as) entrevistados(as), 56,5%, declarou sua cor ou raça como negra. 39,75% declarou-se de raça branca, 2,5% amarela, 0,75% indígena e 0,5% optou por não declarar.

Semelhante proporção pode ser observada na parada de 2019, na qual a maioria dos participantes (59,2%) declarou-se como negra e 39% como branca.

GRÁFICO 8
RAÇA/COR(%) 2022



- (1) Negro
- (2) Branco
- (3) Amarelo
- (4) Indígena
- (5) Não declarou

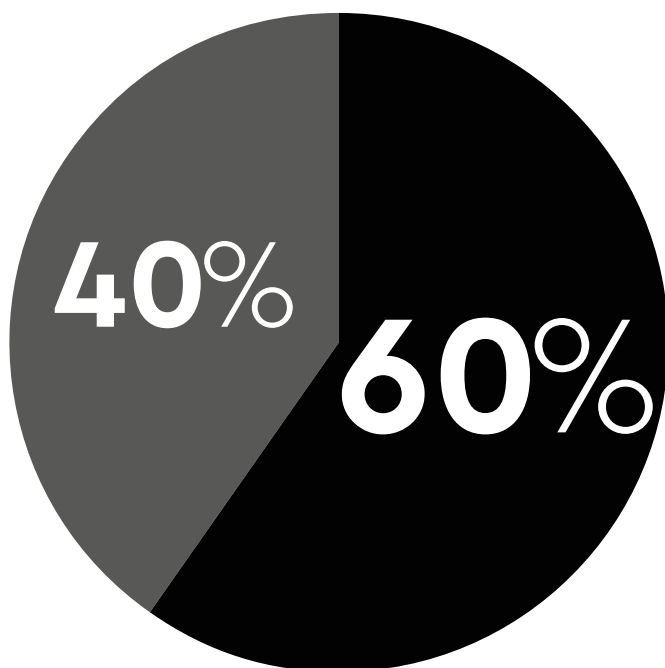
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Dentre aqueles que se declararam negros(as), **aproximadamente 40,26% declararam-se como pardos(as) e 59,73% como pretos(as).**

GRÁFICO 9
DOMICÍLIO DOS RESPONDENTES

- Parda
- Preta

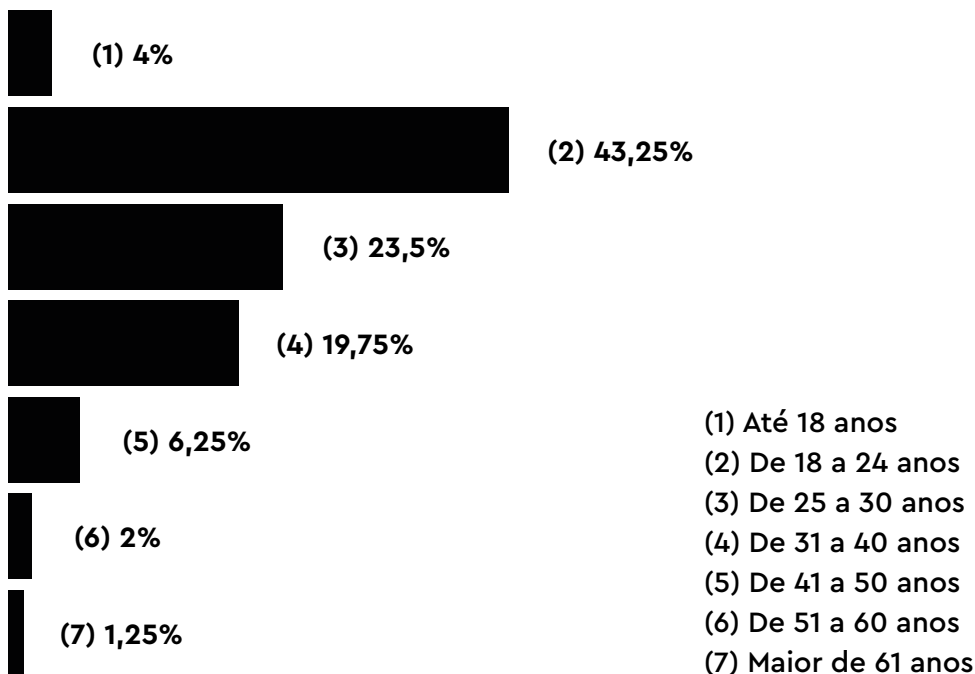


FAIXA ETÁRIA

Conforme os dados coletados nas entrevistas, é possível constatar que o público da Parada do Orgulho LGBT de 2022 é predominantemente jovem. 43,25% dos(as) entrevistados(as) têm entre 18 e 24 anos. 4% têm até 18 anos, 23,5% estão na faixa etária entre 25 e 30 anos, 19,75% têm entre 31 e 40 anos, 6,25% entre 41 e 50 anos, 2% entre 51 e 60 anos, e 1,25% têm mais de 61 anos.

Comparando com os dados obtidos no relatório da Parada de 2019, observa-se que houve um aumento no público com mais de 31 anos, que representava 18,9% dos(as) entrevistados(as). Por outro lado, em 2022 ocorreu uma diminuição na quantidade de menores de 18 anos, em 2019 essa categoria era de 10,6% dos(as) entrevistados(as).

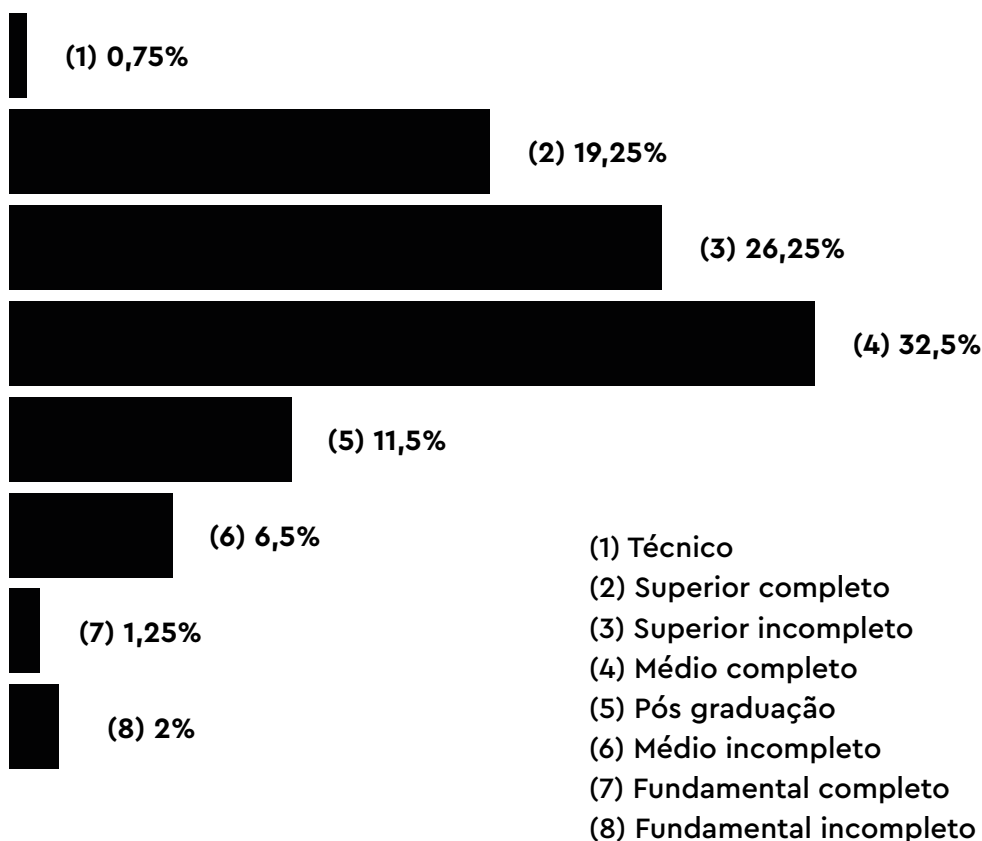
GRÁFICO 10
FAIXA ETÁRIA (%) 2022



ESCOLARIDADE

Quanto à escolaridade, entre os participantes da pesquisa, 32,5% afirmaram possuir ensino médio completo, seguidos por 26,25% com ensino superior incompleto, 19,25% com ensino superior completo, 11,5% com pós-graduação, 6,5% com ensino médio incompleto, 2% com ensino fundamental incompleto, 1,25% com ensino fundamental completo, e 0,75% com curso técnico.

GRÁFICO 11
ESCOLARIDADE (%) 2022



Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG - 2022

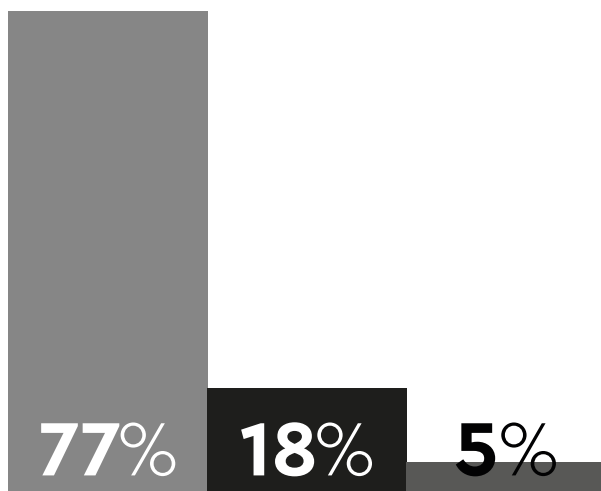
Em 2019 a situação era de: 1,8% com fundamental incompleto, 2% fundamental completo, 14,1% médio incompleto, 31% médio completo/técnico, 23,7% superior incompleto, 19,4% superior completo, 6,8% pós-graduação.

TIPO DE INSTITUIÇÃO DE ENSINO CURSADA

A maioria dos(as) entrevistados(as) frequentou ou frequenta o ensino fundamental apenas em instituições públicas de educação, totalizando 77,25%. 17,5% frequentaram/frequentam apenas instituições particulares e 5,25% ambas.

GRÁFICO 12 ENSINO FUNDAMENTAL(%) 2022

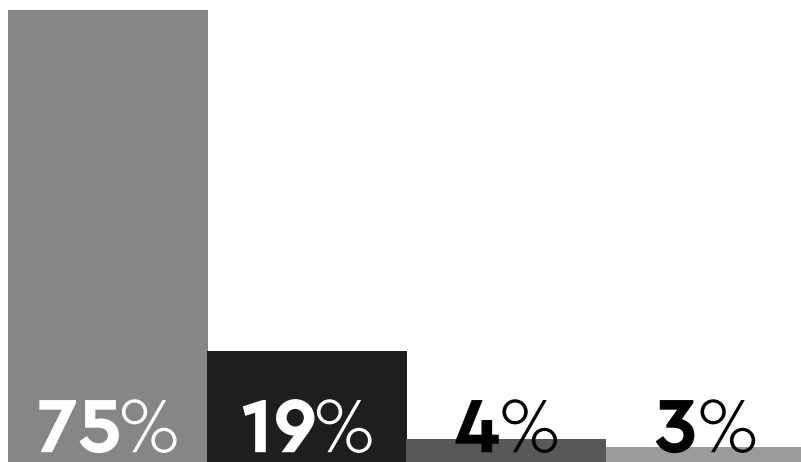
- Apenas em escola pública
- Apenas em escola particular
- Ambas



Com relação ao **ensino médio**, a maioria declarou que estuda ou estudou em **instituição pública (74,5%)**. **18,5%** em instituição particular, **3,75%** em ambas e **3,25%** não cursaram o ensino médio ou não responderam.

GRÁFICO 13
ENSINO MÉDIO(%) 2022

- Apenas pública
- Apenas particular
- Ambas
- Não cursou ou não respondeu



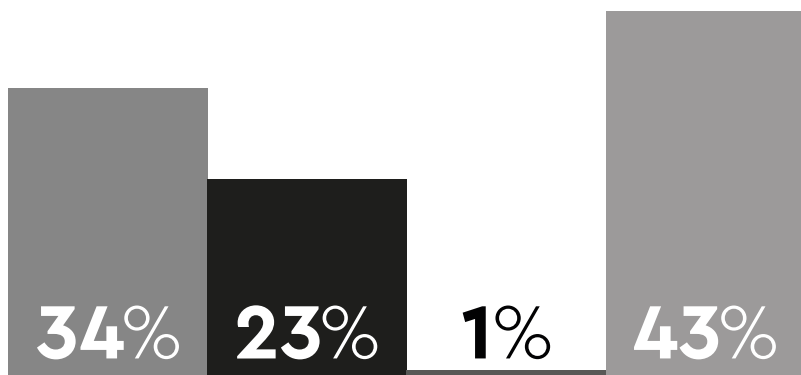
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Dentre os(as) entrevistados(as), **33,75% cursam ou cursaram o ensino superior em instituições particulares de educação, 22,75% apenas em públicas, 0,5% em ambas** e 43% não cursaram ou não responderam.

GRÁFICO 14 DOMICÍLIO DOS RESPONDENTES

- Apenas pública
- Apenas particular
- Ambas
- Não cursou ou não respondeu



EMPREGABILIDADE

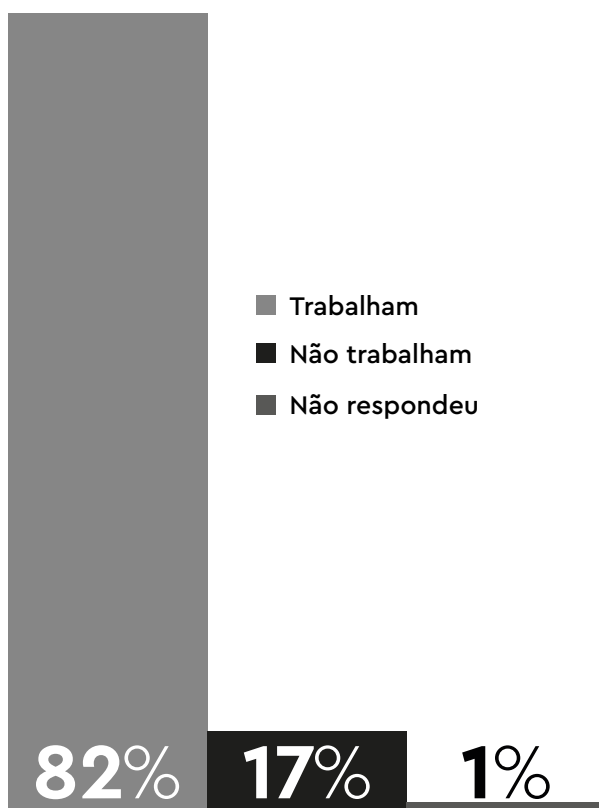
No que tange à ocupação atual, no momento da pesquisa, a maioria (81,75%) afirmou trabalhar. 17% não estavam trabalhando⁹ e 1,25% não responderam.

Muito diferente era a situação dos(as) entrevistados(as) na Parada do Orgulho LGBT de 2019, na qual somente 54,4% afirmaram trabalhar, enquanto 31,8% não estavam trabalhando¹⁰.

⁹ Dentro dessa categoria estão aqueles que se dedicam exclusivamente aos estudos, os(as) desempregados(as) e os(as) aposentados(as).

¹⁰ Idem.

GRÁFICO 15
EMPREGABILIDADE(%) 2022



Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Tomando como base a ocupação, **45,75% afirmaram ser assalariados(as) com carteira assinada, 11,25% trabalham por conta própria de modo regular, 11% são exclusivamente estudantes, 6,75% atuam como profissionais liberais, 6,25% atuam como funcionários(as) público, 5,25% são assalariados sem carteira assinada, 5,25% estão desempregados, 3,25% são estagiários, 1,5% trabalham por conta própria de modo irregular, 1% são empregadores com mais de 2 funcionários, 0,75% estão aposentados, 0,75% se enquadram em outras ocupações e 1,25% não responderam.**

Outro ponto que chama atenção é o aumento dos participantes que possuem ocupação com carteira assinada, já que em 2019 somente 26,4% dos(as) entrevistados(as) estavam nessa situação. Ademais, ocorreu uma diminuição naqueles que se dedicam exclusivamente aos estudos – em 2019, esse número era de 20,7%.

GRÁFICO 16 OCUPAÇÃO(%) 2022

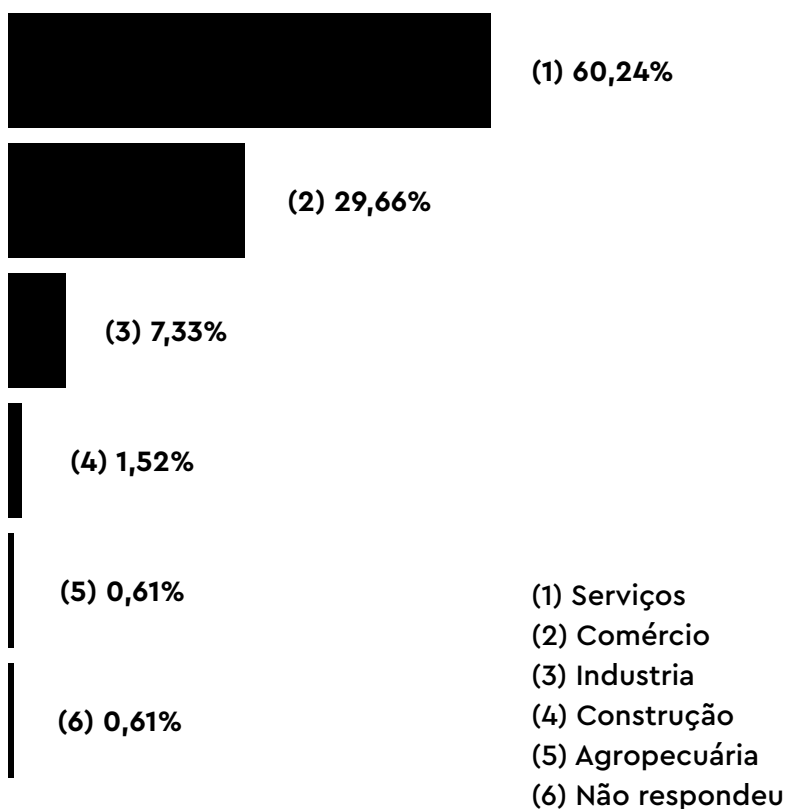
Ocupação	%
Assalariado com carteira	45,75
Conta própria regular	11,25
Exclusivamente estudante	11
Profissional Liberal	6,75
Funcionário público	6,25
Assalariado sem carteira	5,25
Desempregado	5,25
Estagiário	3,25
Conta própria irregular	1,5
Empregador	1
Aposentado	0,75
Outros	0,75
Não respondeu	1,25

Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Dentre aqueles que se encontram trabalhando, **aproximadamente 60,24%, atuam no setor de serviços**. Ainda, aproximadamente **29,66% atuam no comércio, 7,33% na indústria, 1,52% na construção, 0,61% na agropecuária** e 0,61% não responderam.

GRÁFICO 17
SETOR ECONÔMICO(%) 2022

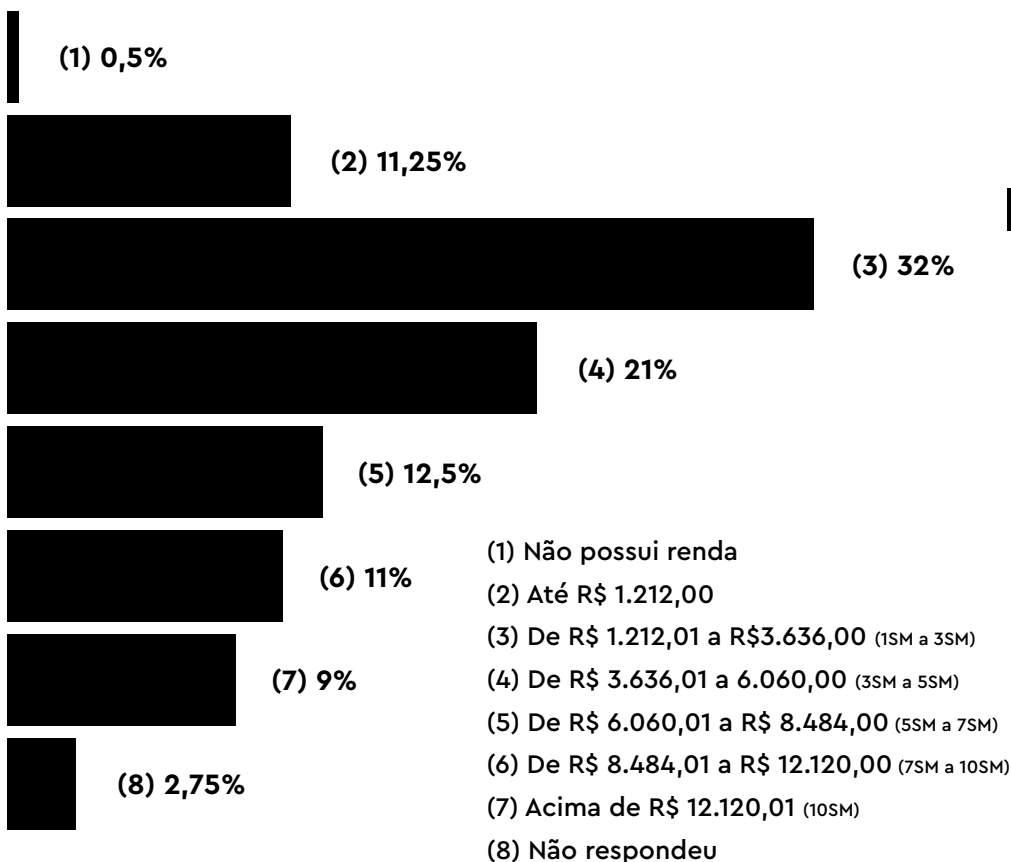


RENDA FAMILIAR

Em 2022, quase a metade dos(as) participantes, 43,75%, afirmou não ter renda ou ter renda familiar mensal de até 3 salários-mínimos. Nesse contexto, 0,5% afirmaram não possuir renda, 11,25% têm renda familiar de até 1 salário-mínimo, 32% entre 1 e 3 salários-mínimos, 21% de 3 a 5 salários-mínimos, 12,5% entre 5 e 7 salários-mínimos, 11% entre 7 e 10 salários-mínimos, 9% mais de 10 salários mínimos e 2,75 não responderam.

Dados semelhantes foram coletados em 2019, no qual 49,4% declararam não ter renda ou ter renda familiar mensal de até 3 salários mínimos.

GRÁFICO 18
RENDA(%) 2022



Fonte

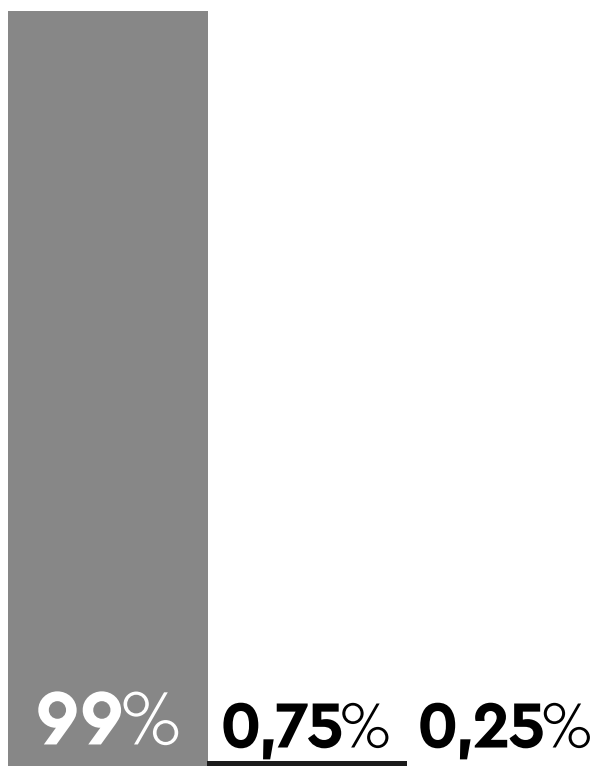
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

ORIGEM DOS PARTICIPANTES

99% dos(as) participantes da 23ª Parada é de Minas Gerais, enquanto 0,75% vieram de São Paulo e 0,25% do Rio de Janeiro.

GRÁFICO 19
ESTADO DE ORIGEM(%) 2022

- Minas Gerais
- São Paulo
- Rio de Janeiro



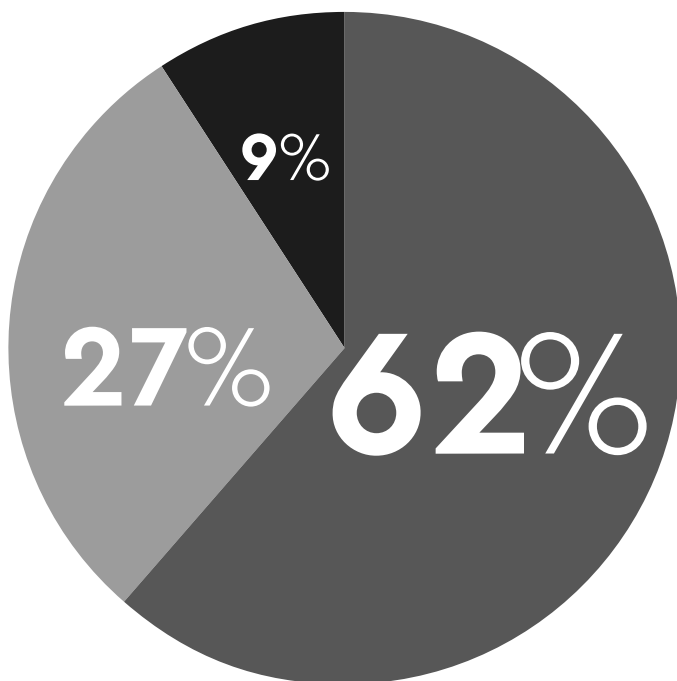
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Dentre aqueles que são de Minas Gerais, **aproximadamente 61,61% são de Belo Horizonte, 29,29% da região metropolitana e 9,09% do interior de Minas Gerais.**

GRÁFICO 20
PARTICIPANTES DE MINAS GERAIS(%) 2022

- Belo Horizonte
- Região metropolitana
- Interior de Minas



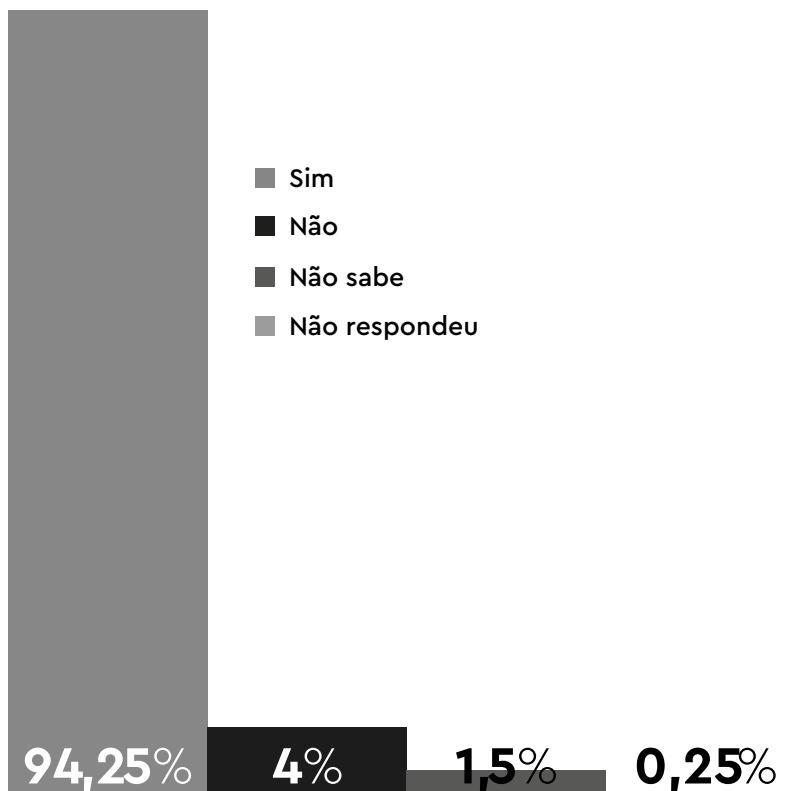
Dados sobre Percepções e Demandas Políticas

POSICIONAMENTO POLÍTICO

Perguntados(as) sobre os(as) candidatos(as) em quem votam em pleitos eleitorais, **94,25%, afirmaram votar em candidatos(as) LGBTQIA+. 4% afirmaram não votar em candidatos(as) LGBTQIA+, 1,5% não sabem e 0,25% não responderam.**

Quando comparado com a última edição, que ocorreu em 2019, observa-se um aumento nos(as) participantes que votam em candidatos(as) LGBTQIA+, posto que na época esse grupo contava em 86,6% dos(as) entrevistados(as).

GRÁFICO 21
VOTA EM CANDIDATOS LGBT+(%) 2022



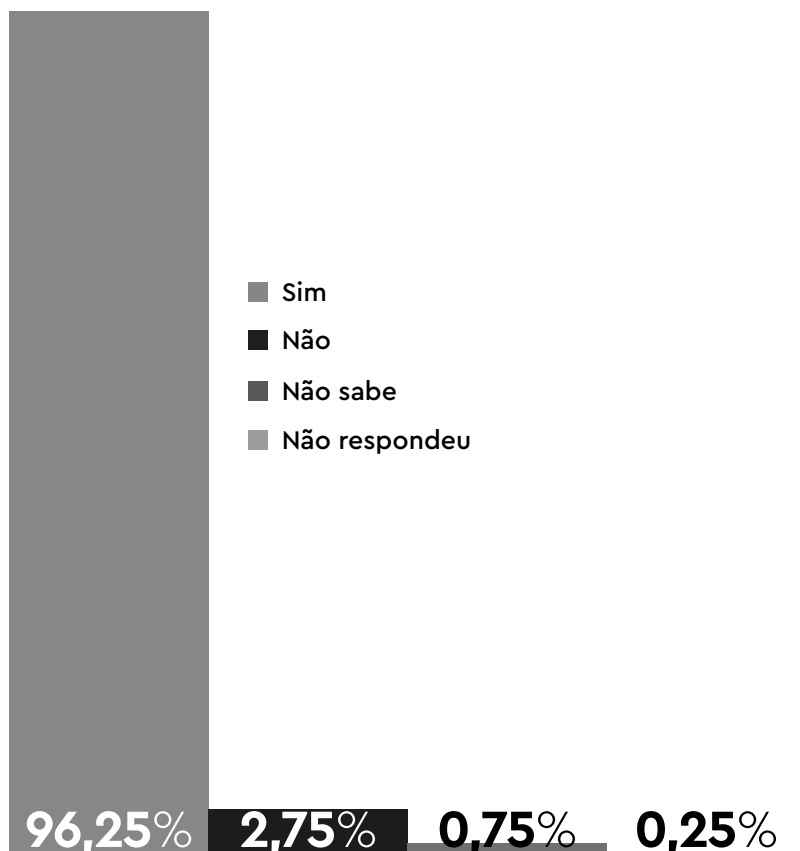
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Em relação a **candidatos(as) com pautas favoráveis aos LGBTQIA+**, **96,25% afirmaram votar nesses(as) candidatos(as)**, **2,75 não votam**, **0,75% não sabem** e **0,25% não responderam**.

Na edição de 2019, 91,7% dos(as) entrevistados(as) afirmaram votar em candidatos(as) favoráveis às pautas LGBTQIA+.

GRÁFICO 22
VOTA EM CANDIDATOS COM PAUTAS
FAVORÁVEIS AOS LGBT+(%) 2022



Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG - 2022

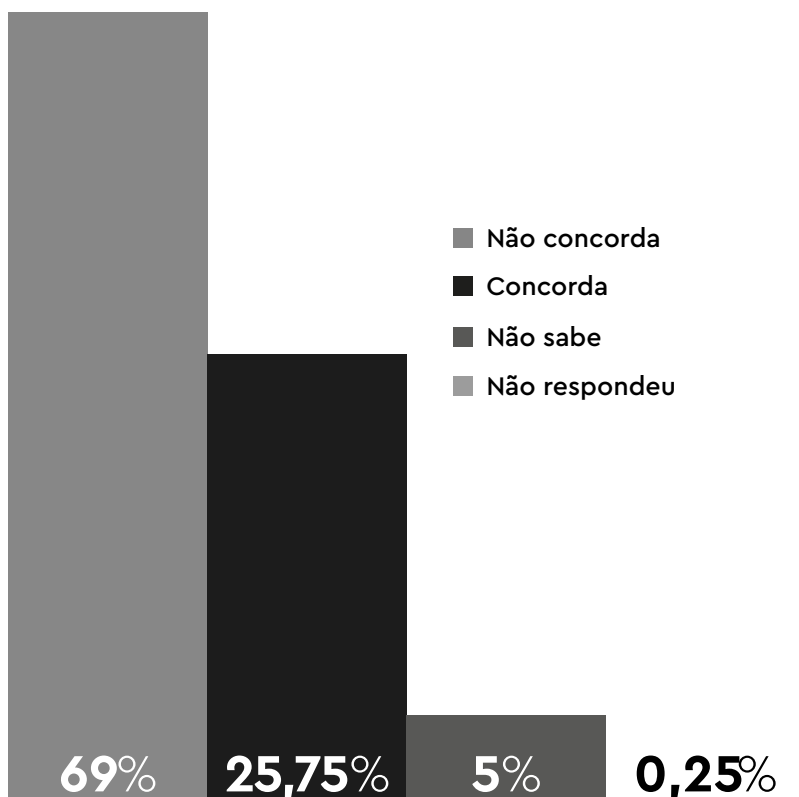
REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

Perguntados(as) se achavam que os políticos representavam os interesses LGBTQIA+, 69% dos(as) participantes responderam que não representam, 25,75% acreditam que representam, 5% não sabem e 0,25% não responderam.

Semelhante situação foi averiguada na Parada de 2019, na qual 70,8% dos(as) participantes não achavam que os políticos representavam as pessoas LGBTQIA+.

GRÁFICO 23

PARTICIPANTES QUE CONCORDAM QUE OS POLÍTICOS REPRESENTAM OS INTERESSES LGBT+(%) 2022



Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG - 2022

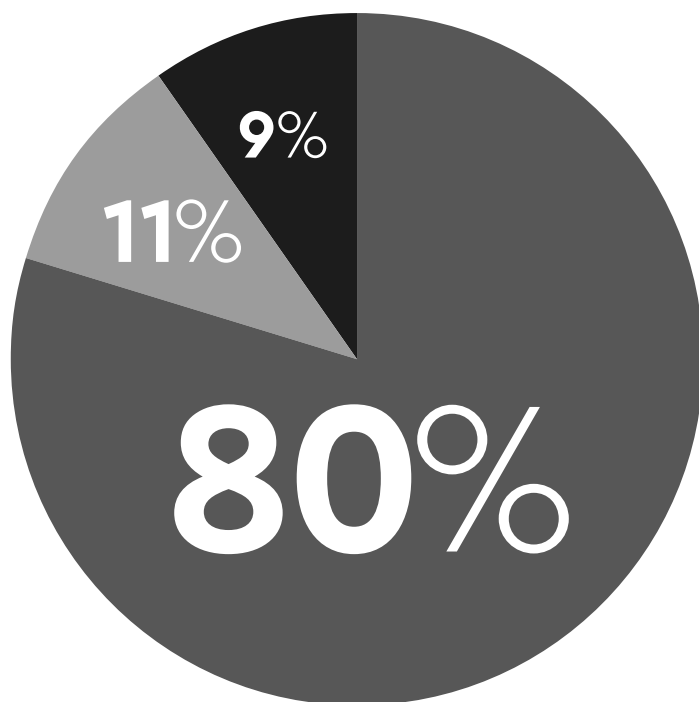
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Ao serem indagados(as) sobre a participação em movimentos sociais, políticos ou grupos 79,75%, responderam que não participam. 9,5% responderam que participam ou já participaram e 10,75% não quiseram responder à pergunta.

Tomando como base os dados coletados em 2019, percebe-se uma diminuição daqueles que declararam participar de movimentos sociais, políticos ou em grupos. Naquele ano, 15,6% já participaram ou participavam e 68,3% não faziam parte.

GRÁFICO 24
PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTO SOCIAL,
POLÍTICO, GRUPO(%) 2022

- Não participa
- Participa
- Não respondeu



Abaixo, segue o gráfico com a relação dos movimentos dos quais os(as) entrevistados(as) participa ou participaram:

GRÁFICO 25 RELAÇÃO DOS MOVIMENTOS E SEUS PARTICIPANTES

Movimentos	N° participantes
CENARB	1
Afronte	3
CELLOS MG	3
Coletivo lesbianistas	1
Comunista	1
DCE	1
Movidade	1
Não lembra o nome	3
Resistência Alvinegra	1
Sociedade Lésbica de Minas Gerais	1
Transarem	1
UP	1
Vale das sapos	1
Betim Cor Brazil	1
Brigada Popular	1
Projeto de extensão universitária...	1
Cursinho popular	1
Diversity UFMG	1
Grêmio estudantil	1
Juntas	1
LGBT Socialistas de Contagem	1
Mães pela diversidade	1
Me chame pelo meu nome	2
Movimentos Cores	1
Movimento Divinópolis	1
Movimento LGBT	1
Movimento trans	1
Ocupação Cidade de Deus	1
PSOL e MST	1
PT	2

Fonte

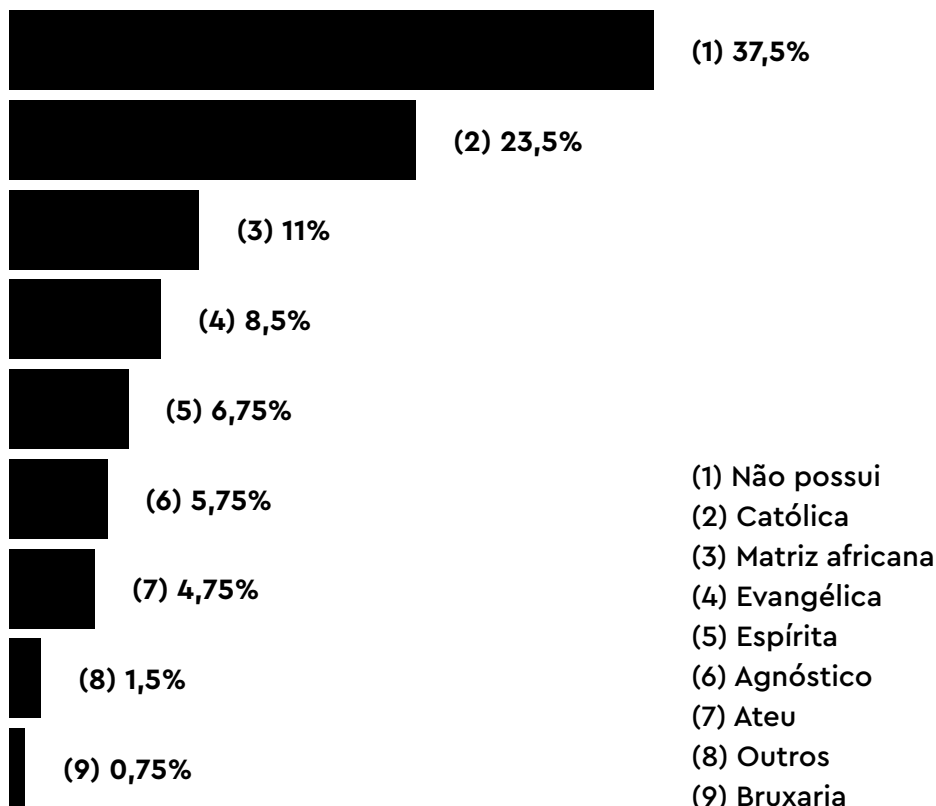
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

FILIAÇÃO RELIGIOSA

37,5% dos(as) entrevistados(as) declararam não possuir religião, 23,5% afirmaram ser católicos(as), 11% seguem religião de matriz africana, 8,5% são evangélicos, 6,75% são espíritas, 5,75% são agnósticos, 4,75%, ateus, 1,5% outros e 0,75% seguem bruxaria.

Quando comparado ao ano de 2019, constata-se o aumento naquelas(as) que declararam não possuir religião, dado que na época eram 26,4%. Ainda houve um aumento no número de pessoas de religião de matriz africana, que em 2019 eram 4%.

GRÁFICO 26
RELIGIÃO DOS(DAS) PARTICIPANTES(%) 2022

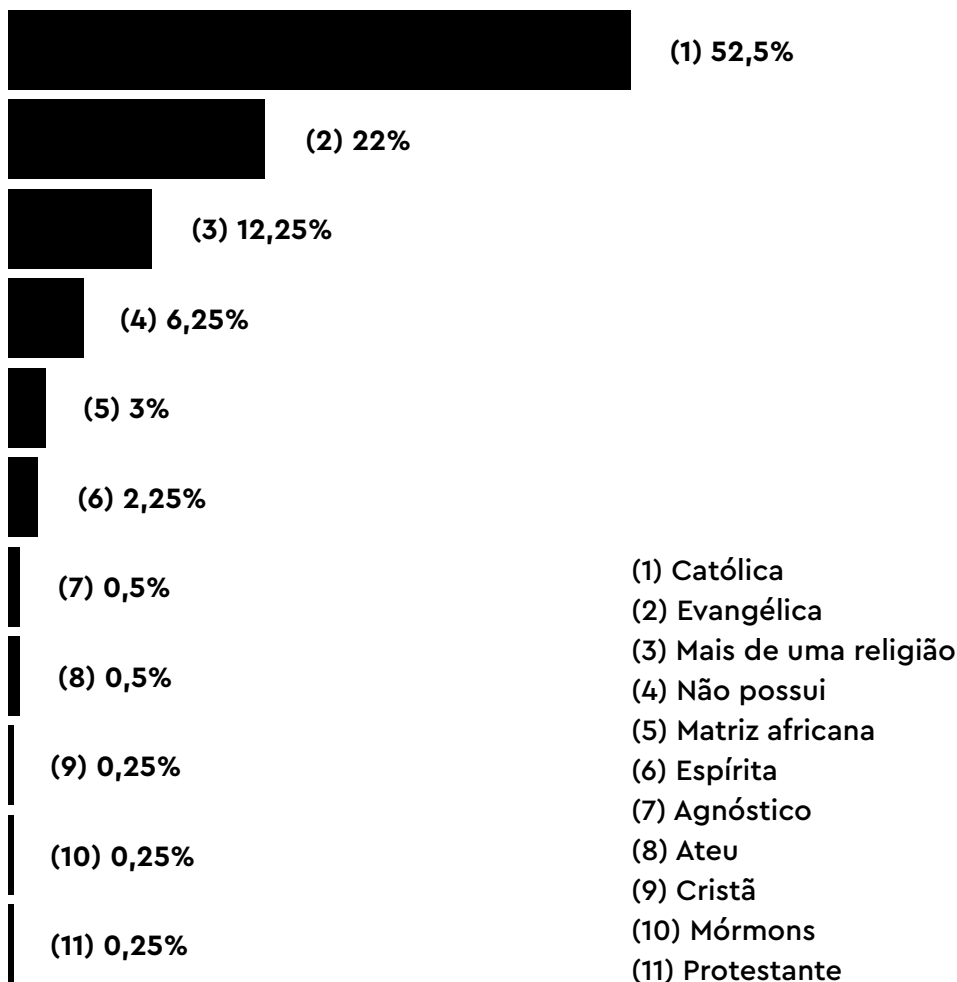


Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

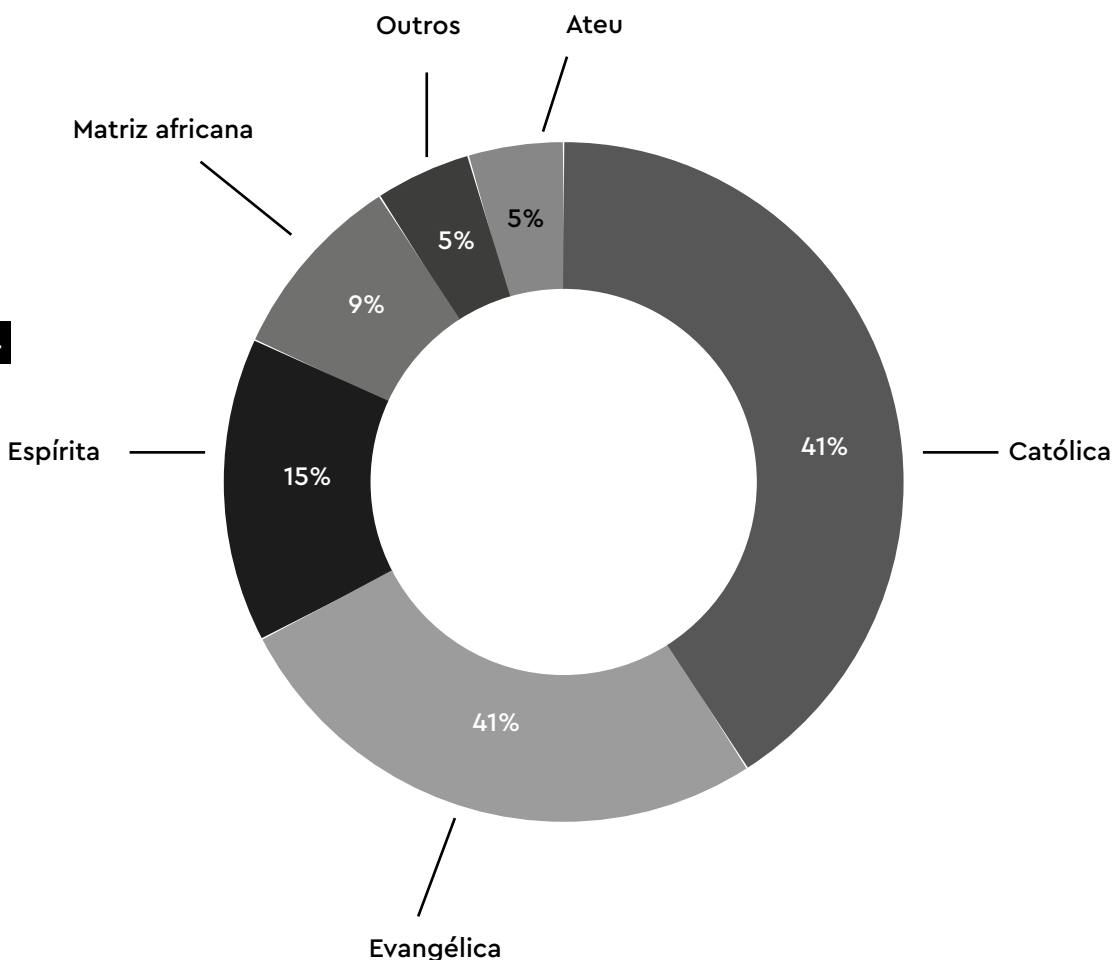
Quando questionados(as) sobre a **religião da família**, **52,5%**, responderam que a família é de religião católica, seguidos por **22%** de família evangélica, **12,25%** de família com mais de uma religião, **6,25%** de família que não possui religião, **3%** de família de religião de matriz africana, **2,25%** de família espírita, **0,5%** de família agnóstica, **0,5%** de família atea, **0,25%** cristã, **0,25%** mórmons e **0,25%** protestante.

GRÁFICO 27
RELIGIÃO DA FAMÍLIA(%) 2022



Dentre aqueles que afirmaram que a família segue mais de uma religião, nota-se uma preponderância da religião católica, com 40,9%, seguida da evangélica, com 26,36%. Também apareceram nas respostas a religião espírita, 14,54%, de matriz africana, 9,09%, ateus, 4,54% e outros, 4,54%.

GRÁFICO 28
RELAÇÃO DAS FAMÍLIAS COM
MAIS DE UMA RELIGIÃO(%) 2022



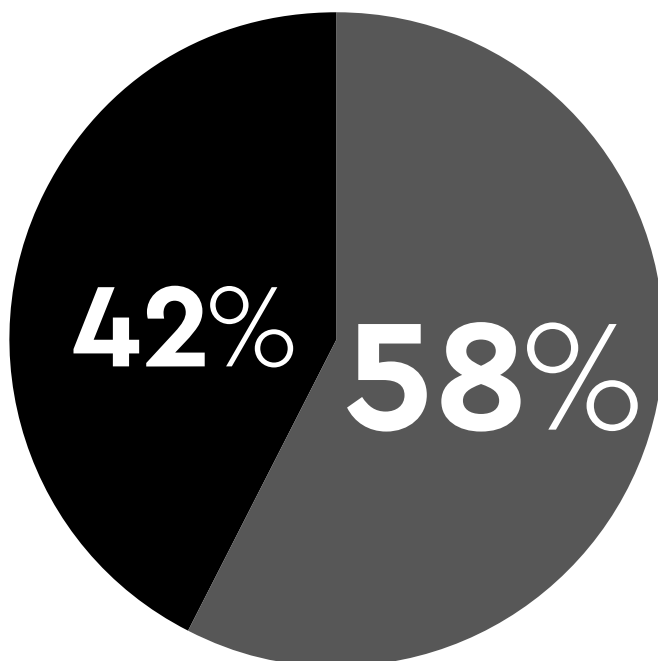
PARTICIPAÇÃO NA PARADA: EXPECTATIVAS E MOTIVAÇÕES

A maioria do público entrevistado, **57,5%**, participou de outras edições da Parada do Orgulho LGBT+ de Belo Horizonte, enquanto 42,5% participavam pela primeira vez.

GRÁFICO 29

VOCÊ JÁ PARTICIPOU DA PARADA DO ORGULHO LGBT+ EM BH?(%) 2022

- Sim
- Não



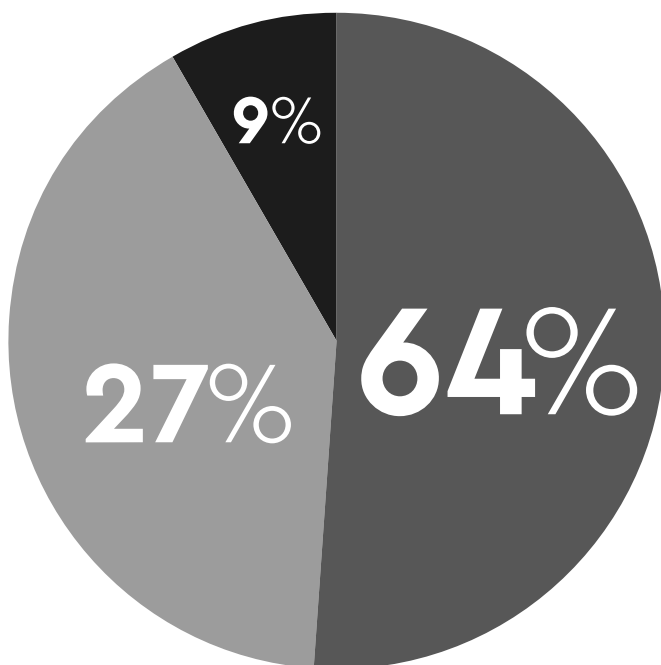
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG - 2022

Entre aqueles que já haviam participado, **51,3% acreditam que a edição de 2022 melhorou quando comparada com as outras edições, 40,43% acreditam que não houve melhoras nem pioras e 8,26% dos(as) participantes acharam que piorou.**

GRÁFICO 30
QUANDO COMPARADO COM OUTRAS EDIÇÕES(%) 2022

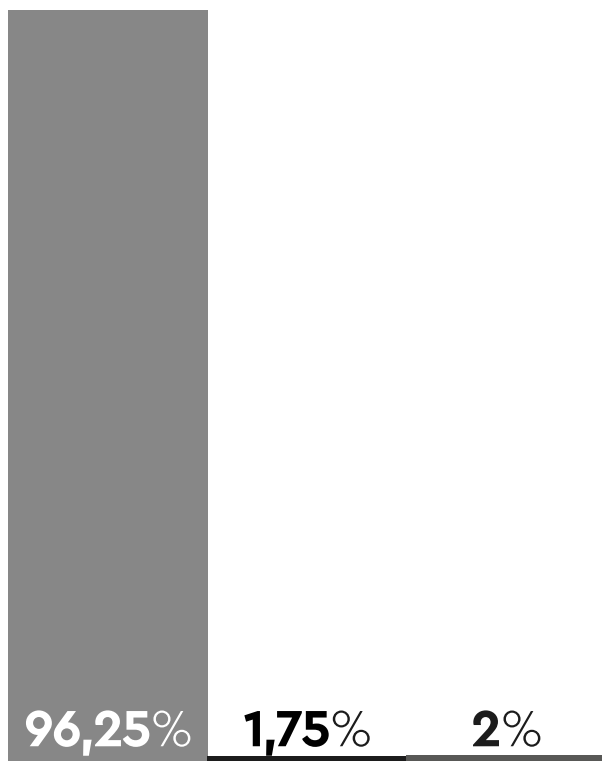
- Melhorou
- Piorou
- Nem melhorou, nem piorou



Quando questionados se pretendem participar de edições futuras, 96,25% responderam que sim, 2% não sabem, e 1,75% não tem a intenção de retornar ao evento.

GRÁFICO 31
PRETENDE PARTICIPAR DE UMA PRÓXIMA
EDIÇÃO DA PARADA?(%) 2022

- Sim
- Não
- Não sabe



Fonte

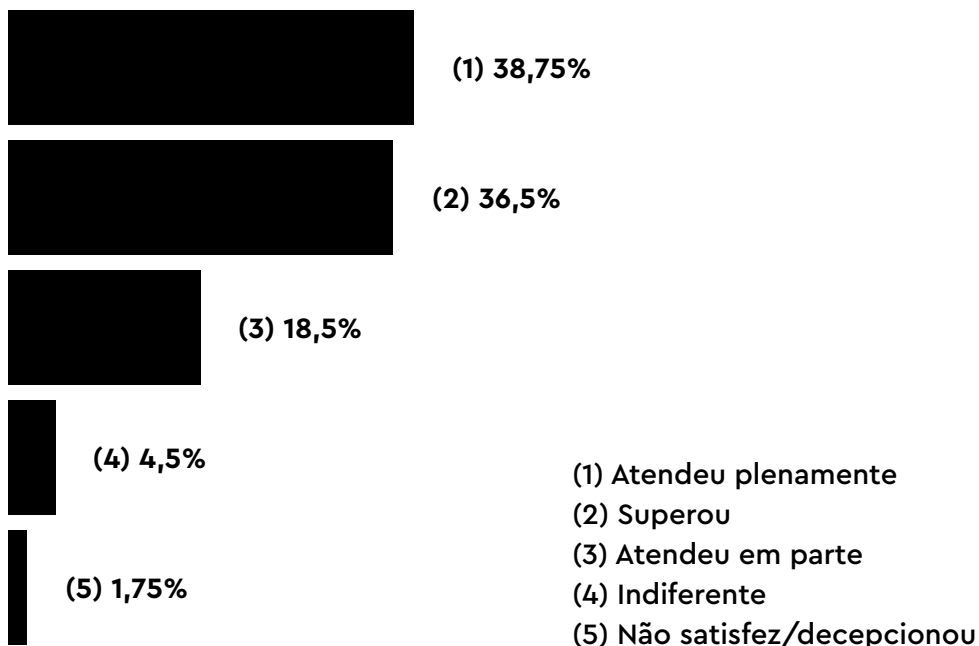
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG - 2022

Em relação às **expectativas para a 23ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte, 75,25% declararam que tiveram suas expectativas satisfeitas ou superadas.** Nesse contexto, 38,75% alegaram que a parada atendeu plenamente as suas expectativas e 36,5% informaram que superou. **18,5% disseram que o evento atendeu em parte, 4,5% afirmaram estar indiferente e 1,75% relataram o sentimento de decepção.**

Dados semelhantes foram coletados na 22ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte, que ocorreu em 2019. Dentre os(as) entrevistados(as) daquela edição, 76,3% comunicaram ter tido suas expectativas satisfeitas ou superadas, 15,6% tiveram as expectativas atendidas em parte, 4% se encontravam indiferentes e 1,5% decepcionados.

GRÁFICO 32 EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À 23ª PARADA LGBT(%) 2022

48



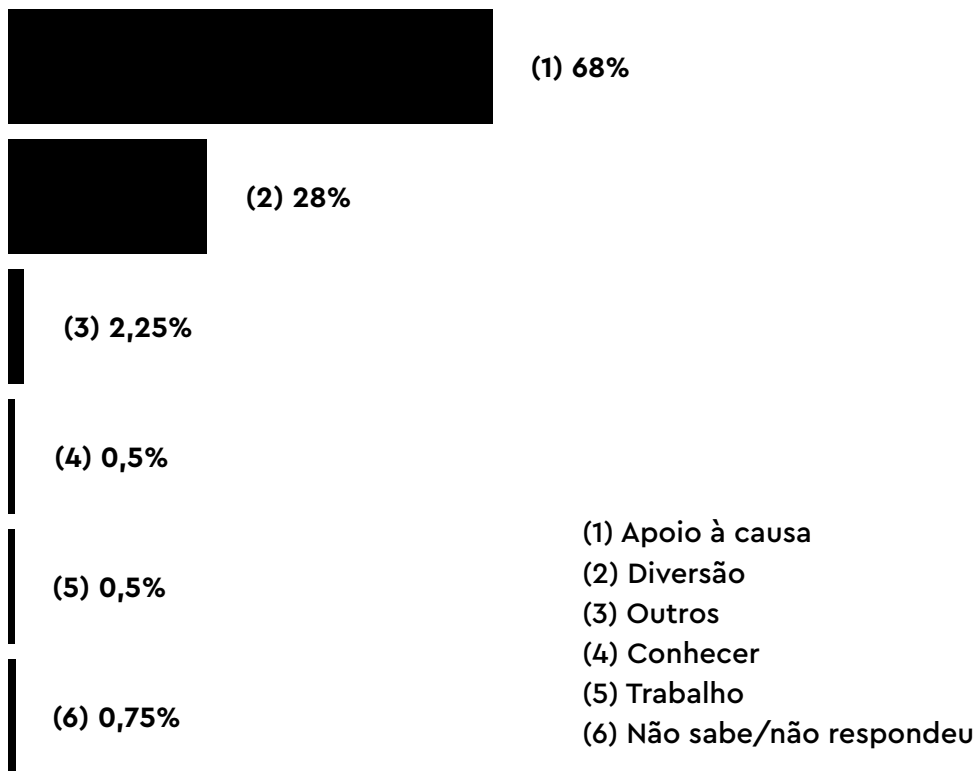
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Quanto aos **motivos para participar** da Parada LGBTQ+ de Belo Horizonte em 2022, **68%**, expressaram que foram em apoio à causa. **28%** responderam que foram em busca de diversão, **2,25%** por outros motivos, **0,5%** para conhecer, **0,5%** para trabalho e **0,75%** não sabem ou não responderam o motivo da participação.

Ocorreu, portanto, um aumento no número de participantes que foram ao evento por apoio à causa quando comparado ao ano de 2019, em que eram 56,2% dos(as) participantes.

GRÁFICO 33
MOTIVO DA PARTICIPAÇÃO(%) 2022

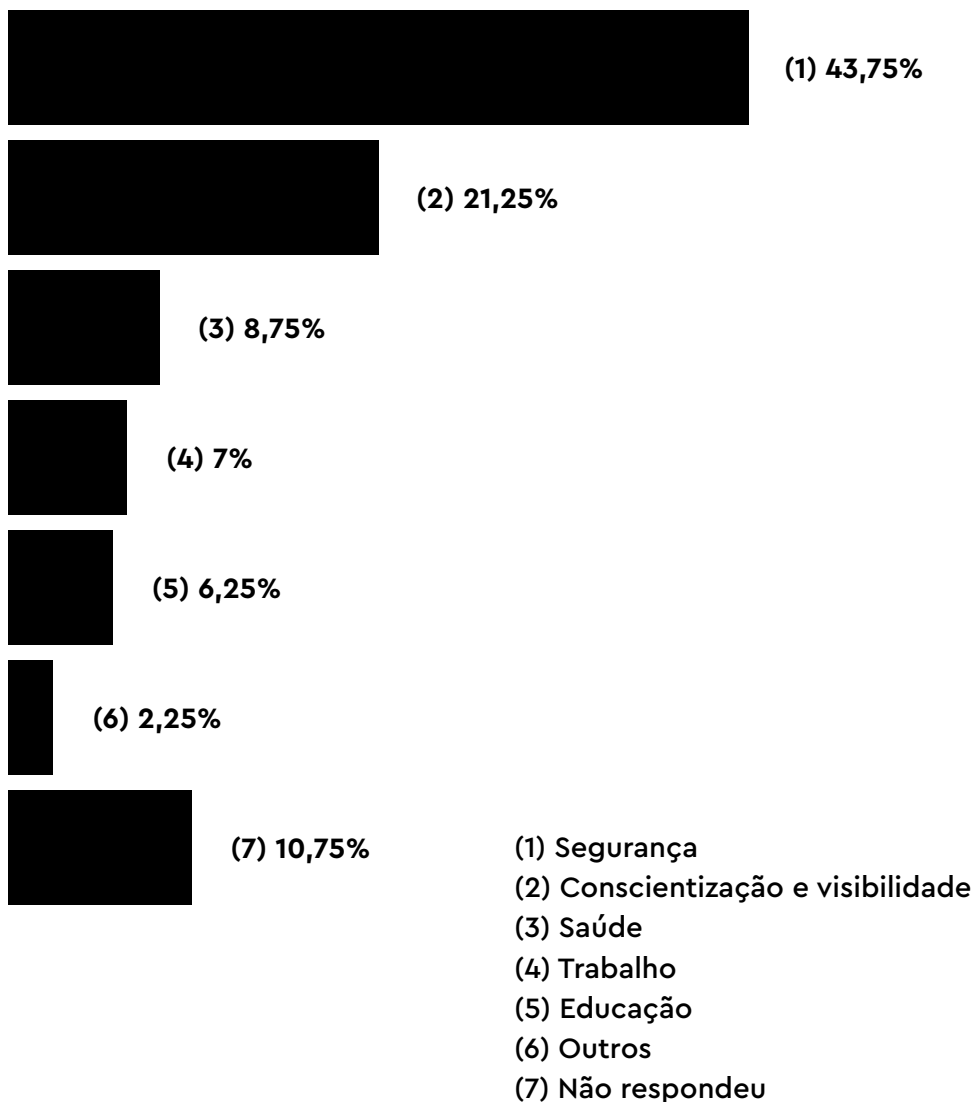


DAMANDAS E PAUTAS

Para os(as) entrevistados(as) **a demanda mais urgente para a população LGBTQIA+ é a segurança, somando 43,75% das respostas. 21,25% citaram que a demanda mais urgente se relaciona com a conscientização e visibilidade, 8,75% com a saúde, 7% com o trabalho, 6,25% com a educação, 2,25% responderam outras demandas e 10,75% não responderam à questão.**

Com o passar dos anos está havendo uma migração da necessidade relacionada a visibilidade para a segurança. Em 2017, 41,4% dos participantes apontaram a necessidade de reconhecimento, em 2018 o número caiu para 14,4%. Por outro lado, de 2017 para 2019 a necessidade de promoção de segurança aumento em 21,8%. A Parada de 2019 destacou a segurança como principal demanda, com 22,9% dos(as) entrevistados(as) e 21,4% com relação a conscientização e visibilidade, mantendo assim estável a última demanda quando relacionado ao ano de 2022.

GRÁFICO 34
DEMANDAS E PAUTAS(%) 2022



Dados sobre Violências contra Pessoas LGBTQIA+

VIOLÊNCIA LGBTFÓBICA

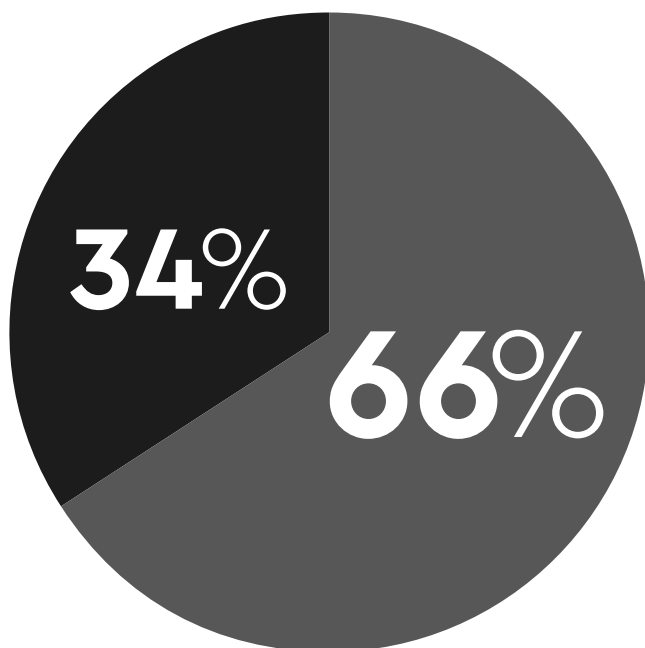
Dos(as) entrevistados(as), **34% afirmaram ter sofrido violências LGBTfóbicas**, isto é, violências motivadas pela identidade de gênero e/ou orientação sexual, enquanto **66% disseram não ter sofrido**.

Em comparação com o ano de 2019, é possível notar uma diminuição no número de entrevistados(as) que afirmam ter sofrido violência LGBTfóbica, dado que, na última edição eram 46,1% dos(as) entrevistados(as).

GRÁFICO 35

VIOLÊNCIA LGBTFÓBICA SOFRIDA(%) 2022

- Já sofreu
- Não sofreu



Fonte

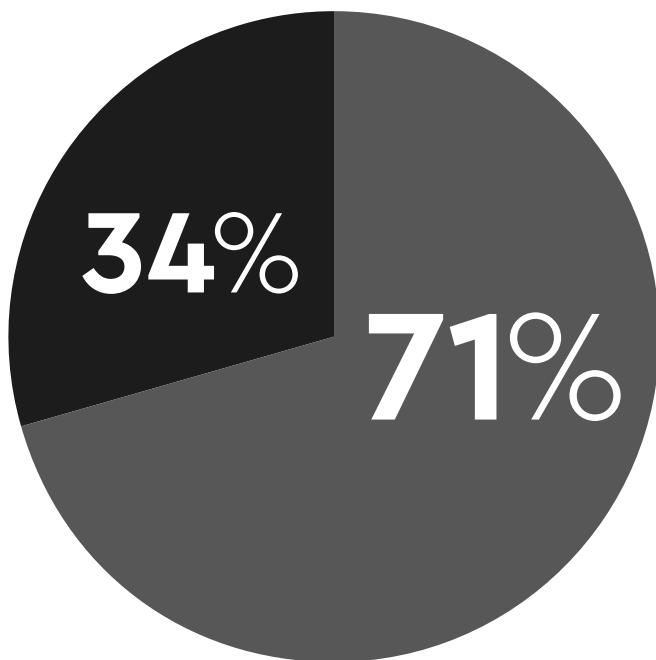
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

29,25% dos(as) entrevistados(as) afirmaram ter presenciado violências LGBTfóbicas, contra 70,75% que afirmaram nunca ter presenciado.

GRÁFICO 36

VIOLÊNCIA LGBTFÓBICA PRESENCIADA(%) 2022

- Já presenciou
- Nunca presenciou



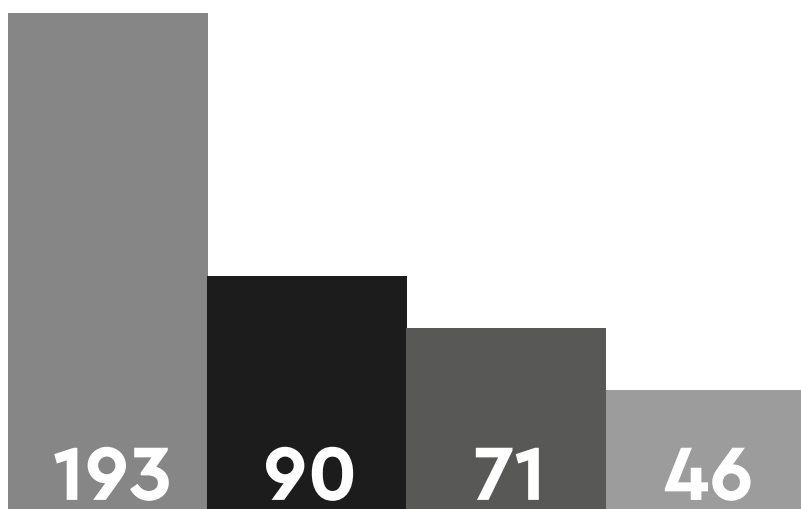
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG - 2022

O gráfico abaixo revela a relação numérica entre os(as) entrevistados(as) que sofreram, presenciaram, sofreram e presenciaram e não sofreram nem presenciaram violências LGBTfóbicas:

GRÁFICO 37
RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COM
VIOLÊNCIAS LGBTFÓBICAS 2022

- Nem sofreu nem presenciou
- Sofreu
- Presenciou
- Sofreu e presenciou



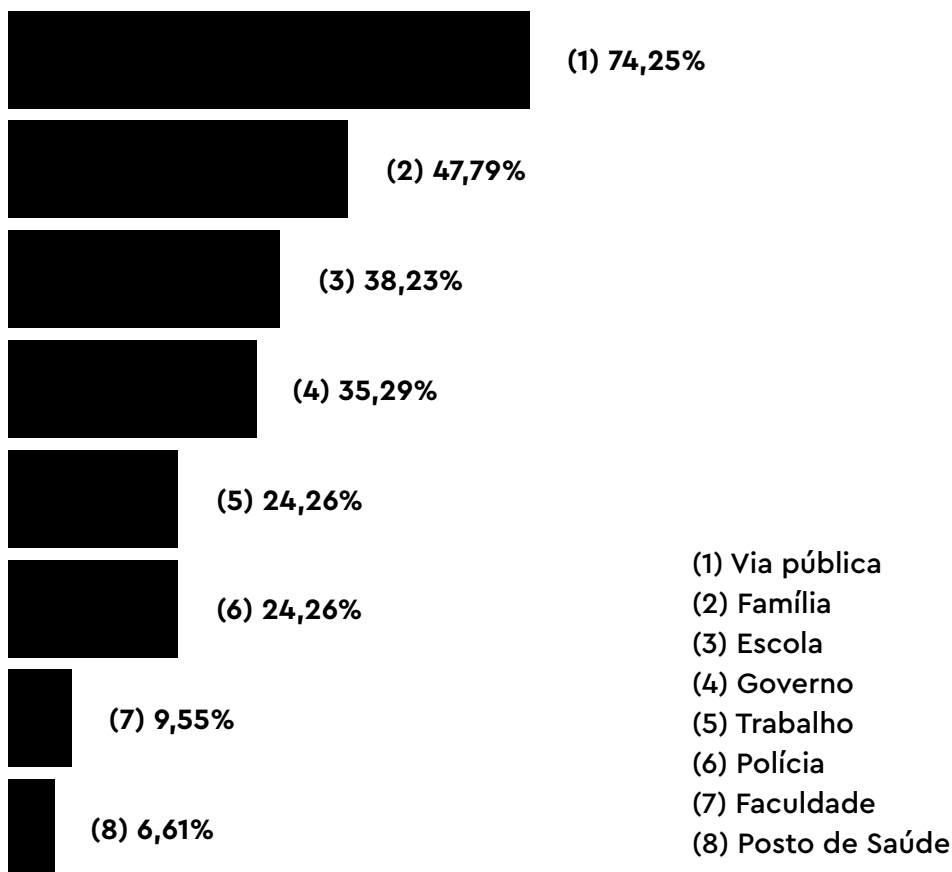
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

¹¹ Importante ressaltar que esses dados se sobrepõem, posto que muitas vezes os(as) entrevistados(as) afirmaram ter sofrido violências em mais de um dos lugares, além disso, esses dados foram calculados utilizando as categorias "sofreu" e "sofreu e presenciou".

Dentre aqueles que **sofreram** algum tipo de violência¹¹ LGBTfóbica, **74,25% sofreram em via pública, 47,79% no ambiente familiar, 38,23% na escola, 35,29% por agentes do governo, 24,26% no trabalho, 24,26% por parte da polícia, 9,55% na faculdade e 6,61% no posto de saúde.**

GRÁFICO 38 VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR AMBIENTE(%) 2022



Fonte

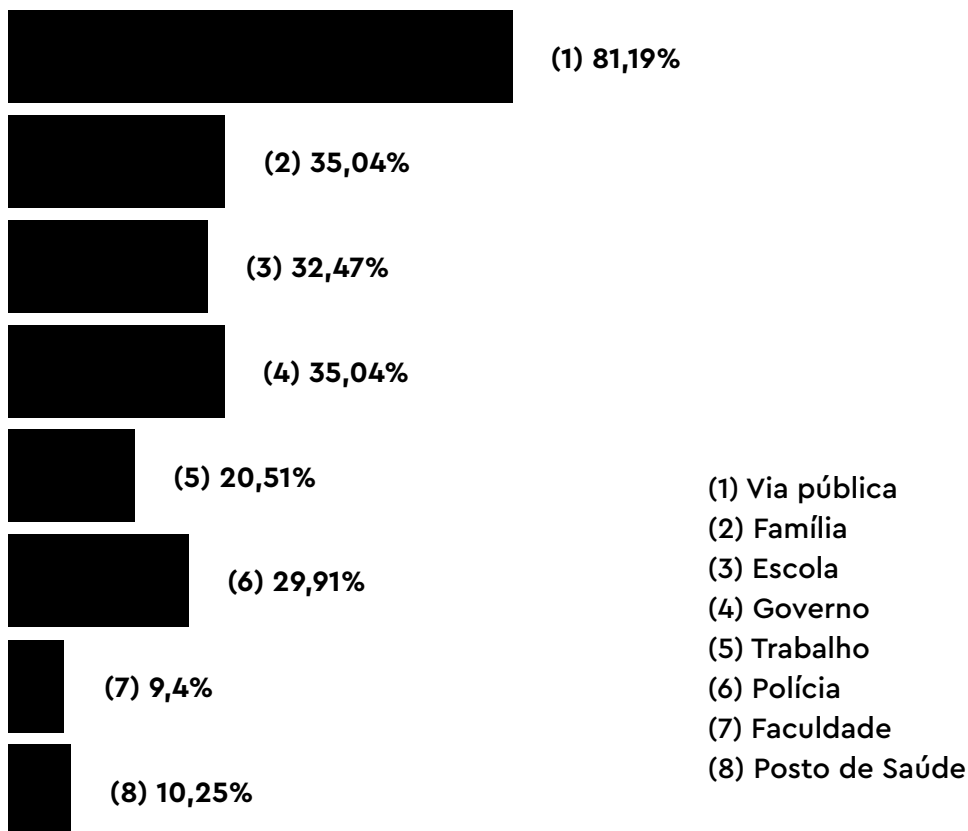
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Dentre os que **presenciaram** violências LGBTfóbica¹², **81,19% presenciaram a violência em vias públicas, 35,04% em espaços do governo, 35,04% da família, 32,47% na escola, 29,91% violência policial, 20,51% no trabalho, 10,25% nos postos de saúde, 9,4% nas universidades.**

¹² Os dados aqui se sobrepõem em decorrência presenciarem formas de violência em mais de um lugar, além disso, esses dados foram calculados utilizando as categorias "presenciou" e "sofreu e presenciou".

Em 2019, o espaço público foi o local onde ocorreu o maior número de pessoas as quais presenciaram violência (38,5%), 38,5%, seguido das escolas, da família e da polícia, 24,9%, 17,1% e 17,1% respectivamente.

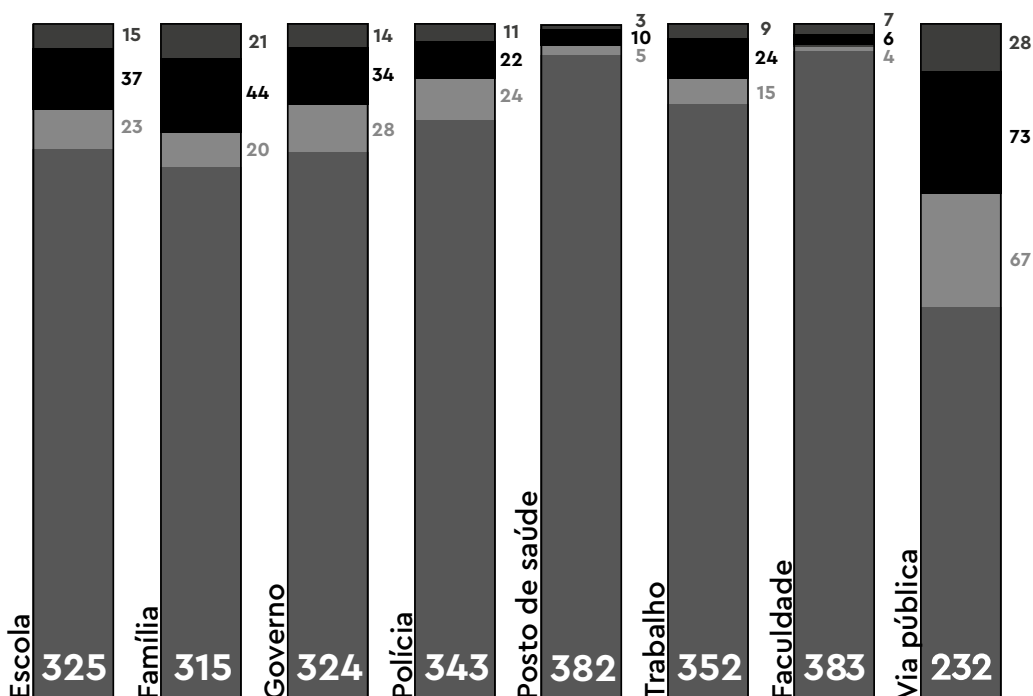
GRÁFICO 39
VIOLÊNCIAS PRESENCIADAS POR AMBIENTE(%) 2022



Abaixo, o gráfico da relação numérica entre os entrevistados com base na violência sofrida; presenciada; sofrida e presenciada e nem sofrida e nem presenciada pautado nos locais.

GRÁFICO 40
RELAÇÃO VIOLÊNCIA E LUGAR 2022

- Sofreu e presenciou
- Sofreu
- Presenciou
- Não sofreu nem presenciou ou não sabe

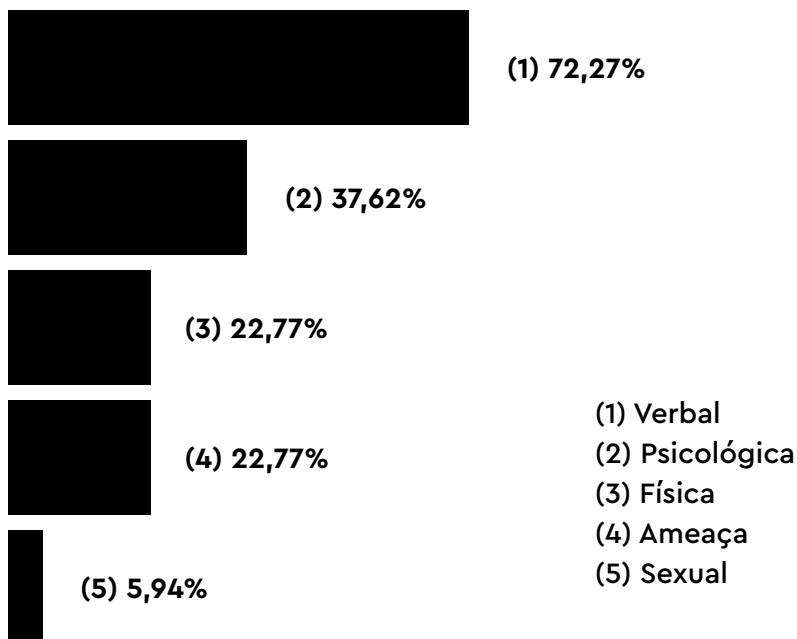


SEGURANÇA E VIOLÊNCIA EM ESPAÇOS PÚBLICOS

Os tipos mais comuns de violências sofridos em vias públicas são: **violência verbal (72,27%)**, **violência psicológica (37,62%)**, **violência física (22,77%)**, **ameaça (22,77%)**, **sexual (5,94%)**¹³.

Em 2019 os tipos de violências mais comuns nas vias públicas foram, nessa ordem: violência verbal, ameaça, violência psicológica, violência física, violência sexual¹⁴.

GRÁFICO 41
TIPOS DE VIOLÊNCIA SOFRIDOS
NAS VIAS PÚBLICAS(%) 2022

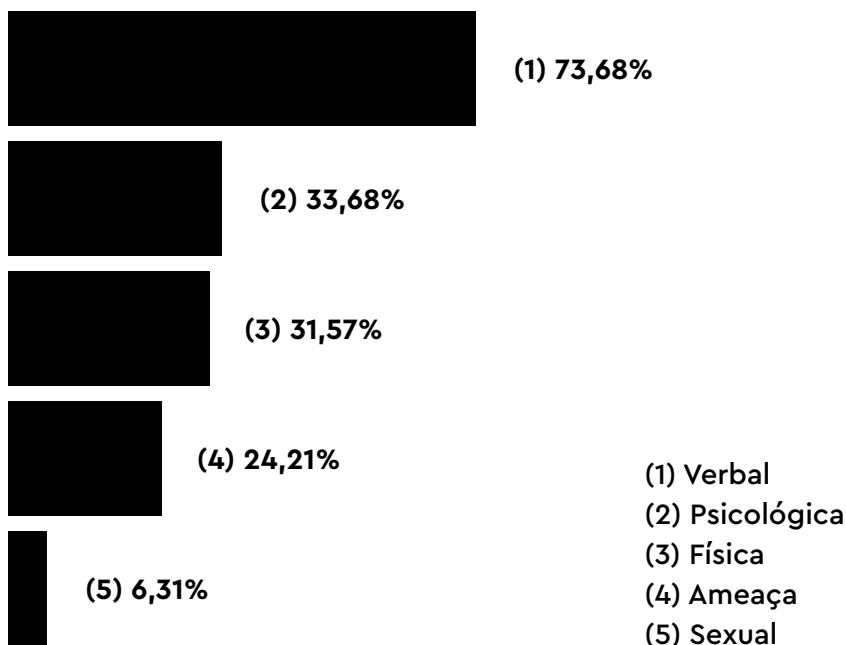


¹³ As porcentagens foram feitas com base no número de pessoas que afirmaram já terem "sofrido" e "sofrido e presenciado" violência nas vias públicas. As próximas localidades também se pautaram nesse método de cálculo, assim como também com base nas violências presenciadas.

¹⁴ Tanto aqui como em outros momentos relativos às violências sofridas e vivenciadas, optou-se por não colocar as porcentagens referentes a 2019 e só utilizar a ordem de classificação das violências, tendo em vista que no ano de 2019 a forma de calcular a porcentagem foi diferente da utilizada em 2022.

No que tange às violências presenciadas nos espaços públicos, **73,68% presenciaram violência verbal, 33,68% psicológica, 31,57% física, 24,21% ameaças e 6,31% presenciaram violência sexual.**

GRÁFICO 42
TIPOS DE VIOLÊNCIA PRESENCIADAS
NOS ESPAÇOS PÚBLICAS(%) 2022

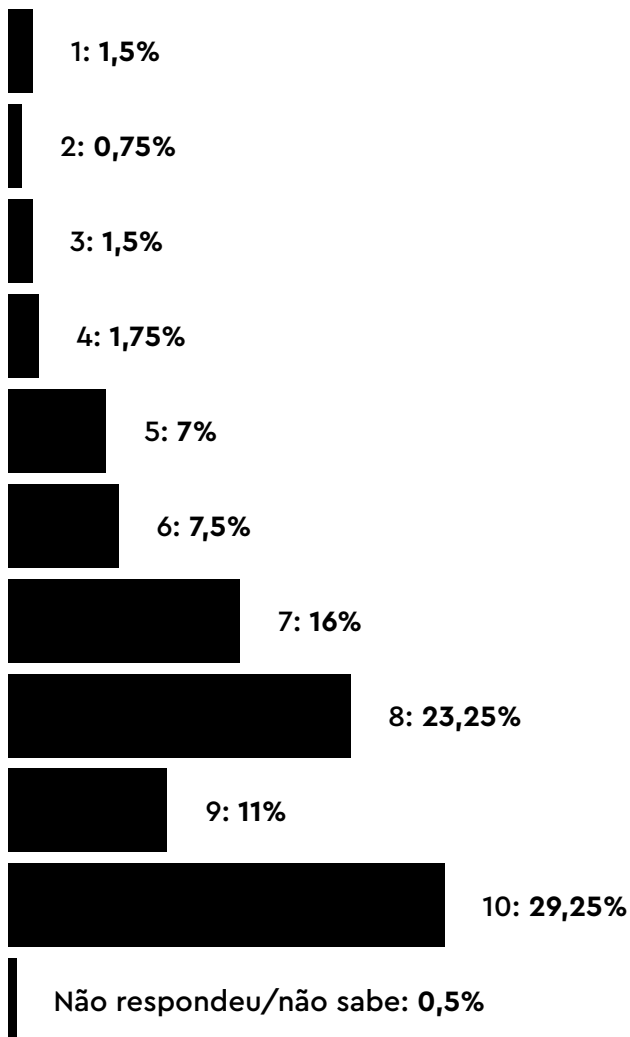


Fonte
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Quando perguntados(as) em relação à **sensação de segurança em locais públicos**, a maioria dos(as) entrevistados(as) consideram a Parada do Orgulho LGBT um espaço seguro. **87% deram uma nota de 6 a 10 à sensação de segurança durante o evento.**

Resultado semelhante foi encontrado na Parada de 2019, na qual 81,4% dos(as) entrevistados(as) deram uma nota de 6 a 10 quando à sensação de segurança durante o evento.

GRÁFICO 43
SENSAÇÃO DE SEGURANÇA DURANTE
A PARADA LGBT(%) 2022



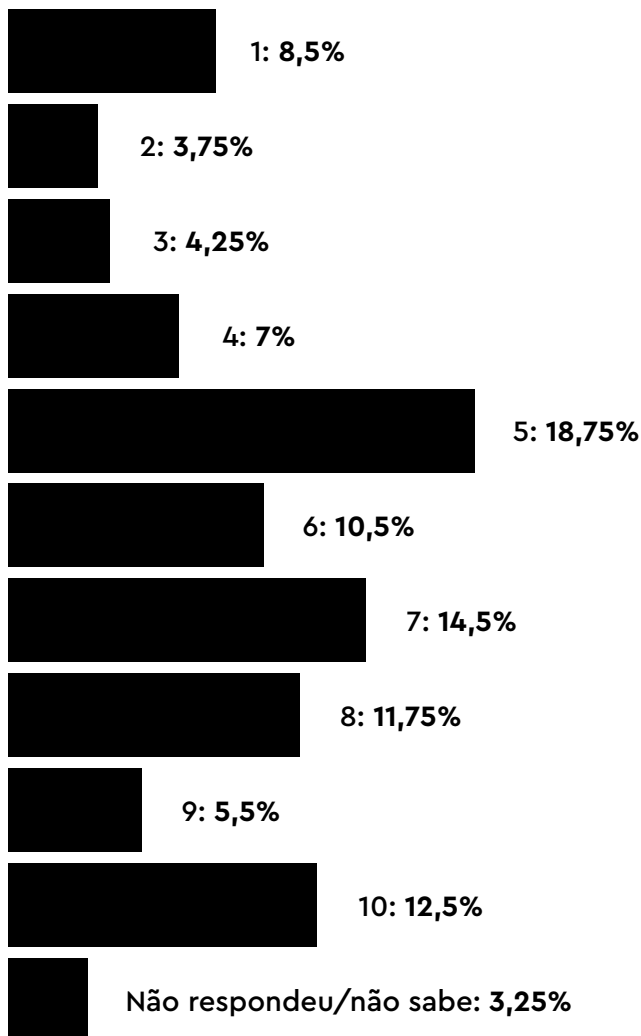
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Quando perguntados(as) sobre a **sensação de segurança em manifestações públicas por direitos LGBTQIA+**, **54,75% deram nota de 6 a 10.**

Em 2019 essa porcentagem era de 45,3% dos(as) entrevistados(as).

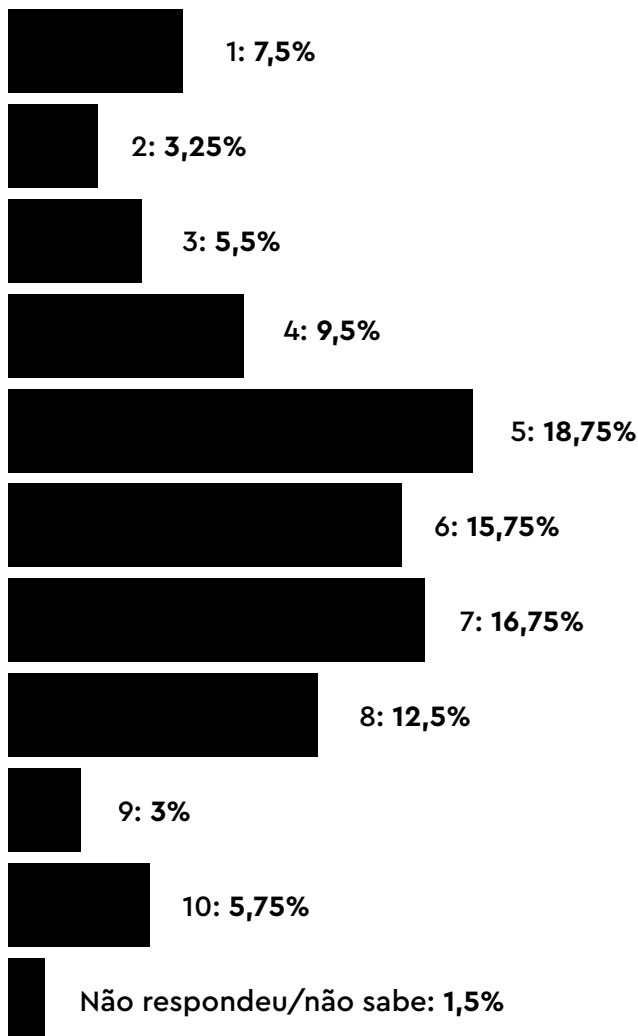
GRÁFICO 44
SENSAÇÃO DE SEGURANÇA EM MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS POR DIREITOS LGBT+(%) 2022



No que tange a **sensação de segurança cotidiana nas ruas da cidade, 53,75% atribuíram uma nota de 6 a 10.**

Situação diferente foi vista em 2019, na qual 56,4% não se sentiam seguro nas ruas da cidade, atribuindo notas entre 1 a 5 à segurança.

GRÁFICO 45
SENSAÇÃO DE SEGURANÇA NAS RUAS DA CIDADE(%) 2022



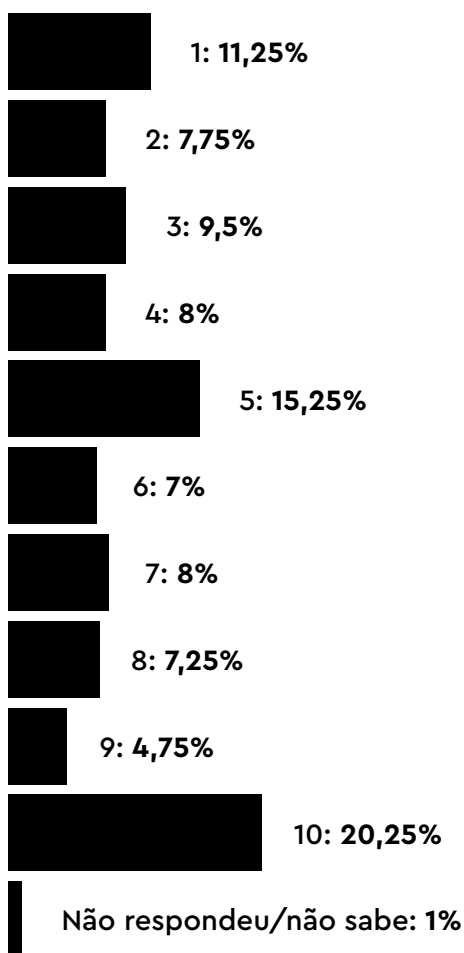
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Perguntados(as) **sobre a sensação de segurança para demonstração de afeto em público, 51,75% não se sentem seguros(as), atribuindo notas entre 1 e 5.**

Em 2019 essa porcentagem era de 57,8% dos(as) entrevistados(as) que não se sentiam seguros(as), atribuindo notas entre 1 e 5.

GRÁFICO 46
SENSAÇÃO DE SEGURANÇA PARA DEMONSTRAÇÃO DE AFETO EM PÚBLICO(%) 2022

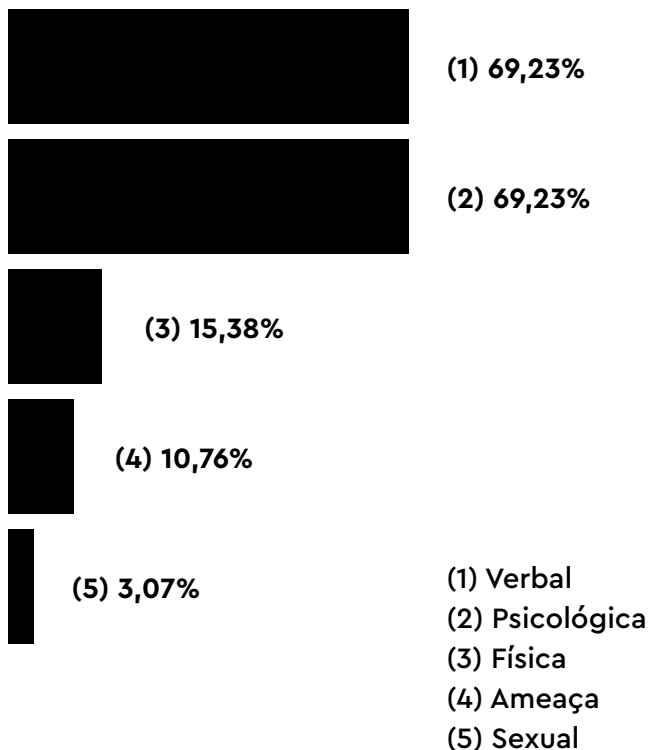


VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

Os tipos mais comuns violências LGBTfóbicas sofridas em casa mencionadas pelos(as) entrevistados(as) foram: **violência verbal (69,23%), psicológica (69,23%), física (15,38%), ameaça (10,76%) e violência sexual (3,07%).**

No ano de 2019, os tipos mais frequentes de violências sofridas em casa foram, nessa ordem: verbal, psicológica, ameaça, física, sexual.

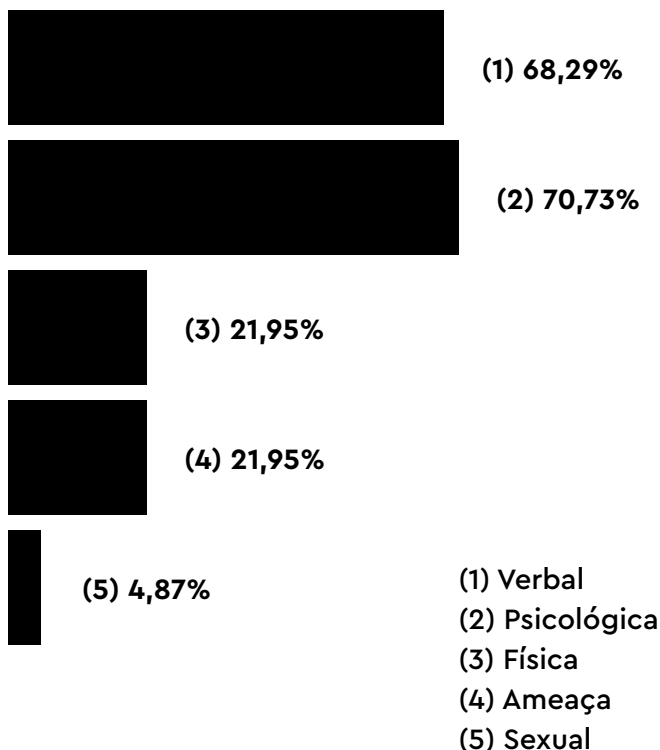
GRÁFICO 47
TIPOS DE VIOLÊNCIAS LGBTFÓBICAS
SOFRIDAS NA FAMÍLIA(%) 2022



Os tipos mais relatados de violências LGBTQfóbicas presenciados foram: **psicológica (70,73%), verbal (68,29%), física (21,95%), ameaça (21,95%) e sexual (4,87%)**.

Em 2019, as principais violências presenciadas na família foram: verbal, psicológica, física, ameaça, sexual.

GRÁFICO 48
TIPOS DE VIOLÊNCIAS LGBTQFÓBICAS
PRESENCIADAS NA FAMÍLIA(%) 2022



ACOLHIMENTO PELA FAMÍLIA

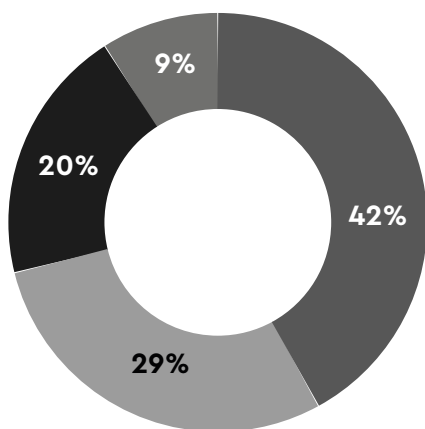
Sobre o relacionamento com a família, entre os(as) participantes LGBTQIA+, **41,85% afirmaram sentir-se muito acolhidos(as), 29,21% acolhidos(as), 19,94% pouco acolhidos(as) e 8,98% nada acolhidos(as).**

Resultados semelhantes foram obtidos em 2019, no qual 39,1% sentiam-se muito acolhidos(as), 27,8% acolhidos(as), 19,3% pouco acolhidos(as) e 12,2% nada acolhidos(as).

GRÁFICO 49

ACOLHIMENTO NA FAMÍLIA DE PESSOAS LGBT+(%) 2022

- Nada
- Muito acolhido
- Acolhido
- Pouco acolhido



Fonte

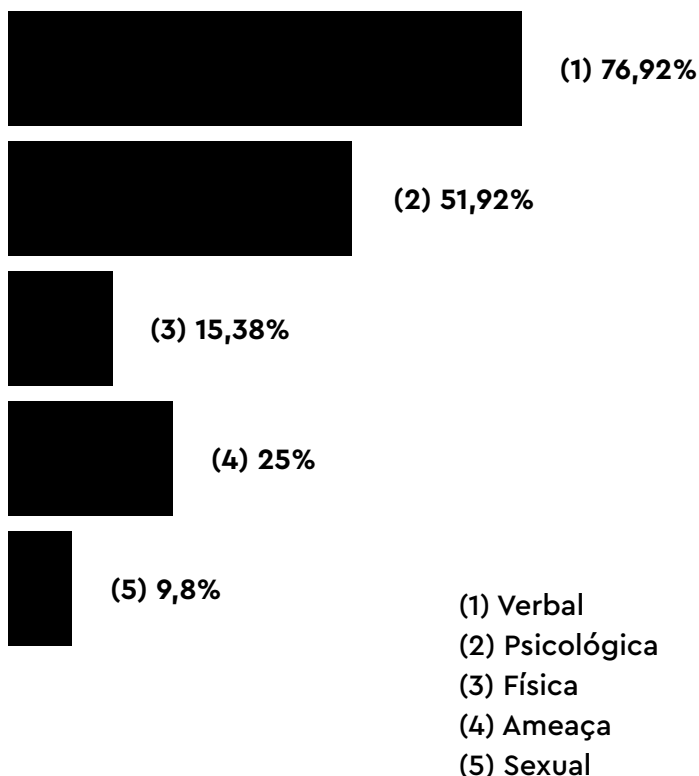
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Os tipos mais comuns de violências LGBTfóbicas sofridas no ambiente escolar foram, em 2022: **verbal (76,92%)**, **psicológica (51,92%)**, **ameaça (25%)**, **física (15,38%)**, **sexual (9,8%)**.

Em 2019, as violências mais relatadas foram: verbal, psicológica, ameaça, física, sexual.

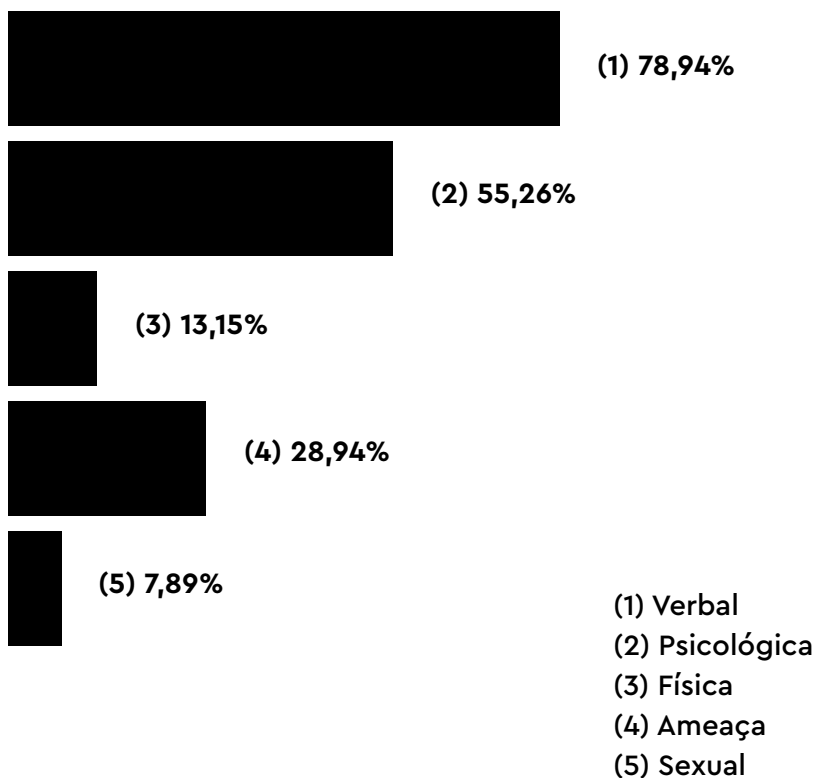
GRÁFICO 50
TIPOS DE VIOLÊNCIA LGBTFÓBICAS
SOFRIDAS NAS ESCOLAS(%) 2022



Com relação aos tipos de violências presenciadas nas escolas, as mais comuns foram: **verbal (78,94%), psicológica (55,26%), ameaça (28,94%), física (13,15%), sexual (7,89%).**

Tomando como base o ano de 2019, as mais comuns foram, nessa ordem: verbal, psicológica, física, ameaça e sexual.

GRÁFICO 51
TIPOS DE VIOLÊNCIA LGBTFÓBICAS
PRESENCIADAS NAS ESCOLAS(%) 2022



Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG - 2022

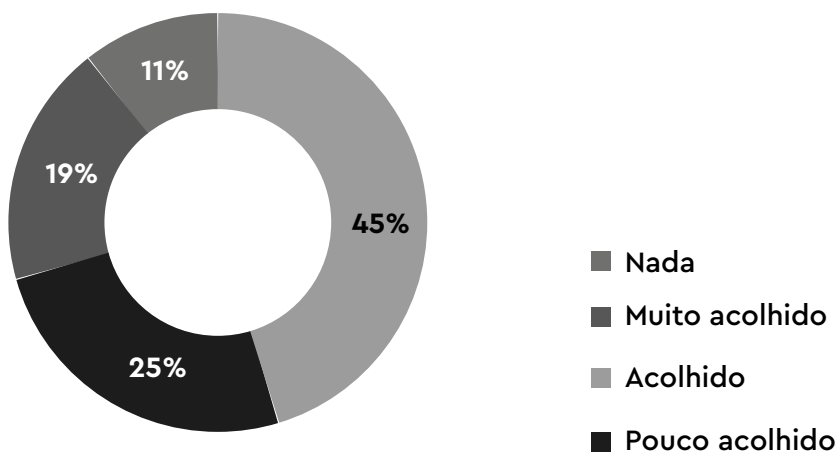
ACOLHIMENTO NAS ESCOLAS

Sobre o acolhimento nas escolas, entre os(as) participantes LGBTQIA+, **18,69% sentem-se muito acolhidos(as), 45,32% acolhidos(as), 25,21% pouco acolhidos(as), 10,76% nada acolhidos(as).**

Em 2019, 18,3% sentiam-se muito acolhidos(as), 34,6% acolhidos(as), 30,9% pouco acolhidos(as), 11,6% nada acolhidos(as), o que demonstra um aumento na percepção geral de acolhimento.

GRÁFICO 52

ACOLHIMENTO NAS ESCOLAS DE PESSOAS LGBT+(%) 2022



Fonte

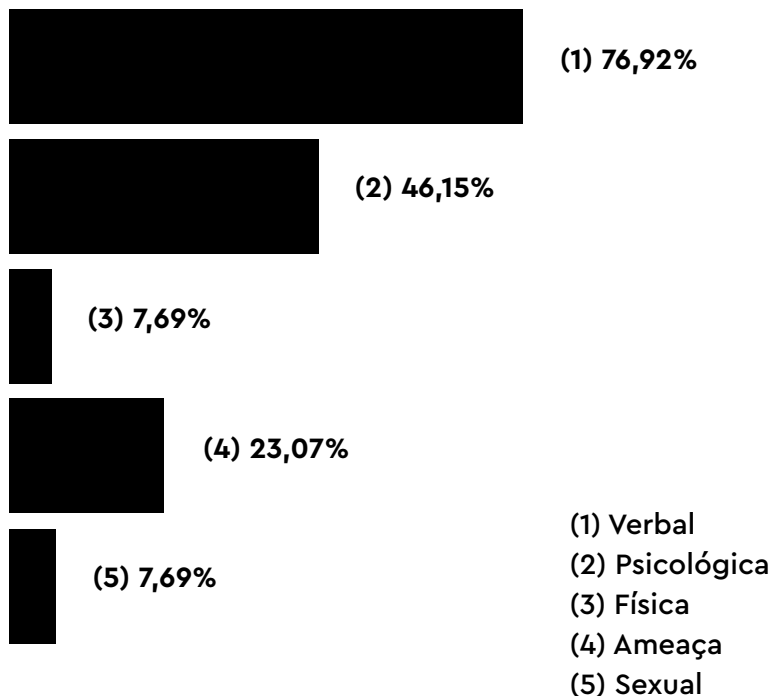
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

VIOLÊNCIA NAS UNIVERSIDADES

Nas universidades, entre as violências sofridas, o tipo mais comum é a **verbal (76,92%)**, **psicológica (46,15%)**, **ameaça (23,07%)**, **física (7,69%)** e **sexual (7,69%)**.

No ano de 2019, os tipos de violências mais comuns sofridas nesse ambiente foram, nessa ordem: verbal, psicológica, ameaça, sexual, física.

GRÁFICO 53
TIPOS DE VIOLÊNCIA LGBTQFÓBICAS SOFRIDAS
NAS UNIVERSIDADES(%) 2022



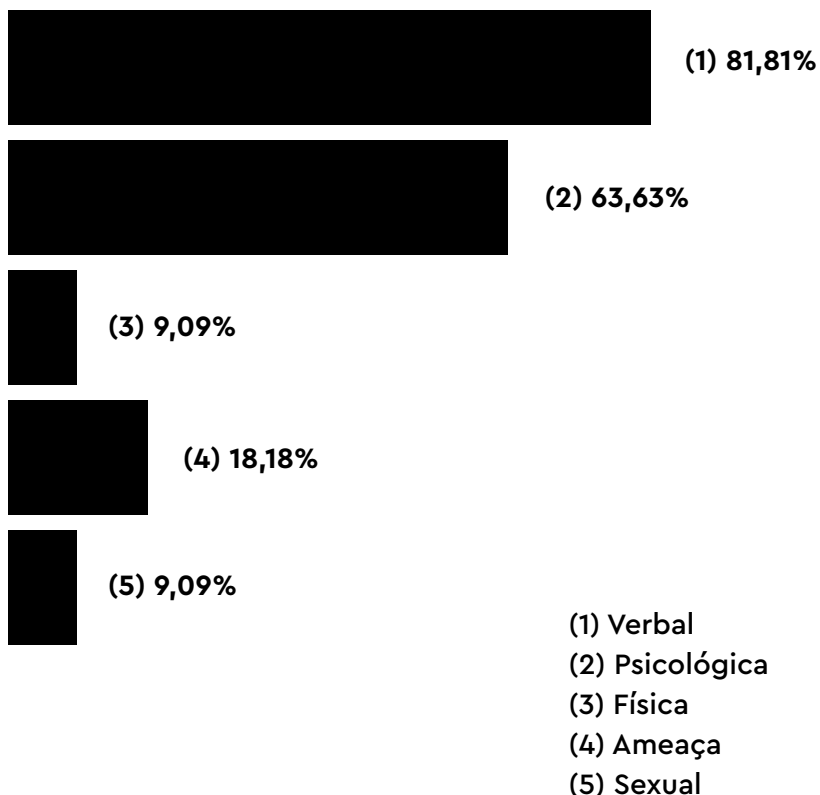
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Das violências presenciadas nas universidades, os tipos mais comuns foram: **verbal (81,81%), psicológica (63,63%), ameaça (18,18%), física (9,09%) e sexual (9,09%).**

No ano de 2019, os tipos de violência mais comuns presenciadas nesse ambiente foram, na ordem: verbal, psicológica, ameaça, física, sexual.

GRÁFICO 54
TIPOS DE VIOLÊNCIA LGBTQFÓBICAS PRESENCIADAS
NAS UNIVERSIDADES(%) 2022

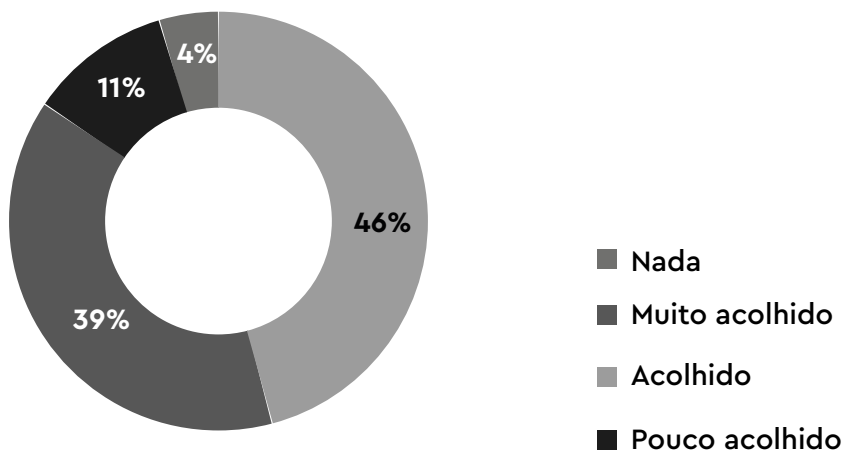


ACOLHIMENTO NAS UNIVERSIDADES

Em relação à sensação de **acolhimento** nas universidades, entre os(as) participantes LGBTQIA+, **38,77% sentem-se muito acolhidos(as), 45,71% acolhidos(as), 11,02% pouco acolhidos(as), 4,48% nada acolhidos(as).**

Em comparação ao ano de 2019, 25,7% sentiam-se muito acolhidos(as), 29,7% acolhidos(as), 9,2% pouco acolhidos(as) e 1,5% nada acolhidos(as), o que revela um aumento significativo na percepção geral de acolhimento em 2022.

GRÁFICO 55
ACOLHIMENTO NAS UNIVERSIDADES
DE PESSOAS LGBT+(%) 2022



Fonte

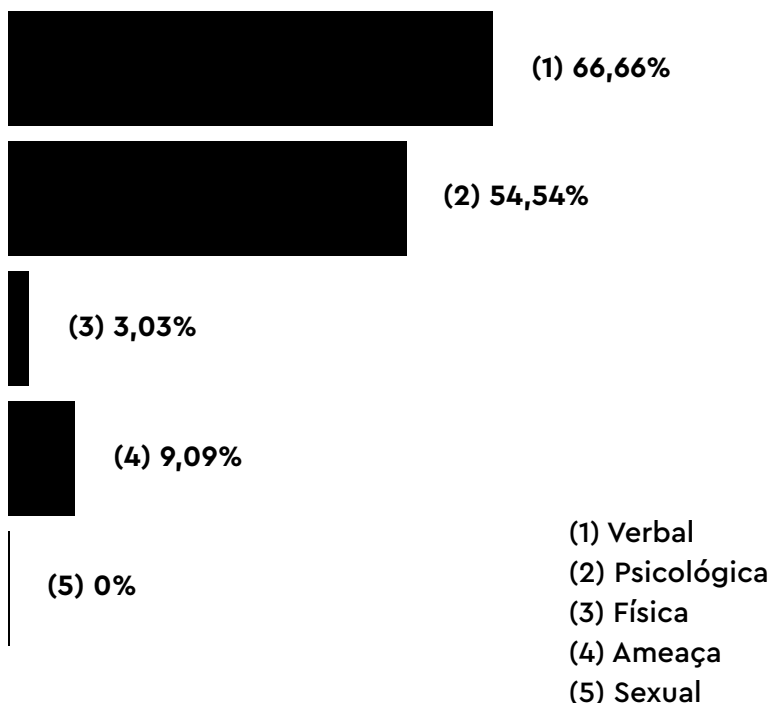
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

VIOLÊNCIA NO TRABALHO

Dentre aqueles que relataram sofrer violência no trabalho, os tipos mais comuns foram: **verbal (66,66%), psicológica (54,54%), ameaça (9,09%), sexual (3,03%)**. Nenhum(a) dos(as) entrevistados(as) relataram ter sofrido violência física no trabalho.

No ano de 2019, as violências mais sofridas foram, nesta ordem: psicológica, verbal, ameaça, sexual, física.

GRÁFICO 56
TIPOS DE VIOLÊNCIAS SOFRIDAS
NO TRABALHO(%) 2022



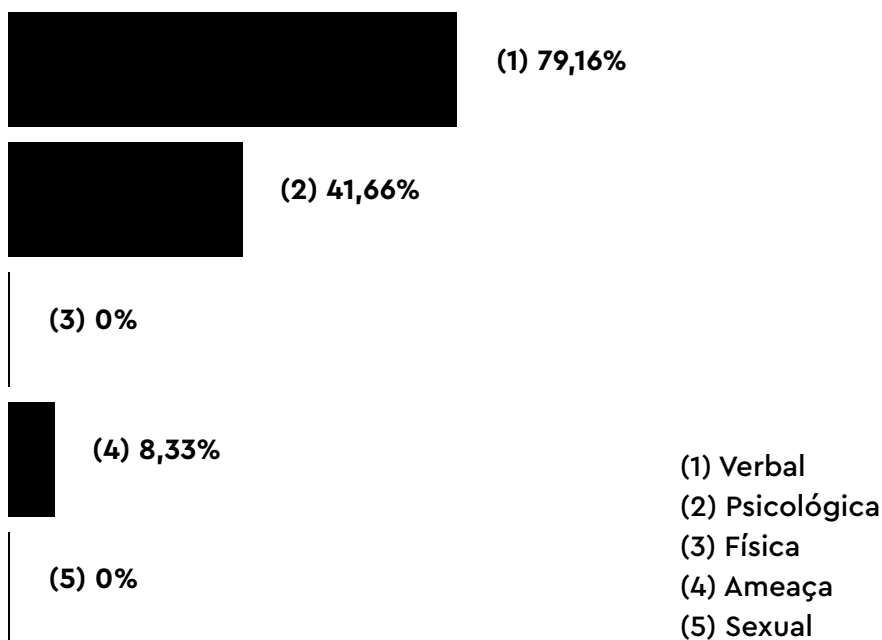
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Em relação às violências presenciadas no ambiente de trabalho dentro do universo daqueles que presenciaram violências nesse local, **79,16% presenciaram violência verbal, 41,66% psicológica, 8,33% ameaça.** Não foi relatado casos de violência sexual ou física.

As violências mais presenciadas no ambiente de trabalho em 2019 foram: verbal, psicológica, ameaça, física, sexual.

GRÁFICO 57
TIPOS DE VIOLÊNCIAS PRESENCIADAS
NO TRABALHO(%) 2022

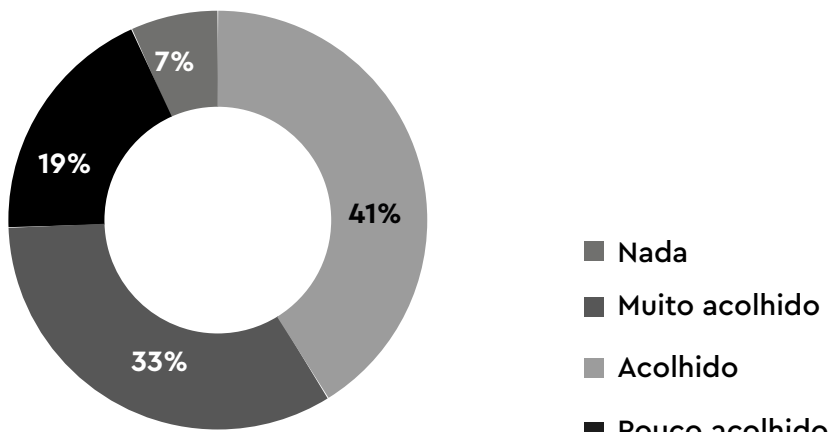


ACOLHIMENTO NO TRABALHO

Ao serem questionados(as) a respeito da sua sensação de acolhimento no trabalho, **33,43% sentem-se muito acolhidos(as), 40,93% acolhidos(as), 18,75% pouco acolhidos(as), e 6,87% nada acolhidos(as).**

Em 2019 esses números eram: 26,9% sentiam-se muito acolhidos(as), 29,1% acolhidos(as), 19,9% pouco acolhidos(as), 6,7% nada acolhidos(as).

GRÁFICO 58
ACOLHIMENTO NO TRABALHO
DE PESSOAS LGBT+(%) 2022



Fonte

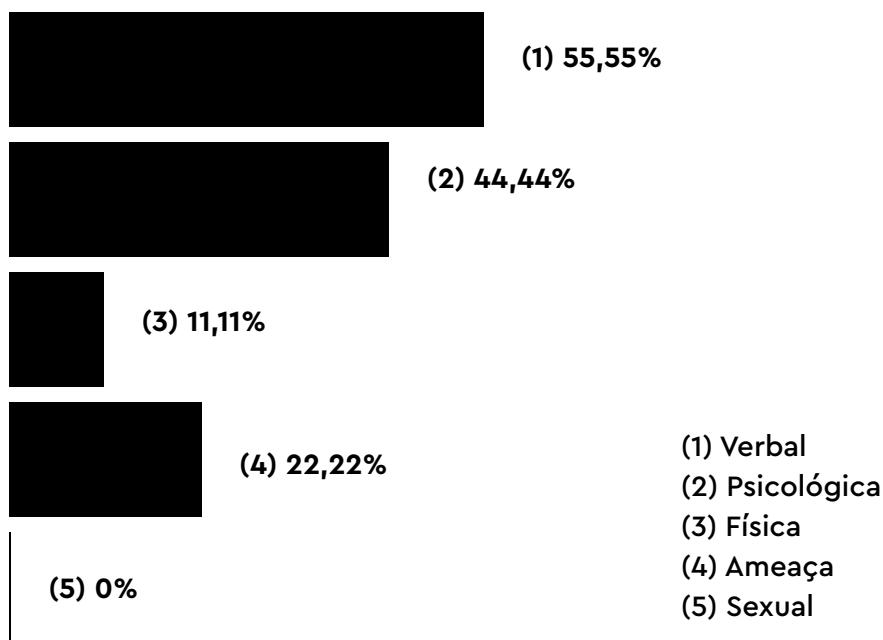
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

VIOLÊNCIA EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

Perguntados(as) sobre os tipos de violências sofridas em postos de saúde e hospitais, motivadas pela sua identidade de gênero ou orientação sexual, **55,55% sofreram violência verbal, 44,44% psicológica, 22,22% ameaça, 11,11% física.**

Em 2019, os tipos mais comuns de violências relatadas foram: verbal, psicológica, ameaça, sexual e física.

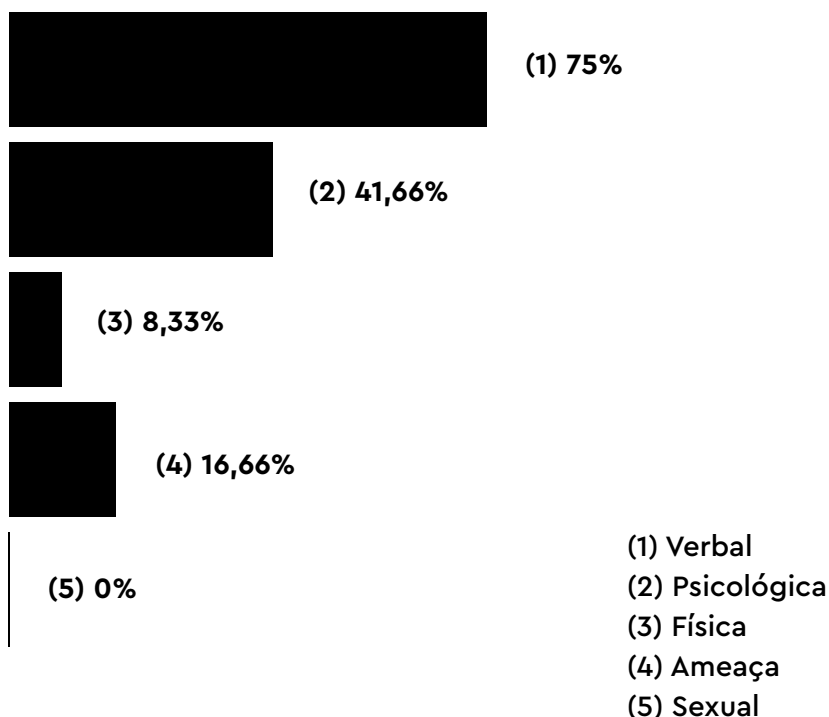
GRÁFICO 59
TIPOS DE VIOÊNCIAS SOFRIDAS EM
INSTITUIÇÕES DE SAÚDE(%) 2022



Em relação aos tipos de violências presenciadas em postos de saúde e hospitais, **75% presenciaram violência verbal, 41,66% psicológica, 16,66% ameaça, 8,33% física.**

Com relação ao ano de 2019, os dados foram: psicológica, verbal, ameaça, física, sexual.

GRÁFICO 60
TIPOS DE VIOÊNCIAS PRESENCIADAS
EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE(%) 2022



Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG - 2022

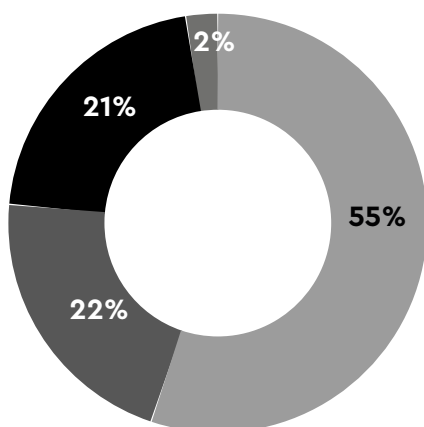
ACOLHIMENTO EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

Em relação ao acolhimento em postos de saúde e hospitais, **21,69% sentem-se muito acolhidos(as), 54,76% acolhidos(as), 21,16% pouco acolhidos(as) e 2,38% nada acolhidos(as).**

Na 22ª Parada esse valor era de 11,3% que se sentiam muito acolhidos(as), 52% acolhidos(as), 29,1% pouco acolhidos(as), 4,6% nada acolhidos(as).

GRÁFICO 61
ACOLHIMENTO NA SAÚDE DE PESSOAS LGBT+(%) 2022

- Nada
- Muito acolhido
- Acolhido
- Pouco acolhido



Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

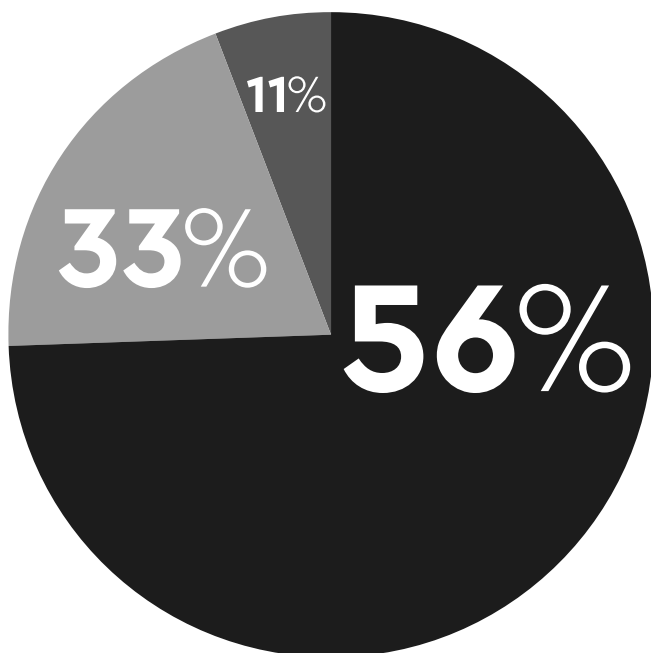
Entretanto, ao serem questionados(as) sobre a igualdade no atendimento de pessoas LGBTQIA+ em postos de saúde e hospitais em relação a pessoas heterossexuais e cisgêneros, **74,5% responderam que não, 19,75% que há tratamento igualitário e 5,75% não souberam responder.**

Como comparativo, na última edição, em 2019, 69,8% acreditavam que não havia tratamento igualitário, 20,4% achavam que tinha, 8,06% não sabiam e 1,76% não responderam.

GRÁFICO 62

O TRATAMENTO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE É IGUALITÁRIO PARA PESSOAS LGBT EM RELAÇÃO A PESSOAS NÃO LGBT(%) 2022

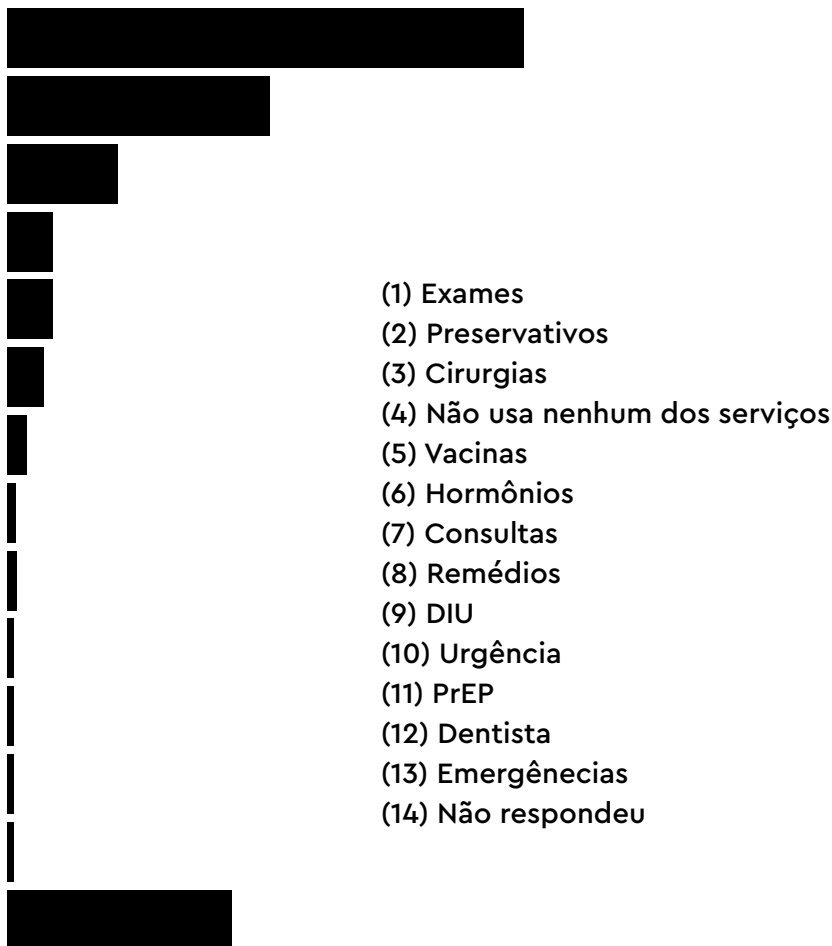
- Sim
- Não
- Não sei



PRINCIPAIS SERVIÇOS UTILIZADOS EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

Os serviços mais utilizados no SUS, foram: **exames (57%)**, **preservativos (28,75%)**, **cirurgias (11,75%)**, **vacinas (4,75%)**, **hormônios (3,75%)**, **consultas (2,25%)**, **remédios (0,5%)**, **DIU (0,5%)**, **urgência (0,25%)**, **PrEP (0,25%)**, **dentista (0,25%)**, **emergência (0,25%)**. 25% não responderam e 4,75% não utilizam nenhum dos serviços.

GRÁFICO 63
SERVIÇOS MAIS UTILIZADOS NO SUS(%) 2022



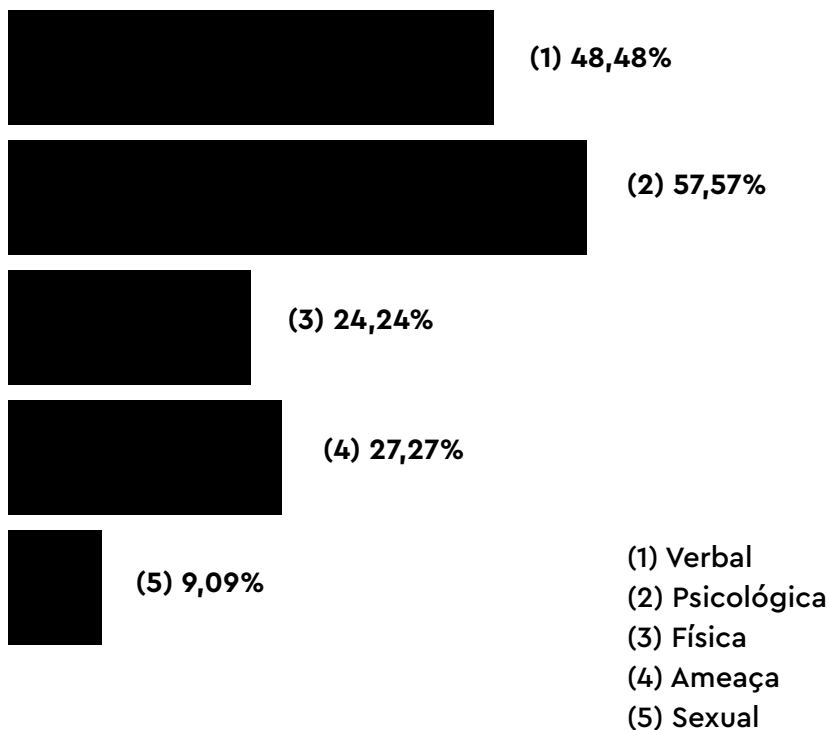
VIOLÊNCIA POLICIAL

Entre as violências policiais sofridas, a **violência psicológica foi a mais relatada (57,57%), seguida da verbal (48,48%), ameaça (27,27%), física (24,24%) e sexual (9,09%).**

No ano de 2019, os dados demonstravam que a violência verbal era a mais comum, seguida da psicológica, ameaça, física e sexual.

GRÁFICO 64

TIPOS DE VIOLÊNCIA POLICIAL SOFRIDAS(%) 2022



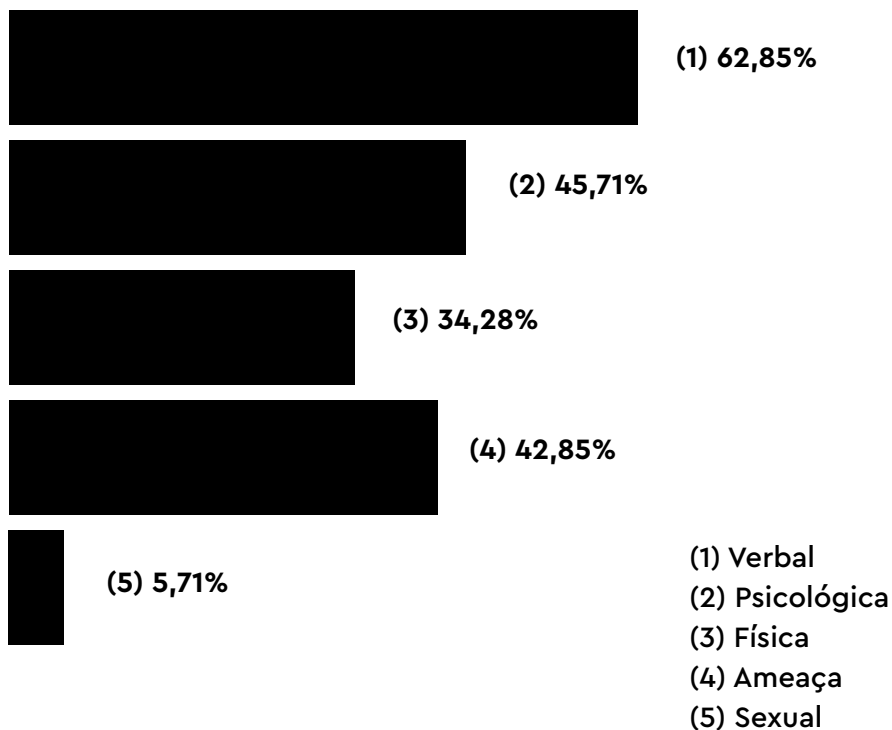
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG - 2022

Entre as violências policiais presenciadas, **62,85% presenciaram violência verbal, 45,71% psicológica, 42,85% física, 34,28% ameaça e 5,71% sexual.**

No ano de 2019, a sequência das violências mais presenciadas foi: verbal, psicológica, física, ameaça, sexual.

GRÁFICO 65
TIPOS DE VIOLÊNCIA POLICIAL PRESENCIADAS(%) 2022



ACOLHIMENTO PELA POLÍCIA

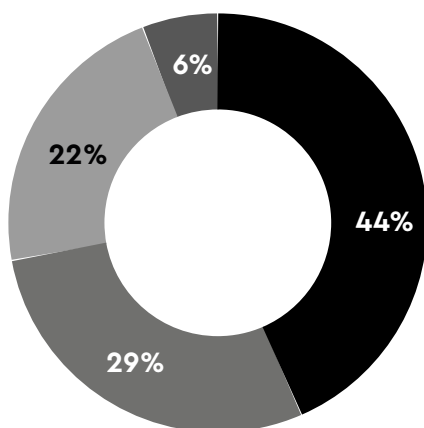
5,75% das pessoas LGBTQIA+ afirmaram se sentir muito acolhidos(as) pela polícia, 22,01% acolhidos(as), 43,5% pouco acolhidos(as) e 28,91% nada acolhidos(as).

Em 2019 esses números eram de 2,1% muito acolhidos(as), 17,4% acolhidos(as), 48,9% pouco acolhidos(as), 28,7% nada acolhidos(as).

GRÁFICO 66
SENTIMENTO DE ACOLHIMENTO PELA POLÍCIA
POR PARTE DE PESSOAS LGBT+(%) 2022

- Nada
- Muito acolhido
- Acolhido
- Pouco acolhido

84



Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

ACOLHIMENTO POLICIAL EM CASOS DE LGBTFOBIA

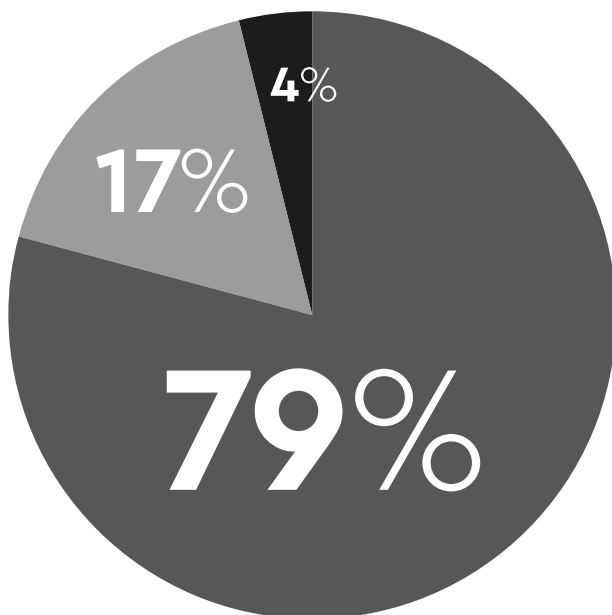
Questionados(as) se "já precisaram acionar a polícia para a sua segurança ou de outra pessoa, devido a discriminação e/ou intolerância a identidade de gênero ou orientação sexual", somente 17% acionaram. 79,25% não tiveram a necessidade de acionar e 3,75% preferiram não denunciar.

Durante a última parada, observou-se que 17,6% já haviam acionado a polícia, 72,3% não acionaram e 3,27% preferiram não acionar.

GRÁFICO 67

ACIONAMENTO DA POLÍCIA EM RAZÃO DE LGBTFOBIA(%) 2022

- Sim
- Não
- Não quis denunciar



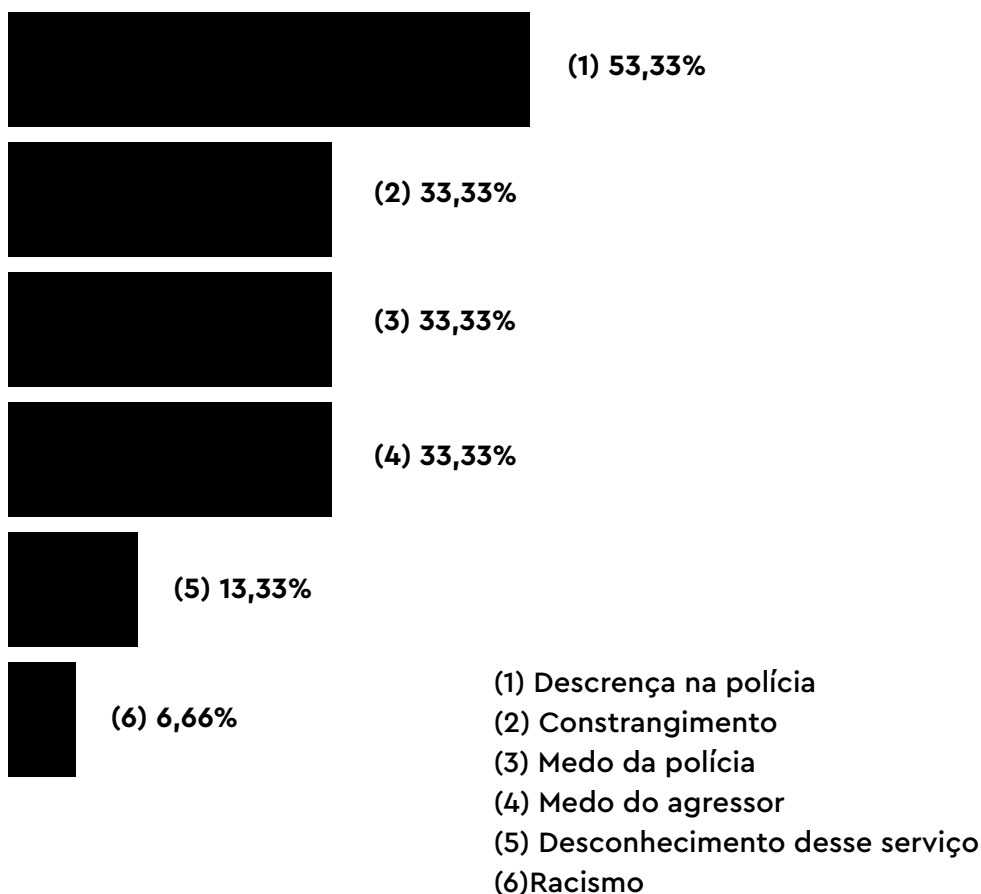
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Dentre aqueles(as) que não quiseram denunciar à polícia, as razões apontadas foram: descrença na polícia (53,33%), constrangimento (33,33%), medo da polícia (33,33%), medo do agressor (33,33%), desconhecimento dos serviços (13,33%), racismo (6,66%).

GRÁFICO 68

MOTIVOS QUE LEVARAM A NÃO ACIONAR A POLÍCIA(%) 2022

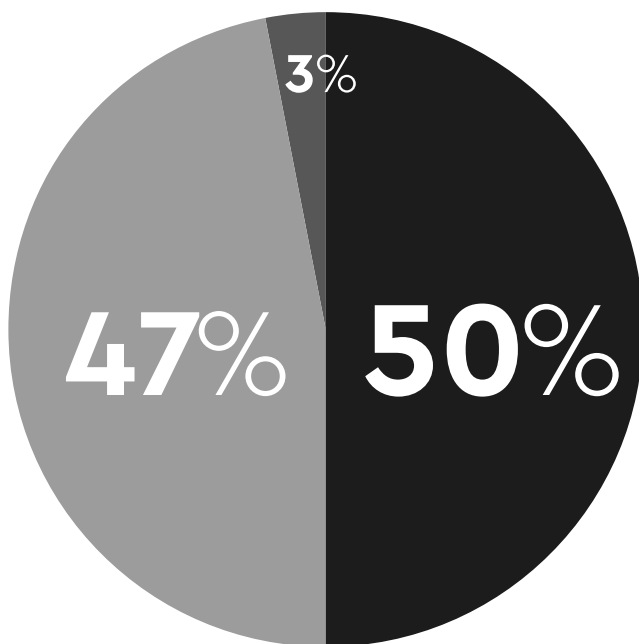


Entre os(as) participantes que acionaram a polícia por motivo de discriminação e/ou intolerância baseada em orientação sexual e/ou identidade de gênero, 50% não tiveram sua demanda atendida, enquanto 47,05% tiveram sua demanda atendida. Além disso, 2,94% não souberam responder.

Comparado com a última parada, nota-se que os dados foram 52,9% não tiveram sua demanda atendida, enquanto 41,4% tiveram.

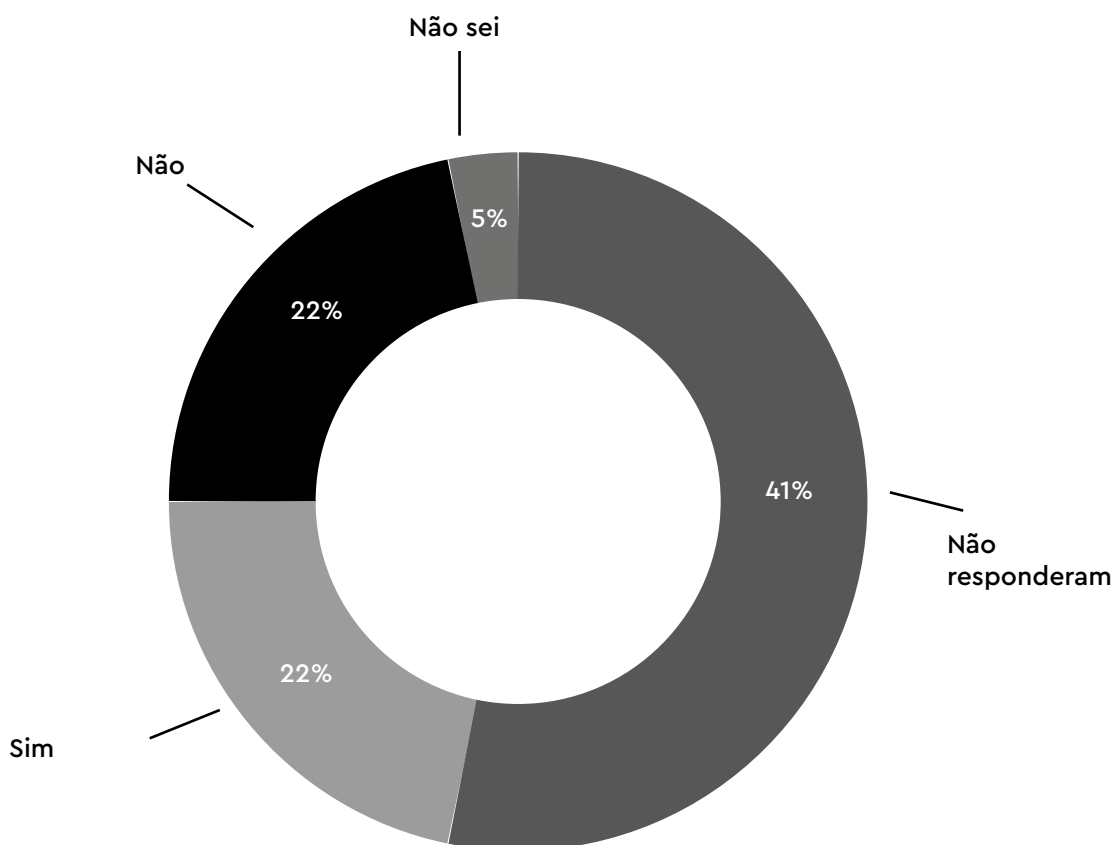
GRÁFICO 69 SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO AO ATENDIMENTO POLICIAL(%) 2022

- Sim
- Não
- Não sei



Quando perguntados(as) sobre o modo como a ocorrência teria sido registrada, **22,05% responderam que foi devidamente registrada como discriminação ou intolerância à identidade de gênero e/ou orientação sexual, enquanto 22,05% responderam que não.** Para além disso, 52,94% não responderam e 2,94% não souberam responder.

GRÁFICO 70
A OCORRÊNCIA POLICIAL FOI DEVIDAMENTE REGISTRADA COMO DISCRIMINAÇÃO OU INTOLERÂNCIA À IDENTIDADE DE GÊNERO E/OU ORIENTAÇÃO SEXUAL?(%) 2022



Fonte
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

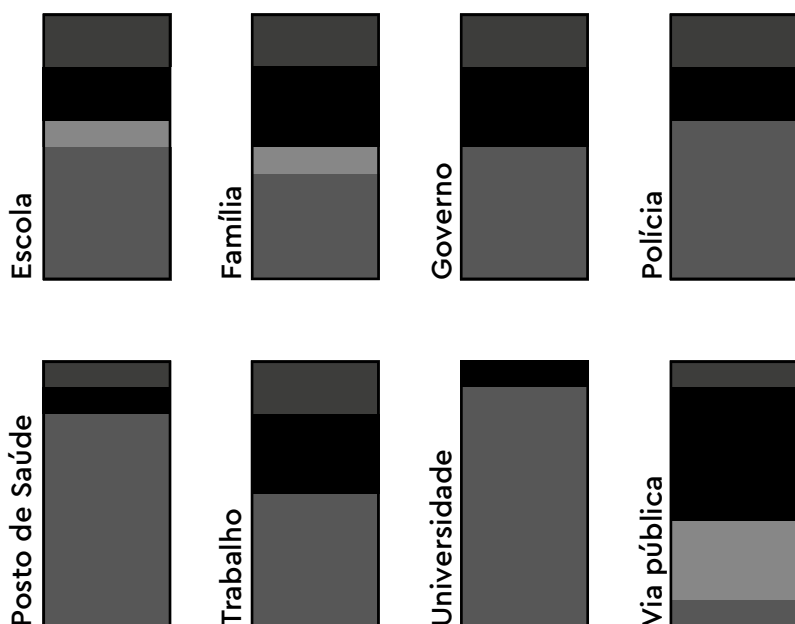
Dados sobre violência contra Pessoas Trans e Travestis

Em razão das particularidades relacionadas ao acesso a direitos e da maior incidência de violência contra a população transexual e travesti, este bloco oferece uma análise cuidadosa e em separado dos dados levantados junto a esse grupo.

Somente 10 dos(as) entrevistados(as) da 23ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte se identificavam como transexuais e travestis, correspondendo a 2,5% do total de entrevistados(as).

GRÁFICO 71 RELAÇÃO SEGURANÇA E LUGAR – TRANS E TRAVESTIS 2022

- Sofreu e presenciou
- Sofreu
- Presenciou
- Não sofreu nem presenciou ou não sabe



Fonte
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

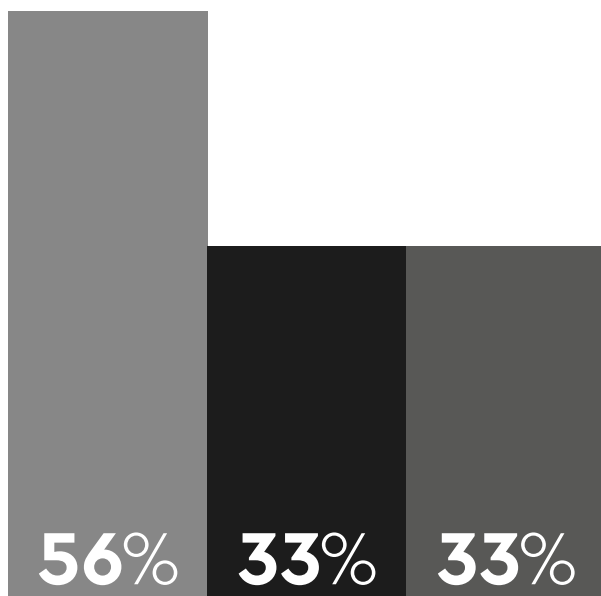
Mais da metade dos(as) participantes trans e travestis (55,55%) sofreram violência no âmbito familiar, enquanto 33,33% já presenciaram, e 33,33% não sofreram e/ou presenciaram.

Comparado com 2019, 50% relataram ter sofrido algum tipo de violência, e 53,3% já presenciaram.

GRÁFICO 72

VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA – TRANS E TRAVESTIS(%) 2022

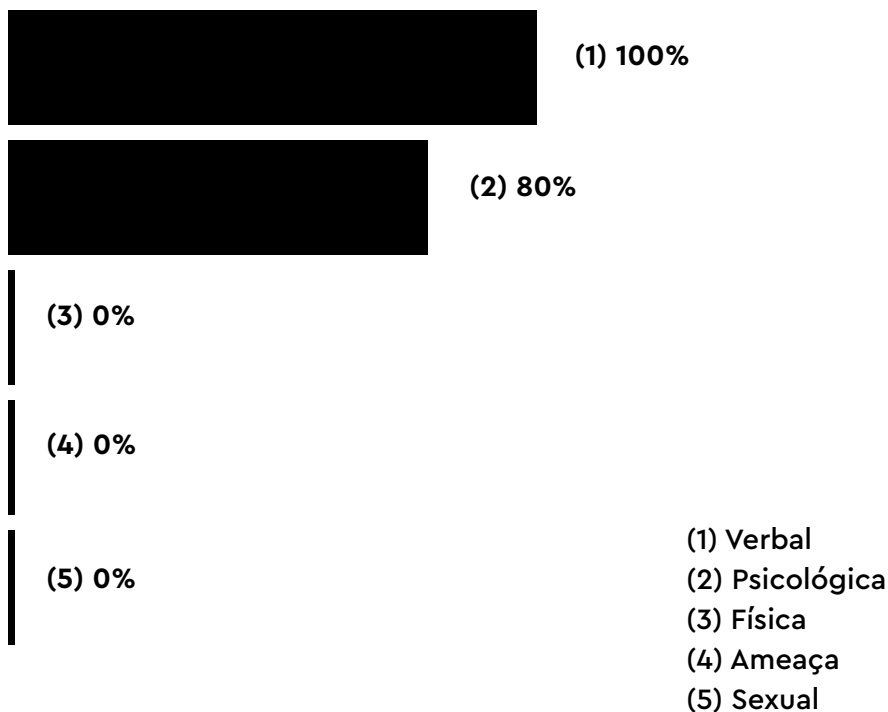
- Sofreu
- Presenciou
- Não sofreu e/ou presenciou



Entre os tipos de violência sofridas¹⁵, **todos(as) os(as) participantes que sofreram algum tipo de violência na família sofreram violência verbal e 80% a psicológica.**

¹⁵ De igual modo, aqui os dados serão calculados utilizando como base a resposta de trans e travestis que responderam já terem sofrido ou já terem presenciado no ambiente. Com relação aos dados relacionados às violências presenciadas, será utilizado com base a resposta de trans e travestis que disseram já terem presenciado ou já terem sofrido e presenciado.

GRÁFICO 73
TIPOS DE VIOLÊNCIA SOFRIDA NAS FAMÍLIAS –
TRANS E TRAVESTIS(%) 2022

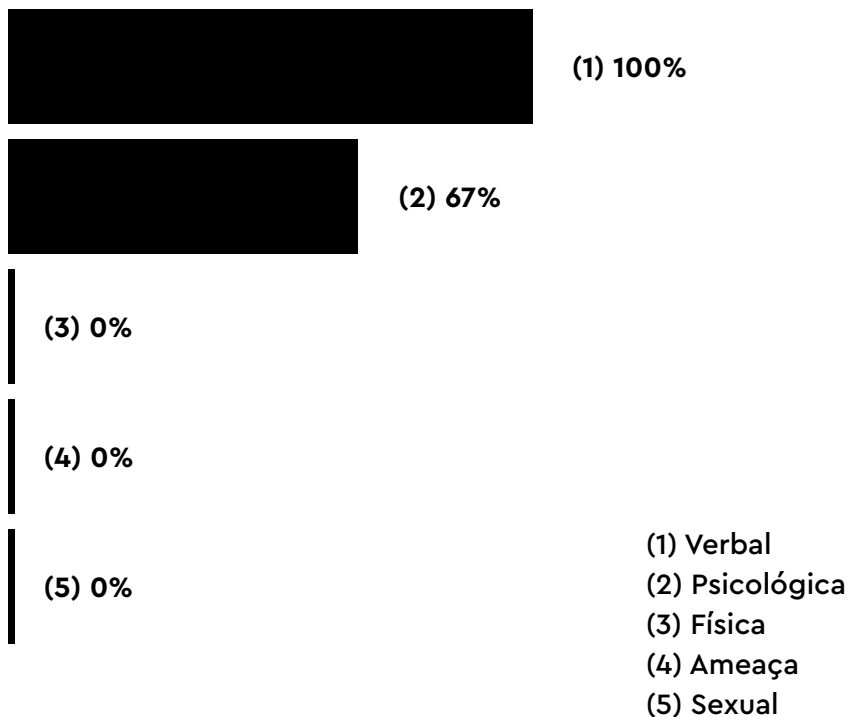


Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Com relação aos tipos de violência presenciadas, **todos(as) os(as) que presenciaram alguma violência no âmbito familiar presenciaram a verbal, enquanto 66,66% a psicológica.**

GRÁFICO 74
TIPOS DE VIOLÊNCIA PRESENCIADAS NAS FAMÍLIAS –
TRANS E TRAVESTIS(%) 2022



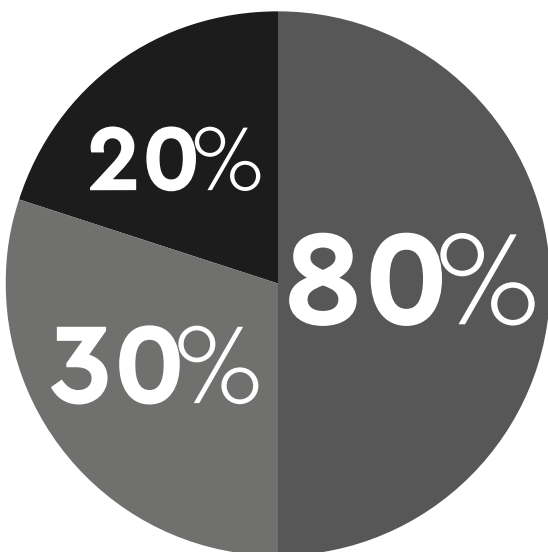
ACOLHIMENTO NA FAMÍLIA

50% das pessoas transexuais e travestis relataram se sentir muito acolhidos(as) no âmbito familiar, 20% pouco acolhidos(as) e 30% nada acolhidos(as).

Em 2019 essa porcentagem era de 36,4% muito acolhido(a), 22,7% acolhido(a), 22,6% pouco acolhido(a), 18,2% nada acolhido(a).

GRÁFICO 75 SENTIMENTO DE ACOLHIMENTO PELAS FAMÍLIAS – TRANS E TRAVESTIS(%) 2022

- Nada
- Muito acolhido
- Acolhido
- Pouco acolhido



Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

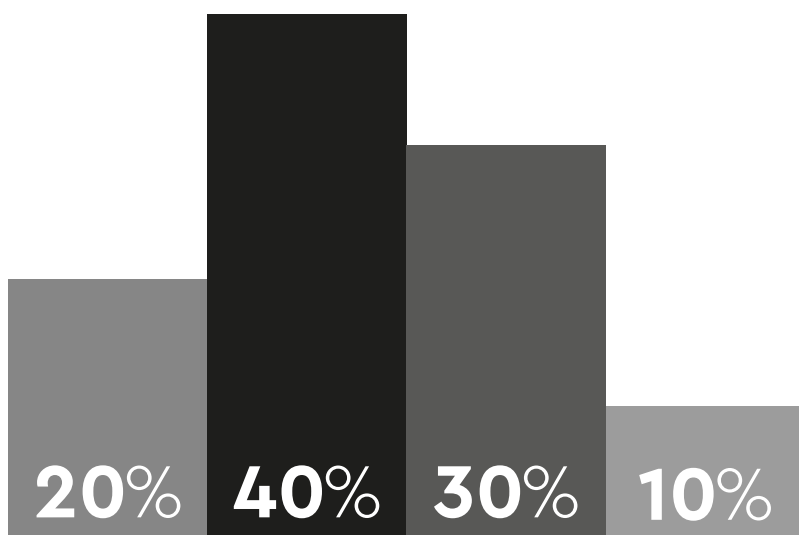
VIOLÊNCIA NO AMBIENTE EDUCACIONAL

20% dos(as) entrevistados(as) transexuais e travestis possuem o fundamental completo, 40% o médio completo, 30% o ensino superior incompleto e 10% o superior completo.

Comparando com a última edição, tinha-se: 9,1% fundamental incompleto, 4,5% fundamental completo, 13,6% médio incompleto, 31,8% médio completo, 18,2% superior incompleto, 13,6% superior completo, 9,1% pós-graduação.

GRÁFICO 76
ESCOLARIDADE TRANS E TRAVESTIS(%) 2022

- Fundamental completo
- Médio completo
- Superior incompleto
- Superior completo



Fonte

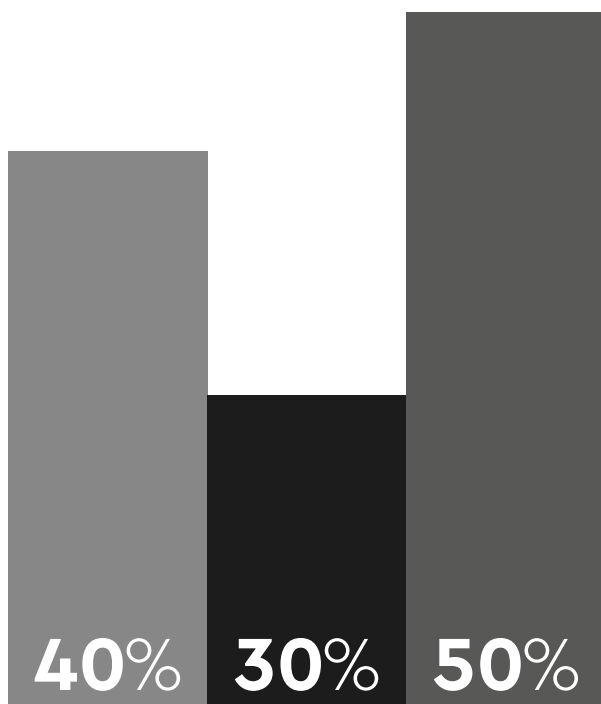
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

40% dos(as) entrevistados(as) trans e travestis sofreram violência nas escolas, 30% já presenciaram, e 50% não sofreram nem presenciaram.

GRÁFICO 77

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS – TRANS E TRAVESTIS(%) 2022

- Sofreu
- Presenciou
- Não sofreu e/ou presenciou

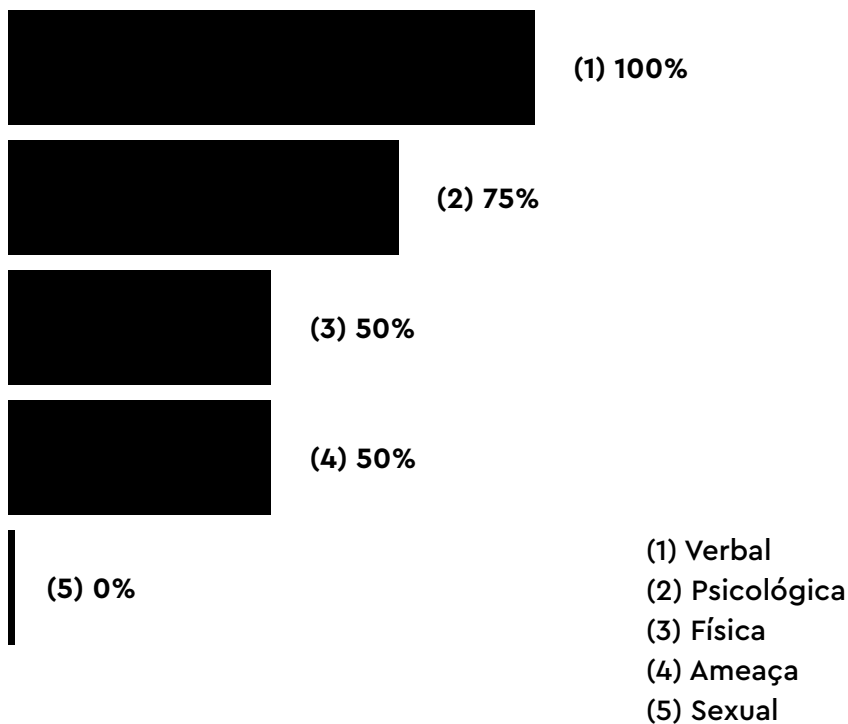


Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

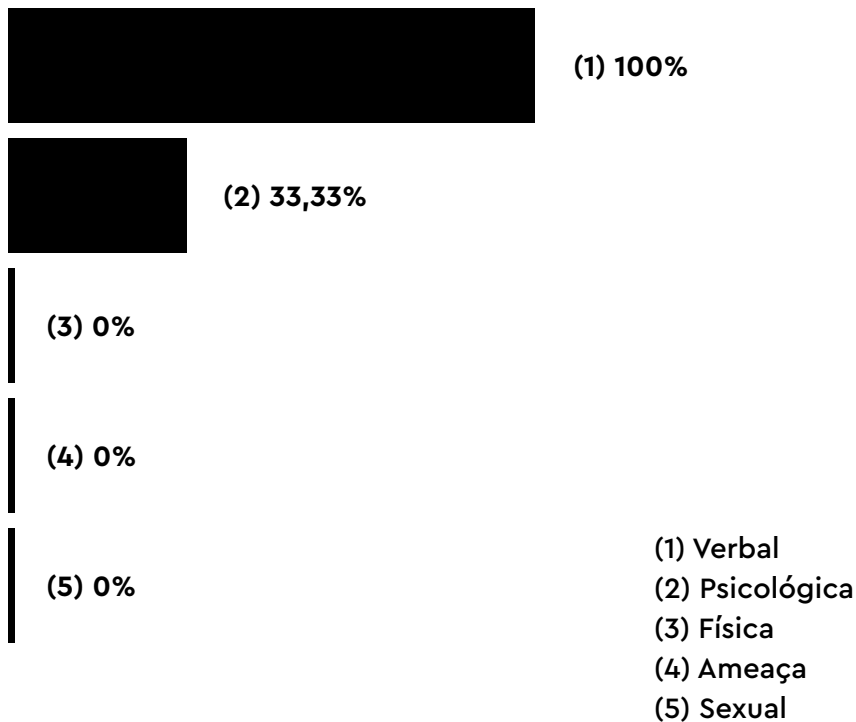
Dentre aqueles(as) que sofreram violências nas escolas, **todos(as) enfrentaram violência psicológica, 75% já sofreram violência verbal, 50% ameaça e 50% física.**

GRÁFICO 78
TIPO DE DE VIOLÊNCIA SOFRIDA NAS ESCOLAS –
TRANS E TRAVESTIS(%) 2022



Daqueles(as) que presenciaram violência nas escolas, **todos(as) presenciaram violência verbal e 33,33% psicológica.**

GRÁFICO 79
TIPOS DE VIOLÊNCIA PRESENCIADA NAS ESCOLAS –
TRANS E TRAVESTIS(%) 2022



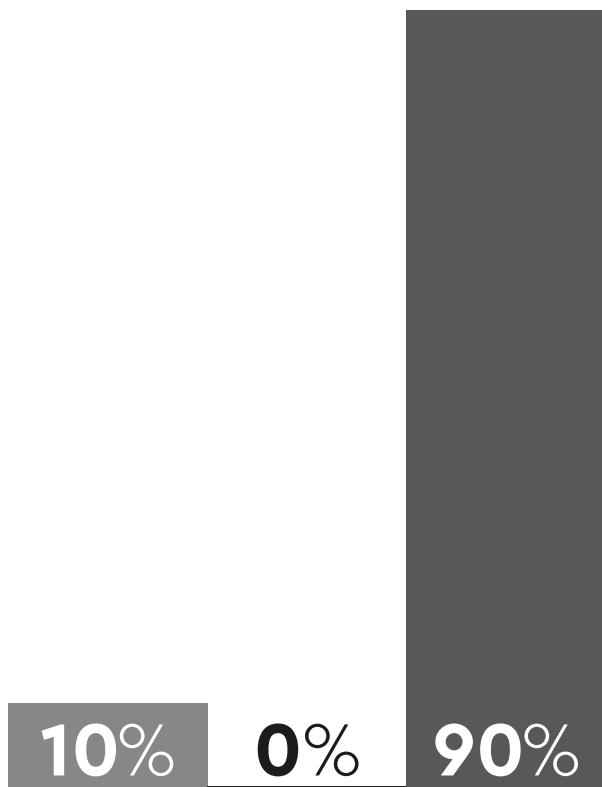
Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Em relação às violências nas universidades, **10% dos(as) entrevistados(as) sofreram algum tipo de violência**. Desses 10%, **violência verbal, psicológica e ameaça foram vivenciadas por todos(as)**.

GRÁFICO 80
VIOLÊNCIA NAS FACULDADES – TRANS E TRAVESTIS(%) 2022

- Sofreu
- Presenciou
- Não sofreu e/ou presenciou



Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

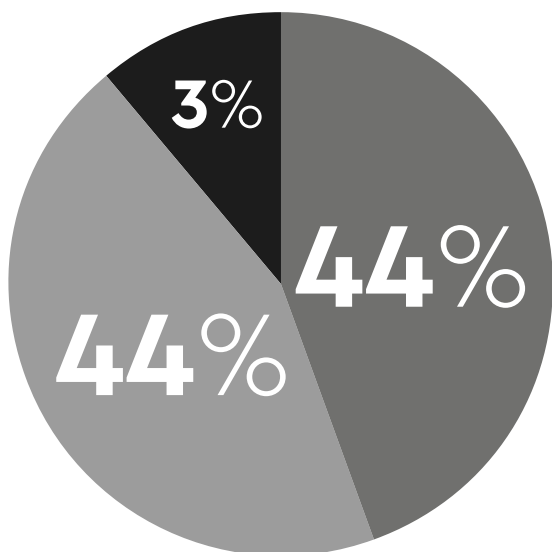
ACOLHIMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR

Quando perguntados(as) sobre a sensação de acolhimento no ambiente escolar **44,44 se sentem acolhidos(as), 11,11% pouco acolhidos(as) e 44,44% nada acolhidos(as).**

No ano de 2019, esses dados eram: 22,7% muito acolhidos(as), 27,3% acolhidos(as), 27,3% pouco acolhidos(as), 18,2% nada acolhidos(as).

GRÁFICO 81
SENSAÇÃO DE ACOLHIMENTO NAS ESCOLAS
- TRANS E TRAVESTIS(%) 2022

- Nada
- Muito acolhido
- Acolhido
- Pouco acolhido



Fonte

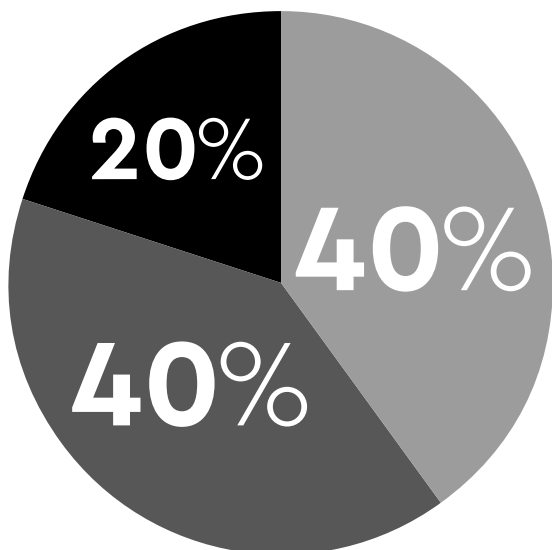
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Nas **universidades**, **40%** sentem-se **muito acolhidos(as)**, **40%** **acolhidos(as)** e **20%** **pouco acolhidos(as)**.

Na última edição, os dados encontrados foram: 13,6% muito acolhidos(as), 27,3% acolhidos(as), 9,1% pouco acolhidos(as).

GRÁFICO 82
SENSAÇÃO DE ACOLHIMENTO NAS UNIVERSIDADES
- TRANS E TRAVESTIS(%) 2022

- Nada
- Muito acolhido
- Acolhido
- Pouco acolhido

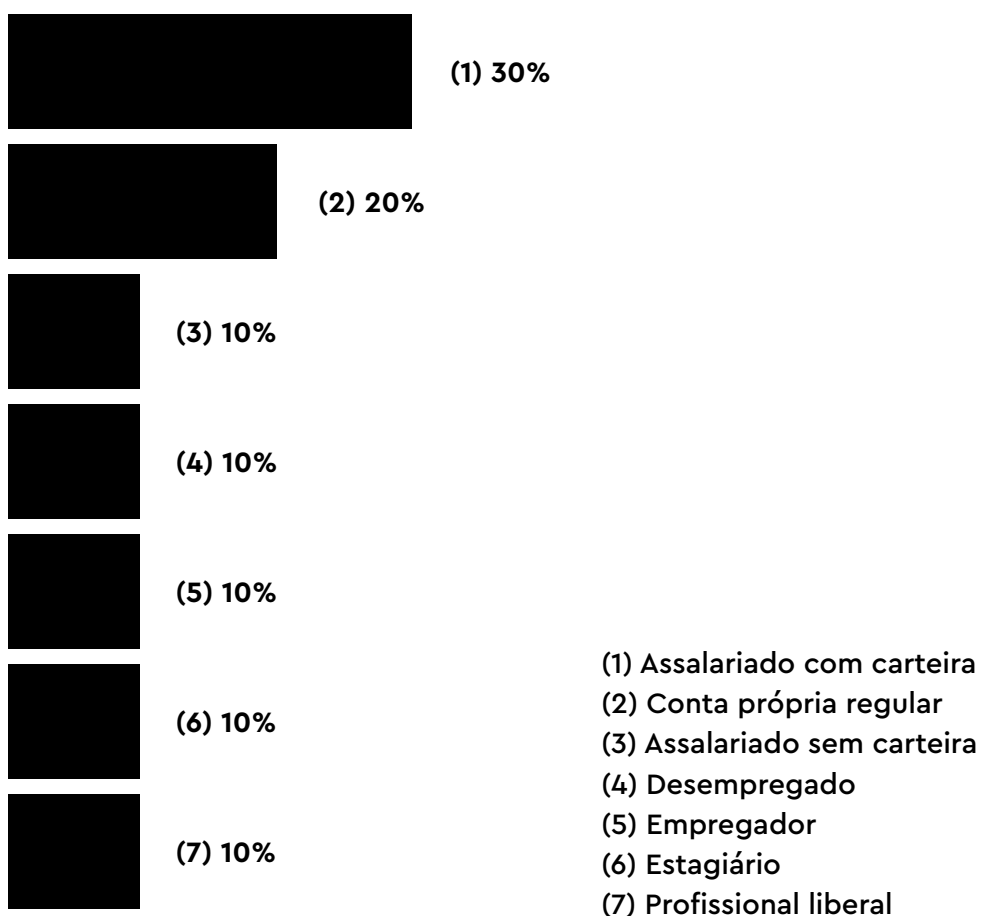


VIOLÊNCIA NO TRABALHO

Quando perguntados(as) sobre a ocupação atual, **10% encontravam-se desempregados(as), enquanto 90% encontravam-se em uma ocupação.**

Em 2019 22,7% dos(as) entrevistados(as) trans e travestis estavam desempregados(as).

GRÁFICO 83
OCUPAÇÃO – TRANS E TRAVESTIS(%) 2022

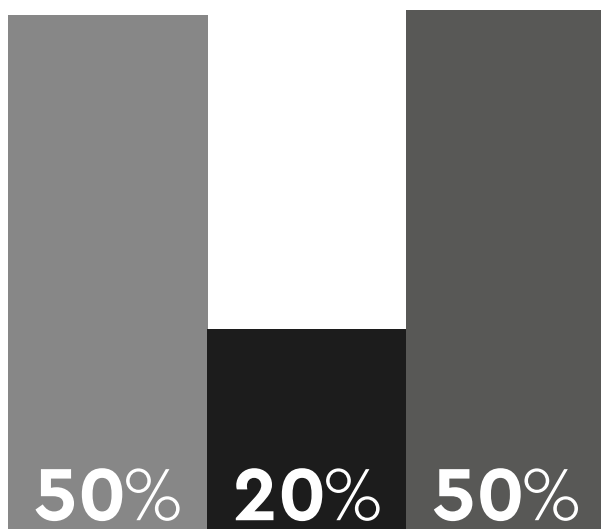


50% das pessoas travestis e transexuais entrevistadas sofreram violência no trabalho, 20% já presenciaram e 50% não sofreram, nem presenciaram.

Durante a última edição da Parada LGBT, 42,8% dos(as) entrevistados(as) nessa categoria afirmaram terem sofrido violência no trabalho, e 41,6% já presenciaram.

GRÁFICO 84 VIOLÊNCIA NO TRABALHO – TRANS E TRAVESTIS(%) 2022

- Sofreu
- Presenciou
- Não sofreu e/ou presenciou

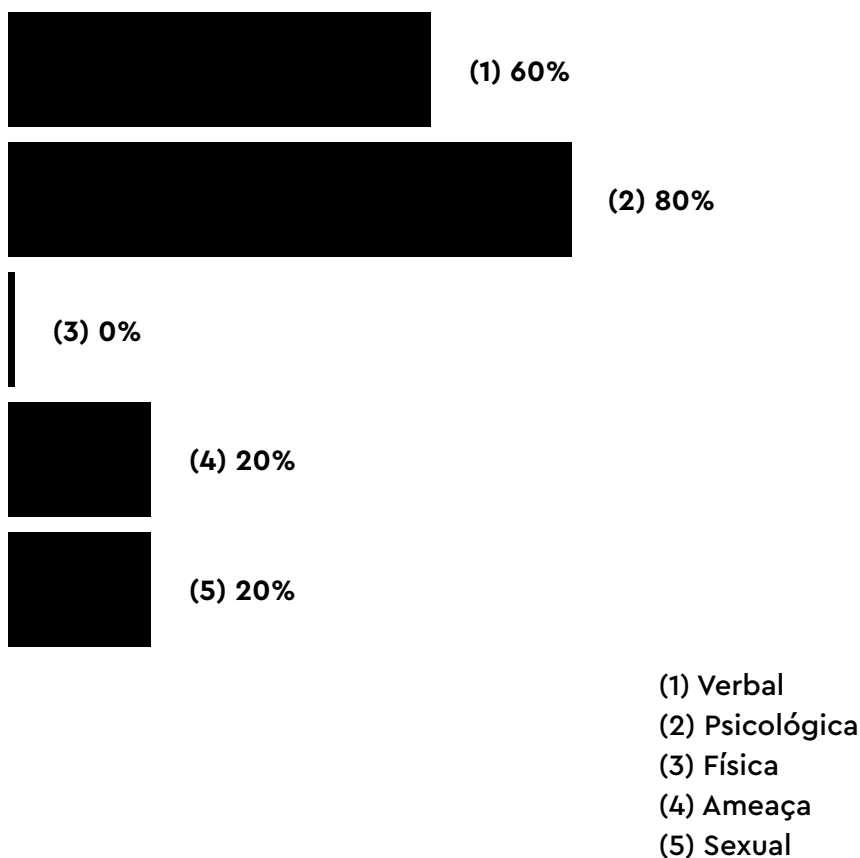


Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

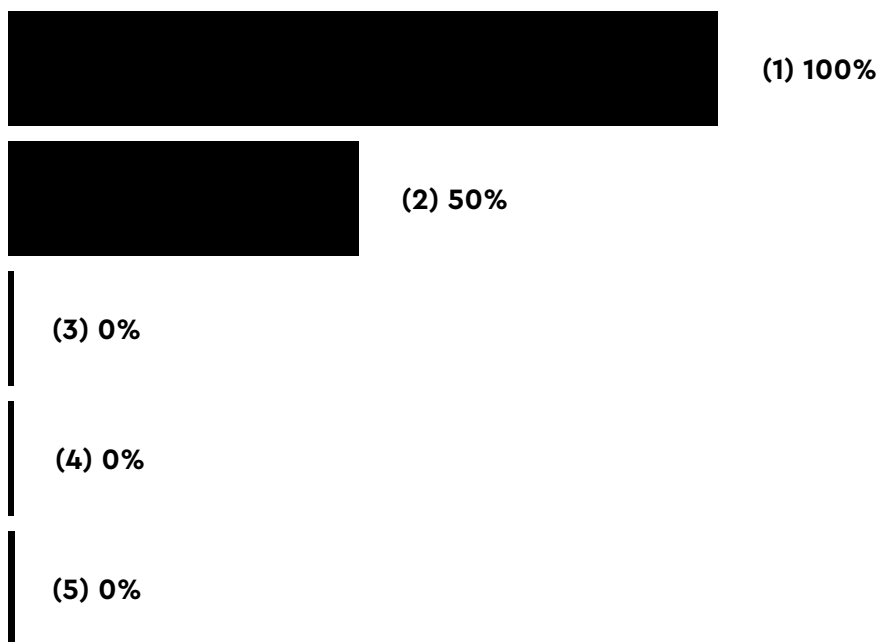
Os tipos de violências LGBTfóbicas mais comuns sofridas no trabalho foram: **psicológica (80%), verbal (60%), ameaça (20%) e a sexual (20%).**

GRÁFICO 85
TIPO DE VIOLÊNCIA SOFRIDA NO TRABALHO -
TRANS E TRAVESTIS(%) 2022



Dentre as pessoas trans e travestis que presenciaram violência no ambiente de trabalho, **todos(as) presenciaram violência verbal e 50% psicológica.**

GRÁFICO 86
TIPO DE VIOLÊNCIA PRESENCIADA NO TRABALHO -
TRANS E TRAVESTIS(%) 2022



- (1) Verbal
- (2) Psicológica
- (3) Física
- (4) Ameaça
- (5) Sexual

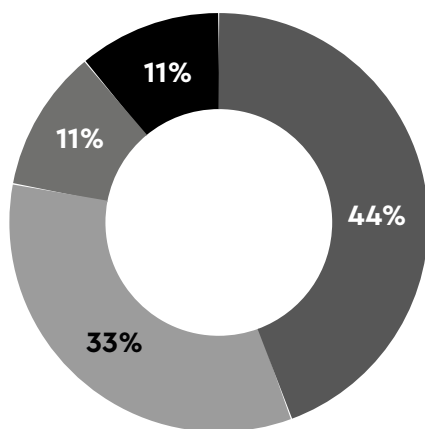
ACOLHIMENTO NO TRABALHO

Com relação ao sentimento de acolhimento de pessoas trans e travestis no trabalho, **44,44% se sentem muito acolhidos(as), 33,33% acolhidos(as), 11,11% pouco acolhidos(as) e 11,11% nada acolhidos(as).**

Em 2019 esses dados eram: 31,8% muito acolhidos(as), 22,7% acolhidos(as), 27,3% pouco acolhidos(as).

GRÁFICO 87 DOMICÍLIO DOS RESPONDENTES

- Nada
- Muito acolhido
- Acolhido
- Pouco acolhido



Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

VIOLÊNCIA EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

Conforme a portaria nº 1.820 do Ministério da Saúde, é garantida a todas as pessoas transexuais e travestis a utilização do nome social nos atendimentos realizados no Sistema Único de Saúde (SUS). **Todas as pessoas trans e travestis entrevistadas relataram utilizar o nome social no SUS.** No entanto, entre elas, **71,42% afirmaram já terem sofrido algum tipo de constrangimento em decorrência da utilização do nome social, enquanto 28,57 relataram não terem sofrido.**

Com relação à **utilização de hormônios, 50% dos(as) entrevistados(as) trans e travestis fazem uso de hormônios, 10% fizeram, mas pararam e 40% nunca fizeram uso.**

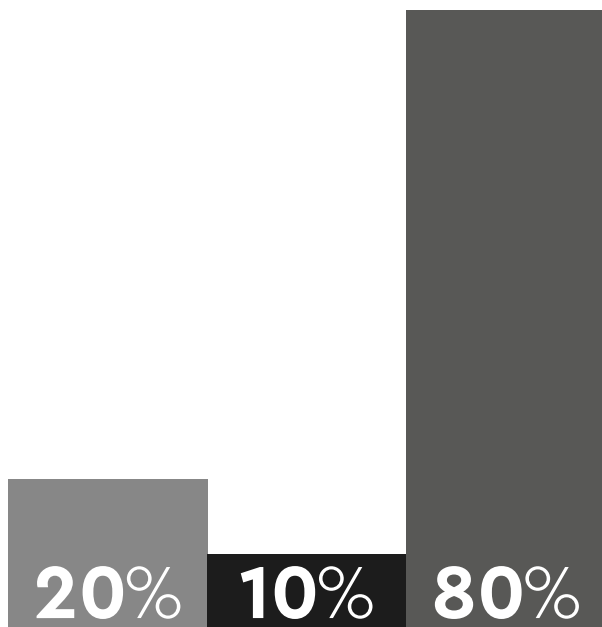
A **aplicação hormonal, entre aqueles(as) que responderam fazer uso, ocorreu em sua maioria com acompanhamento pelo SUS (60%), 20% realizam em clínicas particulares e 20% fazem autoaplicação.**

Entre aqueles(as) que fizeram uso, mas pararam, o motivo foi com base nos efeitos adversos do tratamento.

Dos(as) entrevistadas(os), **20% sofreram violência em postos de saúde e hospitais, 10% já presenciaram e 80% nem sofreram nem presenciaram.**

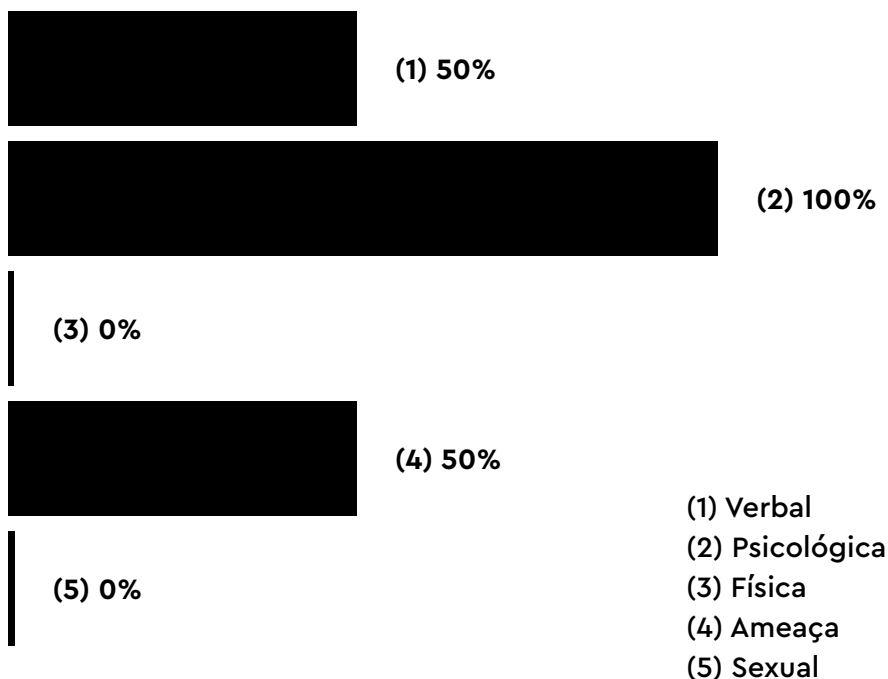
GRÁFICO 88
VIOLÊNCIA SAÚDE – TRANS E TRAVESTIS(%) 2022

- Sofreu
- Presenciou
- Não sofreu e/ou presenciou



Acerca das violências sofridas, todos(as) os(as) que foram vítimas de alguma violência relataram ter vivenciado a psicológica, além disso 50% sofreram violência verbal, e 50% ameaça.

GRÁFICO 89
VIOLÊNCIA SOFRIDA SAÚDE – TRANS E TRAVESTIS(%) 2022



Fonte
Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Com relação as violências presenciadas, **todos(as)** presenciaram **ameaça**.

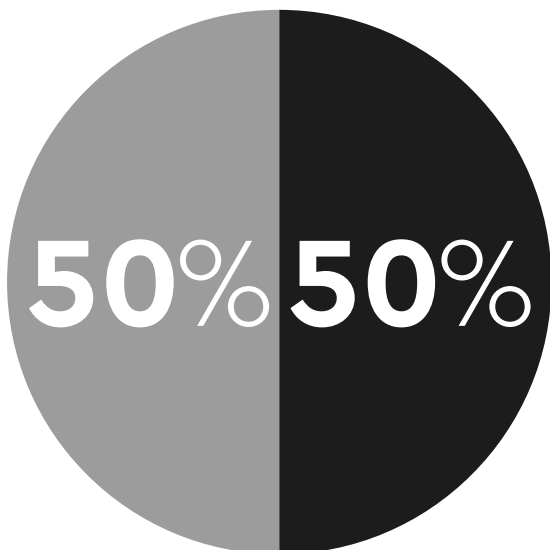
ACOLHIMENTO EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

50% das pessoas transexuais e travestis entrevistadas se sentem acolhidos(as), e 50% pouco acolhidos(as) nas instituições de saúde.

Em 2019, 22,7% das pessoas transexuais e travestis se sentiam muito acolhidos(as), 31,8% acolhidos(as), 36,4% pouco acolhidos(as) e 9,1% nada acolhidos(as).

GRÁFICO 90 SENTIMENTO DE ACOLHIMENTO SAÚDE - TRANS E TRAVESTIS(%) 2022

- Nada
- Muito acolhido
- Acolhido
- Pouco acolhido



Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG - 2022

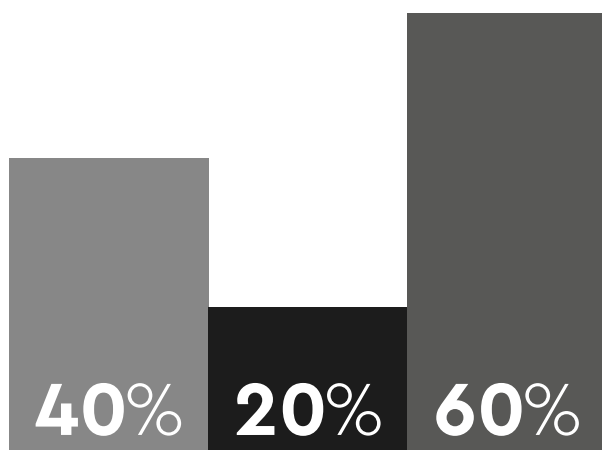
VIOLÊNCIA POLICIAL

40% das pessoas trans e travestis sofreram algum tipo de discriminação ou violência realizada pela polícia em decorrência da identidade de gênero ou orientação sexual, e 20% já presenciaram.

GRÁFICO 91

VIOLÊNCIA POLICIAL – TRANS E TRAVESTIS(%) 2022

- Sofreu
- Presenciou
- Não sofreu e/ou presenciou

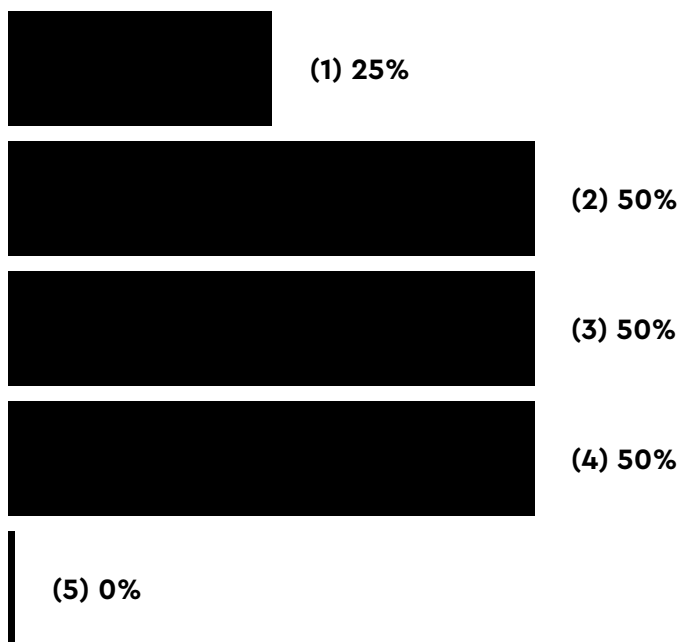


Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

Dentre aqueles(as) que já sofreram algum tipo de violência, **50% sofreram ameaça, 50% violência física, 50% psicológica e 25% verbal.**

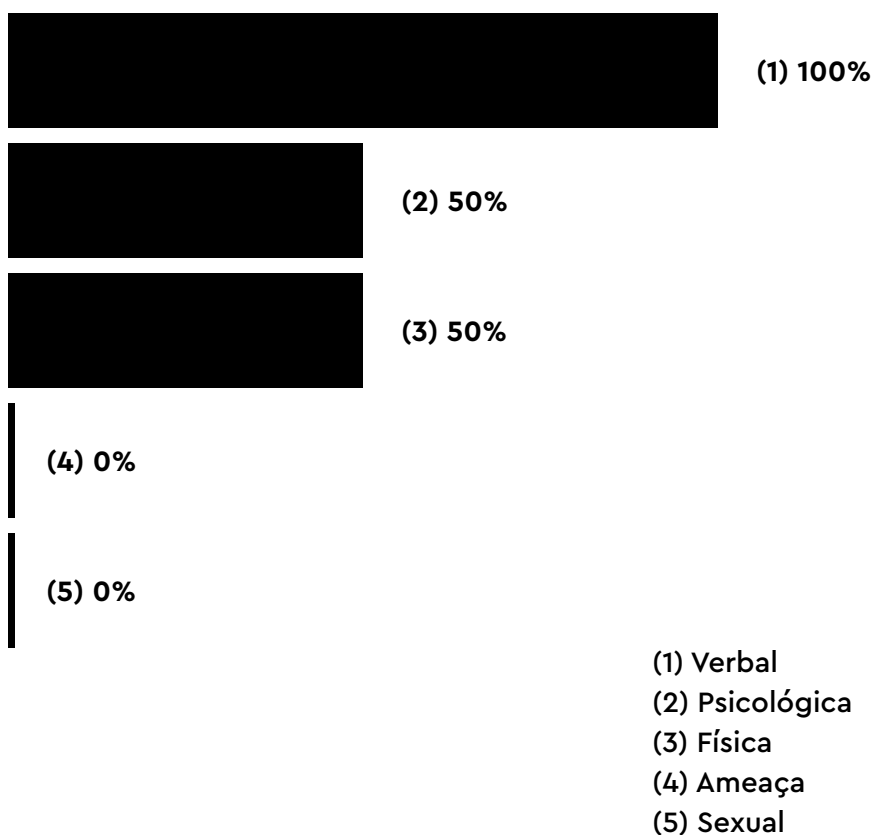
GRÁFICO 92
DOMICÍLIO DOS RESPONDENTES



- (1) Verbal
- (2) Psicológica
- (3) Física
- (4) Ameaça
- (5) Sexual

Das violências presenciadas as mais comuns foram: verbal (50%), psicológica (50%), física (50%).

GRÁFICO 93
TIPOS DE VIOLÊNCIAS PRESENCIADAS –
TRANS E TRAVESTIS(%) 2022



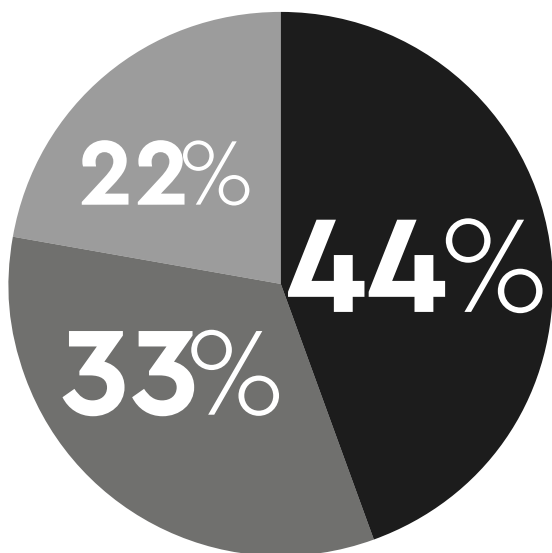
ACOLHIMENTO PELA POLICIA

22,22% das pessoas trans e travestis se sentem acolhidos(as) pela polícia, 44,44% pouco acolhidos(as) e 33,33% nada acolhidos(as).

Na última edição esses dados foram: 2,1% muito acolhidos(as), 17,4% acolhidos(as), 48,9% pouco acolhidos(as), 28,7% nada acolhidos(as).

GRÁFICO 94
SENSAÇÃO DE ACOLHIMENTO POLÍCIA –
TRANS E TRAVESTIS(%) 2022

- Nada
- Muito acolhido
- Acolhido
- Pouco acolhido



ACIONAMENTO POLICIAL EM CASOS DE TRANSFOBIA

60% dos(as) entrevistados(as) trans e travestis já acionaram a polícia para a sua segurança ou de outros, enquanto 40% não precisaram.

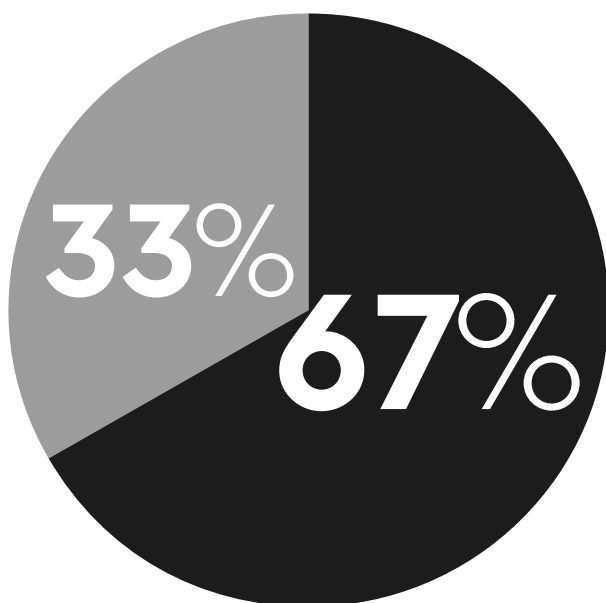
Dentre aqueles(as) que precisaram acionar a polícia, somente **33,33%** tiveram suas demandas atendidas e 66,66% não tiveram as demandas atendidas.

Já em relação ao devido registro da ocorrência como intolerância e/ou discriminação à identidade de gênero e/ou orientação sexual, 50% responderam que não sabe, e 50% que foi devidamente registrada.

GRÁFICO 95

A DEMANDA FOI ATENDIDA PELA POLÍCIA?(%) 2022

- Sim
- Não



Fonte

Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ do Diverso UFMG – 2022

VIOLÊNCIA EM ESPAÇOS PÚBLICOS

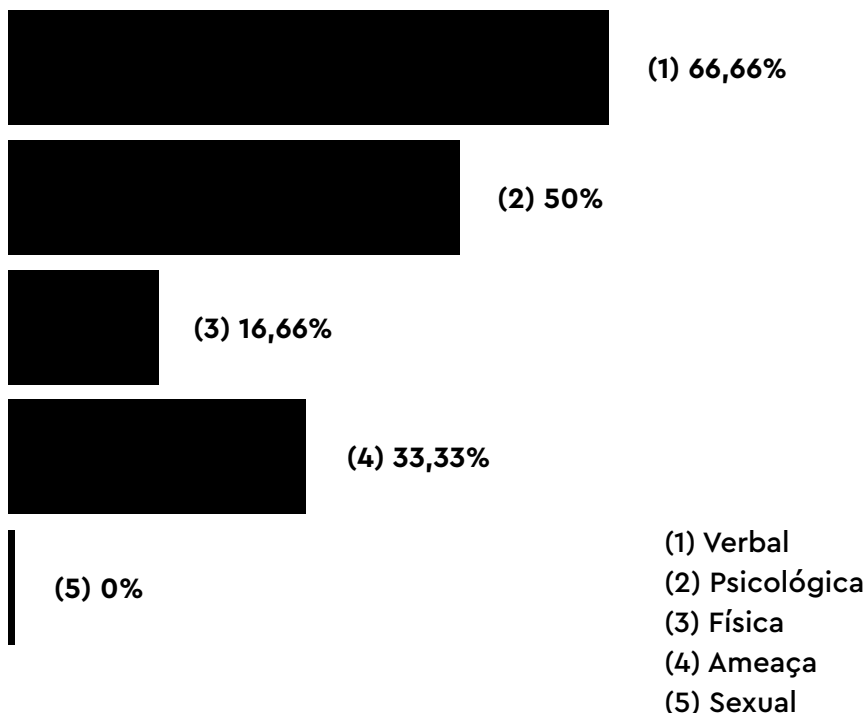
60% das pessoas trans e travestis sofreram algum tipo de violência em espaços públicos e 40% já presenciaram.

Das violências sofridas, as mais comuns foram: **verbal (66,66%)**, **psicológica (50%)**, **ameaça (33,33%)** e **física (16,66%)**.

Dentre as violências presenciadas, as mais comuns foram: **verbal (75%)**, **física (25%)**, **psicológica (25%)**.

GRÁFICO 96

TIPO DE VIOLÊNCIA PRESENCIADA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS - TRANS E TRAVESTIS(%) 2022



Conclusão

Conforme relatado na introdução, o intuito deste Relatório é contribuir para o aumento dos dados referentes à população LGBTQIA+ em uma conjuntura de escassez e invisibilidade. Esses dados foram coletados frente a sujeitos plurais. Não recomendamos olhar para as informações aqui trazidas de modo homogêneo. Devemos ter em mente que estamos inseridos em um contexto no qual as discriminações baseadas na orientação sexual e na identidade de gênero se fundem a aspectos de classe, raça e outras diversas vulnerabilidades.

Não há um único sujeito LGBTQIA+, que sirva de modelo genérico para as reflexões produzidas a seu respeito ou para os dados coletados e apresentados nesta ocasião. Os números aqui obtidos não devem ser vistos como generalizações fixas. O que recomendamos, portanto, é a leitura desses dados com a consciência de que se tratam de índices contextuais, que nos permitem compreender melhor as situações discriminatórias que acometem com mais frequência grupos específicos nesse amplo universo relacionado à sexualidade e à identidade de gênero.

A partir desse esforço coletivo que foi a realização da Pesquisa e deste Relatório, esperamos que este documento possa funcionar de ponto de partida para discussões mais profundas sobre a realidade LGBTQIA+. Sendo assim, a realização desta iniciativa, inserida em um Projeto mais amplo do Diverso UFMG, reflete um desejo do Núcleo de que se tomem ações ante o enfrentamento das violências e discriminações à qual o mundo LGBTQIA+ está, diariamente, exposto.

Não é fruto do acaso, portanto, que o lugar escolhido para a pesquisa seja a Parada de Orgulho LGBT de Belo Horizonte, território de visibilidade, comemoração e rememoração das causas e corpos LGBTQIA+. Em sua 23ª edição estiveram presentes 150 mil participantes, reunião que se mostra ainda mais simbólica por ter sido a primeira após as paralisações pela pandemia da COVID-19. Observa-se que 99% dos presentes na parada eram de Minas Gerais. Dentro desse universo, 61,61% eram de Belo Horizonte e 29,29% da Região Metropolitana.

Esse público é majoritariamente jovem, 70,75% tem até 30 anos e se identifica como negro(a), 56,5%. Ainda, é um público com escolaridade relativamente alta, 32,5% possui o ensino médio completo, 26,25% o superior incompleto, 19,25% o superior completo e 11,5% a pós-graduação.

São pessoas que trabalham (81,75%), mas, por outro lado, 43,75% que não possuem uma renda ou tem uma renda familiar mensal de até 3 salários mínimos. Se identificam, em sua maioria, 85,25%, como cisgênero, e como não-heterossexuais (89,25%).

Em relação ao posicionamento político, encontra-se um público que tem preferência por votar em candidatos LGBTQIA+ (94,25%). Apesar disso, a maioria, 69%, não acredita que os políticos representam os interesses LGBTQIA+, e 79,75% não tem qualquer participação em movimento social, político ou em grupos.

Quanto à religião, 37,5% não possuem uma religião, enquanto 23,5% eram católicos e 11% seguiam religiões de matriz africana. As famílias dos participantes, em sua maioria, 52,5% eram católicas, seguidas de evangélicas (22%).

Observa-se que mais da metade dos(as) participantes da 23ª edição da Parada do Orgulho LGBT já participaram de outras edições (57,5%) e somente 8,26% relataram sentir uma piora quando comparada com as outras edições, 75,25% tiveram suas expectativas satisfeitas ou superadas. Além disso, a maioria, 96,25%, tem vontade de participar das futuras edições. O principal motivo para a participação foi o apoio à causa LGBTQIA+ (68%), seguido da busca por diversão (28%). Para os(as) entrevistados(as) a demanda mais urgente da população LGBTQIA+ é a segurança (43,75%), seguida da conscientização e da visibilidade (21,25%).

No que se refere à violência, 34% dos(as) entrevistados(as) afirmam que já sofreram alguma violência LGBTfóbica, enquanto 29,25% já a presenciaram. O local mais comum para a ocorrência dessas violências é foi a via pública – 74,25% sofreram violência nesse local e 81,19% presenciaram –, o que vai ao encontro da demanda por segurança, considerando-se as ameaças oferecidas pelos espaços públicos a essa população.

No mesmo sentido, quando observamos mais detidamente a população transexual e travesti, 90% desse grupo já presenciou e/ou sofreu violência LGBTfóbica, contra 10% que nunca presenciou e/ou sofreu. As vias públicas seguem sendo o local mais propício para a violência LGBTfóbica, também para a comunidade trans e travesti, de modo que 30% presenciaram, 50% sofreram e 10% sofreram e presenciaram violências nesses espaços.

Metade dos(as) entrevistados(as) não se sentem seguros(as) em demonstrar afeto em público, dado que 51,75% deram notas entre 1 a 5 quanto à sensação de segurança.

Ainda no que tange à segurança, 17% dos(as) entrevistados(as) tiveram que acionar a polícia para a sua segurança ou de outra pessoa, devido a discriminação e/ou intolerância quanto a identidade de gênero ou orientação sexual, e 3,75% preferiram não denunciar. Dentre aqueles(as) que acionaram a polícia, 50% não tiveram suas demandas atendidas. Ademais, 22,05% afirmaram que suas demandas não foram devidamente registradas como discriminação ou intolerância à identidade de gênero e/ou orientação sexual.

O Relatório de Violências Contra Pessoas LGBTQIA+ se mostra, para além de uma fonte de dados, um alerta quanto à necessidade de criação de medidas de proteção e cuidados para essa população. Com o passar do tempo, a série histórica de dados coletados e analisados anualmente permite o exame em perspectiva das demandas e dos problemas que resistem e daquelas questões que parecem ser solucionadas ou ganhar relevância em ocasiões contingenciais. Daí a importância de manutenção desses esforços e da multiplicação de iniciativas dentro e fora das universidades capazes de oferecer material rico e confiável para pesquisas e ações futuras.

Este Relatório escancara um contexto no qual o simples fato de ser LGBTQIA+ possui o potencial de trazer consequências e violências em múltiplos espaços da vida para um indivíduo.

A realização deste Relatório, portanto, busca o **reconhecimento**, a **compreensão** e a **celebração dessas vidas**, com a devida denúncia dessa especial forma de violência que é a LGBTfobia, que ameaça e fere pessoas em razão de sua identidade de gênero e orientação sexual.

O Diverso UFMG se une, assim, àqueles que almejam uma vida com liberdade e dignidade sendo LGBTQIA+, razão pela qual continuaremos a empreender esforços acadêmicos e políticos rumo à efetivação de direitos e à garantia de vidas livres e felizes para essa população.

Referências

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. **Recognition of the Rights of LGBTI Persons**. [S.l.]: Organização dos Estados Americanos, 2018.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. **Violência contra pessoas LGBTI**. [S.l.]: Organização dos Estados Americanos, 2015.

LISBOA, Vinícius. "A gente foi defenestrada da política pública", diz secretária LGBTQIA: Symmy Larrat afirma que cenário atual é de terra arrasada. **Agência Brasil**, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-01/gente-foi-defenestrado-da-politica-publica-diz-secretaria-lgbtqia>. Acesso em: 15 abr. 2023.

